



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

ANO LXX SUP. "D" AO Nº 195 QUARTA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO DE 2015

SECRETARIA-GERAL DA MESA

1ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 55ª LEGISLATURA

SESSÕES ESPECIAIS REALIZADAS NO MÊS DE NOVEMBRO DE 2015

BRASÍLIA - DF

COMPOSIÇÃO DA MESA DO SENADO FEDERAL

Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)

Presidente

Senador Jorge Viana (PT-AC)

1º Vice-Presidente

Senador Romero Jucá (PMDB-RR)

2º Vice-Presidente

Senador Vicentinho Alves (PR-TO)

1º Secretário

Senador Zeze Perrella (PDT-MG)

2º Secretário

Senador Gladson Cameli (PP-AC)

3º Secretário

Senadora Ângela Portela (PT-RR)

4ª Secretária

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

1º - Senador Sérgio Petecão (PSD-AC)

2º - Senador João Alberto Souza (PMDB-MA)

3º - Senador Elmano Férrer (PTB-PI)

4º - Senador Douglas Cintra (PTB-PE)

Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho

Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal

Rogério de Castro Pastori

Diretor da Secretaria de Atas e Diários

Roberta Lys de Moura Rochael

Coordenadora de Elaboração de Diários

Deraldo Ruas Guimarães

Coordenador de Registros e Textos Legislativos de Plenários

Ilana Trombka

Diretora-Geral do Senado Federal

Florian Augusto Coutinho Madruga

Diretor da Secretaria de Editoração e Publicações

José Farias Maranhão

Coordenador Industrial

Quésia de Farias Cunha

Diretora da Secretaria de Registro e Redação Parlamentar

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 202ª SESSÃO, ESPECIAL, EM 12 DE NOVEMBRO DE 2015	5
1.1 – ABERTURA.....	5
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO	
Destinada a Comemorar os 120 anos da assinatura oficial das relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão (120 anos de Amizade Brasil-Japão), nos termos do Requerimento nº 878/2015.....	5
1.2.1 – Execução dos Hinos Nacionais do Japão e do Brasil	
1.2.2 – Apresentação do Grupo Matsuri Daiko Brasília de tambores japoneses	
1.2.3 – Oradores	
Sr. Wilson Nélio Brumer, Cônsul-Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte.....	5
Srª Chieko Aoki, Fundadora e Presidente da Rede Blue Tree de Hotéis	7
Sr. Monge Shôjo Sato, Responsável pelo Templo Budista de Brasília	9
Deputado William Woo.....	10
Sr. Kunio Umeda, Embaixador do Japão	10
1.2.4 – Fala da Presidência (Senador Jorge Viana)	12
1.2.5 – Oradores (continuação)	
Senador Hélio José.....	14
Senador Flexa Ribeiro	20
1.2.6 – Fala da Presidência (Senador Wellington Fagundes)	22
1.2.7 – Execução do áudio “Uma História de Amizade” (120 anos do tratado Brasil-Japão)	
1.3 – ENCERRAMENTO.....	25
2 – ATA DA 204ª SESSÃO, ESPECIAL, EM 16 DE NOVEMBRO DE 2015	26
2.1 – ABERTURA.....	26
2.2 – FINALIDADE DA SESSÃO	
Destinada a comemorar o 156º aniversário da Igreja Presbiteriana do Brasil e 145º aniversário da Instituição Mackenzie.	26
2.2.1 – Execução do Hino Nacional Brasileiro	
2.2.2 – Apresentação do Quarteto Gideões	
1.2.3 – Oradores	
Senador Roberto Rocha	26
Senador Hélio José.....	28
Sr. Mauricio Melo de Meneses, Presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie	29
Sr. Benedito Guimarães Aguiar Neto, Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie	31
Sr. José Inácio Ramos, Presidente do Conselho Deliberativo Mackenzie	32
Sr. Juarez Marcondes Filho, Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil.....	33
Sr. Roberto Brasileiro Silva, Presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil.....	33
2.2.3 – Fala da Presidência (Senador José Medeiros)	35
2.2.4 – Oradores (continuação)	
Sr. Valter Moura, Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil em Brasília.....	38
2.3 – ENCERRAMENTO.....	38
3 – ATA DA 213ª SESSÃO, ESPECIAL, EM 26 DE NOVEMBRO DE 2015	39
3.1 – ABERTURA.....	39
3.2 – FINALIDADE DA SESSÃO.....	39
Destinada comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra e entregar a Comenda Abdias Nascimento, em sua segunda edição, nos termos dos Requerimentos nºs 688 e 1.180/2015	39
3.2.1 – Execução do Hino Nacional Brasileiro pelo Coral do Senado Federal	
3.2.2 – Fala da Presidência (Senador Paulo Paim)	40

3.2.3 – Oradores

Senador Lasier Martins	43
Senadora Lúcia Vânia	44
Senadora Ana Amélia	45
Senadora Lídice da Mata	46
Senadora Vanessa Grazziotin	48
Senador Cristovam Buarque	50

3.2.4 – Outorga das placas aos agraciados

51

3.2.5 – Oradores (continuação)

Srª Elisa Larkin Nascimento, Presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros e viúva do ex-Senador Abdias Nascimento	52
Frei David	53
Sr. Alceu Collares	54
Srª Cida Abreu, Presidente da Fundação Cultural Palmares	56
Sr. José Vicente , Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares	57
Srª Mara Baiocchi	58
Srª Neiva Maria Santos da Silva, representando o Sr. Carlos da Silva Santos, <i>in memoria</i>	59
Sr. Leonardo Henrique Ponce Leon Noronha de Oliveira, representando o Sr. Linduarte Noronha, <i>in memoria</i>	59
Senador Hélio José	60
3.3 – ENCERRAMENTO	63

Ata da 202ª Sessão, Especial, em 12 de novembro de 2015

1ª Sessão Legislativa Ordinária da 55ª Legislatura

Presidência dos Srs. Jorge Viana e Wellington Fagundes.

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 14 minutos e encerra-se às 13 horas e 35 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

A presente sessão especial destina-se a comemorar o transcurso dos 120 anos das relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão, nos termos dos Requerimentos nºs 878 e 1.196, de 2015, do Senador Hélio José e outros Senadores.

Queria agradecer a presença de todos e registrar, também, a presença do Senador Wellington Fagundes.

Queria, também, convidar para compor a Mesa o Sr. Embaixador Kunio Umeda – que possa nos dar o privilégio de compor a Mesa de honra.

Também gostaria de convidar a Srª Chieko Aoki, Presidente e fundadora da Blue Tree, aqui, de certa forma, simbolizando também a presença da mulher japonesa no Brasil, e, assim, estaríamos contemplando os empreendimentos, os empreendedores e todos os que nos ajudam na construção dessa Amizade Brasil-Japão há mais de um século.

E, por fim, convidaria, também, o Sr. Monge Shôjo Sato, que é responsável pelo Templo Budista aqui em Brasília – que nos dê a honra de sua presença na Mesa.

Agora, neste momento, convido a todos para, em posição de respeito, acompanharmos o Hino Nacional do Japão e, em seguida, o Hino Nacional Brasileiro.

(Procede-se à execução dos Hinos Nacionais do Japão e do Brasil.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Também registro a presença do Senador Anastasia, que com ela nos honra.

Quero agradecer a presença das convidadas e dos convidados. São muitos os que estão aqui hoje para celebrar os 120 anos da Amizade Japão-Brasil.

Neste momento, antes das falas, nós queríamos convidar todos a assistirem a uma apresentação do Grupo Matsuri Daiko Brasília de Tambores Japoneses. Eles vão fazer uma apresentação, celebrando esses 120 anos de Amizade Brasil-Japão.

Peço um pouco de atenção. Pedindo desculpas, gostaria de convidar o Cônsul Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, que está aqui, o Sr. Wilson Brumer, para compor a Mesa de honra. Peço desculpas ao nosso Cônsul.

Agora, vamos à apresentação do Matsuri Daiko Brasília de Tambores Japoneses.

(Procede-se à apresentação do Grupo Matsuri Daiko Brasília de Tambores Japoneses.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Queria, mais uma vez, agradecer pela apresentação do Grupo Matsuri Daiko Brasília de Tambores Japoneses, que celebraram do melhor jeito, com a expressão da cultura, essa amizade Brasil-Japão.

Nós vamos passar a palavra aos convidados que estão aqui na Mesa e, em seguida, às Srªs e Srs. Senadores. Então, concedo a palavra ao Sr. Wilson Nélio Brumer, Cônsul-Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, para que possa fazer a sua saudação.

O SR. WILSON NÉLIO BRUMER – Sr. Presidente, em cujo nome saúdo todos os Senadores, Sr. Embaixador.

Foi-me solicitado, Sr. Presidente, que fizesse um breve relato sobre as relações econômicas entre o Japão e o Brasil.

Como já foi bem dito, é uma relação que já dura mais de um século – começando sob o ponto de vista das relações bilaterais – e, certamente, nesse período nós tivemos um grande incremento das atividades de

empresários japoneses, de parceiros japoneses aqui do Brasil, que contribuíram para o desenvolvimento econômico e para o desenvolvimento social do nosso País.

Se pudéssemos dividir em alguns pontos a forma desse relacionamento, eu diria aos senhores e senhoras aqui presentes que, principalmente na década de 70, década de 80 e início da década de 90, as relações se davam muito de governo para governo, ou seja, os grandes projetos que foram implementados no Brasil tinham uma grande participação do governo japonês, assim como, do lado brasileiro, também do governo brasileiro.

Eu presidi a Vale durante muitos anos, assim como outras empresas do setor minerometalúrgico, e esse foi um período – lembramos bem – em que foram implementados projetos como Carajás, Albrás, Alunorte, Cenibra, enfim, grandes projetos com grande participação do governo.

Esses projetos certamente foram importantíssimos para o desenvolvimento da economia brasileira e do Japão, ficando clara a complementariedade entre essas duas economias. E aqui nós não estamos falando apenas de projetos ligados ao setor industrial, mas também ao setor agrícola, no qual o Japão teve um grande papel no desenvolvimento do Projeto Cerrado – algumas décadas atrás, poucos acreditavam que o Brasil seria capaz de produzir a quantidade de grãos que produzimos hoje naquela região e, certamente, a tecnologia, a perseverança e o papel dos japoneses foi fundamental para que aquele projeto pudesse se desenvolver.

O que nós temos hoje é uma relação um pouco diferente. Certamente, as economias mudaram muito desde esse período, e hoje temos uma economia privada japonesa muito mais pujante do que era naquela época, assim como, do lado brasileiro, também temos uma economia mais disposta a essas parcerias.

Então, o que estamos vendo hoje são projetos japoneses presentes no Brasil, com várias empresas. Com isso, há um grande aumento de exportações e de importações envolvendo o Japão, o que fica demonstrado neste gráfico que eu apresento aos senhores. Fica claro, então, que o Brasil tem, com o Japão, uma grande relação de exportação e, ao mesmo tempo, de importação.

Este é um ponto para o qual eu queria chamar atenção: nessa relação, o que vemos, sob o ponto de vista da exportação, é que o Brasil é um grande exportador de matéria-prima para o Japão e, ao contrário, vemos o Japão exportando para o Brasil produtos de mais valor agregado. Então, está aí um grande desafio nessa complementariedade das duas economias. Temos que criar, cada vez mais, um ambiente favorável no Brasil – estou falando como brasileiro – para que possamos aproveitar essa relação de 120 anos e trazer para o Brasil empresas que possam também agregar tecnologia e desenvolvimento ao nosso País.

Essas são algumas imagens, algumas figuras de empresas já presentes no Brasil, nessa nova era, com mais agregação de valor, mais tecnologia.

(Soa a campanha.)

O SR. WILSON NÉLIO BRUMER – Bom, nessa relação Brasil-Japão há pontos importantes para os quais eu queria chamar a atenção do setor privado.

Os grandes problemas que os japoneses enfrentam hoje, no Brasil, são, de certa maneira, os problemas da economia brasileira. Há uma grande demanda por melhor infraestrutura, maior segurança jurídica e melhores custos, de uma maneira geral, para o desenvolvimento da economia.

Os investimentos estão aí. Fica claro que, até o ano 2011, houve um vácuo de empreendimentos. Melhorou um pouco, mas ainda está muito longe daquilo que pode ser a relação entre os dois países.

Nesse comércio bilateral fica caracterizado, hoje, que há certo equilíbrio, como eu disse, entre as importações e as exportações, mas certamente o Brasil está exportando mais produtos de menor valor agregado e importando mais produtos de maior valor agregado.

Aí está a relação dos principais produtos, deixando caracterizado o que eu acabei de falar: somos um grande exportador de minério e de grãos, mas, ao contrário, na outra linha, os senhores podem observar que há a importação de produtos japoneses de maior valor agregado.

Como podemos melhorar a relação Brasil-Japão? Entendo que são duas economias complementares. No início, como eu disse, tivemos a participação de grandes empresas. Apesar de existirem vários acordos entre os governos, entendo que temos, agora, um grande papel, que é encontrar um caminho para aproveitar essa relação de 120 anos e fazer com que principalmente as médias empresas brasileiras possam usufruir mais dessa relação. Certamente, o pequeno e o médio empresário brasileiro conhecem muito pouco de Japão, como o médio empresário japonês conhece muito pouco de Brasil. Então, esse é o grande desafio que, entendo, está à nossa frente – certamente poderemos tirar muito proveito dessa relação.

Sei que a apresentação deve ser muito breve, não queria tomar mais tempo, mas entendo que temos aí grandes potencialidades que, certamente, o Japão, o tempo todo, estará interessado em discutir, em ver a possibilidade da participação de capital japonês: energia renovável, infraestrutura, transportes, áreas médicas, gás – que é um grande desafio que o Brasil tem para a geração de mais energia – e, como eu disse, médias empresas.

Enfim, isso é um pouco do que nós estamos tratando aqui hoje, comemorando estes 120 anos. Que possamos, daqui a 120 anos, estar comemorando com mais desenvolvimento, com mais ousadia, e com uma parceria cada vez mais frequente nessa relação entre Brasil e Japão.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Cumprimento o Cônsul-Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, o Sr. Wilson Nélío Brumer, pela exposição, e convido a Sr^a Chieko Aoki, fundadora e presidente da Rede Blue Tree de hotéis, para que possa, também, fazer uso da tribuna.

A SR^a CHIEKO AOKI – Sr. Presidente, muito obrigada pela oportunidade de falar sobre os 120 anos – e também sobre as mulheres! Eu gostaria, realmente, de agradecer a todas as autoridades presentes e ao Embaixador Kunio Umeda por poder falar. É a primeira vez que venho aqui, então é uma honra muito grande.

Eu havia feito uma apresentação um pouco mais longa, mas já vi que preciso ser breve, então vou dar uma cortada.

Antes do meu depoimento, eu gostaria de me apresentar rapidamente, se me permitem.

Eu nasci no Japão, e meus pais vieram para o Brasil quando eu tinha seis anos. Estudei aqui, toda a minha formação é brasileira e, praticamente, a minha primeira língua é o português. Sou brasileira naturalizada porque sou brasileira de corpo e de alma. Mas, como a gente também não é perfeita, casei com um japonês e fui morar no Japão. Com esse meu casamento, aprendi realmente a conhecer profundamente os dois povos, os japoneses e os brasileiros. E, aí, cheguei à conclusão de que os japoneses e os brasileiros têm, como disse o Cônsul Brumer, muita complementaridade – há muitas diferenças, mas há muita complementariedade.

Vou citar algumas, rapidamente, como vocês podem ver ali.

Quando aqui é noite, está amanhecendo no Japão; no Brasil, escreve-se nome e sobrenome, no Japão vem o sobrenome e depois o nome; no Brasil, abre-se o livro da direita para esquerda, no Japão, da esquerda para a direita; *feedback*, no Brasil, é positivo – sempre se fala: “Você fez bem, tal...” – depois dá umas bronquinhas, né? – no Japão, é sempre corretivo, fala-se: “Você não fez direito”; o brasileiro é expansivo, o japonês é mais reservado. Então, somos como peças de quebra-cabeças que se complementam, mas, digo para os senhores, são dois povos muito humanos, solidários, que amam a paz. E quando um se refere ao outro, diz: “Aquele povo do outro lado do mundo”.

Das diferenças complementares nasceram sentimentos mútuos e grandes laços humanos e parcerias estratégicas em várias áreas.

Eu poderia dizer, por exemplo, que a popularidade do futebol no Japão deve-se em grande parte aos técnicos e jogadores brasileiros que treinam os jogadores japoneses e com eles jogam.

A música brasileira: não sei se os senhores sabem – isso me impressiona demais – mas a Bossa Nova e a MPB são tocadas com frequência, praticamente o dia todo, em todo o Japão.

O Ayrton Senna ainda continua sendo o grande ídolo do Japão.

E nos últimos anos, como todos sabem, o frango domina a mesa e o supermercado japonês. E há também hoje no Japão até pão de queijo – chamam de “pã de queijo”; não sei falar direito – e Carnaval, com calendário anual, em Tóquio.

No Brasil, temos muitos descendentes empreendedores e profissionais que fazem grandes contribuições ao País.

E, também, naturalmente, como vocês sabem, há a variedade de verduras, legumes e frutas que temos no Brasil.

E não sei se os senhores sabem também que temos mais restaurantes japoneses do que churrascarias, por exemplo, em São Paulo.

Eu gostaria também de reforçar um ponto que poucos sabem: muitos universitários japoneses, influenciados pelos brasileiros que moram no Japão, vêm para o Brasil nas férias para conhecer e colaborar com comunidades carentes do Nordeste. Eles chegam e constroem comunidades, bibliotecas, escolas, ensinam a empreender, a produzir em comunidades simples de pescadores, como em Canoa Quebrada. E por que isso é tão bom? Porque os japoneses fazem com muito amor, mas o fazem, também, para o seu próprio crescimento pessoal, voltando muito melhores e mais felizes para o Japão.

E também os brasileiros ajudam muito os japoneses, como aconteceu no *tsunami* em 2011.

Como eu tive oportunidade de empreender no Brasil, eu, como empresária e como mulher, quero muito contribuir para o Brasil. E é com esse sentimento que eu gostaria de falar sobre Mulheres do Brasil. Nós temos um grupo formado pela empresária Luiza Helena Trajano, que os senhores conhecem, com o objetivo de que cada uma das mulheres do grupo seja protagonista na construção de um Brasil forte e positivo. Queremos também colaborar para a maior participação das mulheres no crescimento do PIB brasileiro – da ordem de 30%.

Em dois anos, somos mais de 600 participantes, somos um grupo apartidário, unido, realizador e protagonista na construção de um Brasil cada dia melhor.

E eu gostaria de falar um pouquinho da viagem que nós fizemos para o Japão e como isso influenciou na vida de cada uma das 32 mulheres que foram para o Japão.

Hoje, o Japão é um grande protagonista do novo papel da mulher na sociedade. Assim, o Primeiro-Ministro Shinzo Abe apoia esta causa e criou políticas focadas na mobilização das mulheres com maior potencial para o crescimento do Japão, querendo criar uma sociedade em que as mulheres brilham – bonito isso, não é?

Com esse objetivo e reconhecendo a crescente participação das mulheres na sociedade brasileira, o grupo Mulheres do Brasil fomos convidadas pelo governo japonês para o fórum WAW! 2015 – Word Assembly for Women 2015 –, onde fomos recebidas pelo próprio Primeiro-Ministro, com honraria e grande destaque. Fomos todas uniformizadas com camisa – a Sumiko aqui está com essa camisa – que contém a bandeira do Brasil, a bandeira do Japão e o símbolo dos 120 anos da amizade Brasil e Japão. Voltamos muito animadas, energizadas e com vontade de fazer transformações aqui no Brasil, porque vimos as oportunidades que os dois países juntos temos a realizar.

Passamos no teste da cultura japonesa – nós todas brasileiras – com nota dez, superando nossas próprias expectativas de sermos brasileiras-japonesas no Japão. Todas fomos pontualíssimas! Éramos as primeiras a chegar aos locais, seguindo à risca o rigor japonês com o horário, com as organizações, com a disciplina e no cumprimento dos compromissos.

Sentimo-nos japonesas tomando chá verde – em cerimônia do chá – ou passeando pelas ruas de Tóquio, vestidas de quimono dos pés à cabeça. Era incrível como as pessoas nos paravam na rua para tirar fotos. Imaginem, nós nos sentimos como celebridades. Ao mesmo tempo, sentimos, muito fortemente, as extraordinárias qualidades humanas dos brasileiros. A nossa capacidade de acolher as pessoas sem distinção, com espontaneidade, com respeito ao individualismo, com carinho, com emotividade, com paixão, com alegria, é o nosso grande coração brasileiro, que tem tanto atraído os jovens japoneses aqui no Brasil.

Tivemos o impacto de sentir na pele o incansável trabalho dos japoneses pela paz, valor que também prezamos profundamente no Brasil. Compartilhamos o cuidado quase religioso com a natureza e com a tradição, que nos inspirou para a preservação de nossas cidades. Compartilhamos a reverência à harmonia, o respeito ao coletivo e a busca pela excelência e pela cultura da limpeza desde a infância, para zelar pela limpeza do Planeta.

Senhores, tenho certeza de que o Brasil e o Japão têm muitas coisas em comum e em complementariedade. O Primeiro-Ministro do Japão, em sua visita ao Brasil em 2014, deixou uma mensagem que mexeu muito comigo. Ele disse: “Brasil e Japão, vamos progredir juntos, liderar juntos, inspirar juntos”. Isso é maravilhoso. Nós mulheres queremos fazer isso acontecer.

Vamos todos juntos colaborar para que as relações entre os dois países sejam, cada vez mais, fortalecidas, ainda mais nos próximos cem anos ou mais ainda. E uma coisa muito importante: com a grande participação das mulheres brasileiras e japonesas. Nós todas, juntas, para a criação de nossos países e de um mundo melhor.

E vamos cantar juntas a música que temos no grupo Mulheres do Brasil, que provavelmente o senhor sabe, que diz o seguinte:

Sonho que se sonha só
É um sonho que se sonha só.
Mas sonho que se sonha junto é realidade.

Parabéns, Brasil e Japão, pelos laços que unem os nossos países.

Muito obrigada pela oportunidade de depor. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Nós é que agradecemos. Eu queria dizer que fico impressionado. Talvez a Sr^a Chieko Aoki seja a expressão dessa relação de amizade, por ter vivido e estar vivendo a vida que vive, cultuando essa relação. Fico muito orgulhoso de tê-la aqui, nesta sessão.

A SR^a CHIEKO AOKI *(Fora do microfone.)* – Ah, muito obrigada pelas suas palavras. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – E ela trouxe, também, com muita propriedade, o envolvimento das mulheres brasileiras e japonesas nesta celebração dos 120 anos.

Eu queria convidar para compor a Mesa, também, simbolizando o Grupo Parlamentar Brasil-Japão, do qual é Vice-Presidente, o Deputado Federal William Woo, para que possa estar conosco. O Senador Flexa já é parte do... Ele, inclusive, vai fazer uma fala daqui a pouco, vai falar em nome de todos nós. Mas é bom, é um colega Parlamentar, da Câmara, não é, Senador Flexa?

Agora, vou conceder a palavra ao Sr. Monge Shôjo Sato, para que possa nos dirigir algumas palavras. Em seguida, vamos ouvir o Sr. Embaixador.

Quero também fazer o registro do Senador Flexa Ribeiro, que tem trabalhado intensamente nas relações de amizade entre Brasil e outros povos, e também anunciar a presença do Comandante da Polícia Militar do Distrito Federal, o Sr. Florisvaldo Ferreira Cesar.

Com a palavra, o Sr. Monge Shôjo Sato, responsável pelo Templo Budista de Brasília.

O SR. SHÔJO SATO – Bom dia a todos.

Ainda bem que duas pessoas muito qualificadas me antecederam falando das relações do Brasil com o Japão, do Japão com o Brasil, o Sr. Cônsul Wilson Nélío Brumer e a famosíssima Sr^a Chieko Aoki. Eu também não me sinto a pessoa mais qualificada para falar sobre as relações Brasil-Japão. Certamente, aqui na plateia, há outras pessoas mais significativas do que eu para estar aqui no meu lugar, mas eu queria agradecer à Mesa e também à Sr^a Aoki, ao Sr. Nélío, ao próprio Embaixador do Japão aqui no Brasil, Sr. Kunio Umeda, ao Senador Wellington Fagundes, ao Senador Hélio José, ao Presidente da Mesa, Senador Jorge Viana, ao Sr. Deputado William Woo e ao Sr. Tenente-Coronel Evaldo Soares Vieira, que representa...

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Há também a Deputada Keiko – a quem eu peço desculpa por não ter anunciado antes – que representa também a presença das mulheres no Parlamento, que no Brasil ainda é tão rara.

O SR. SHÔJO SATO – Especialmente, eu queria expressar minha emoção por reencontrar com o Senador Jorge Viana depois de muito tempo. Eu estava voltando da semiclandestinidade na Bahia para São Paulo, em 1980, e, lá pelo ABC, nós nos encontramos. E também o Senador Hélio José, que, desde que eu cheguei a Brasília, em 1986, privamos de amizade.

Eu acho isso muito significativo, porque eu, com 6, 7 anos, em São Paulo, fui perseguido nas ruas pelos meninos, que tacavam pedra em mim, dizendo: “Japonesinho, vai embora para sua terra. Seu país perdeu a guerra”. Eu me lembro disto, até com muito temor, até hoje: “Vai embora para casa, japonesinho”. Eu até não entendia, porque ele me xingava de *arigatou*: “Japonesinho *arigatou*, vai embora para casa. O Japão perdeu a guerra”.

Eu sou neto de japoneses. Meu pai é um caipira nascido em uma fazenda de café perto de Araçatuba, como filho de imigrante japonês. Eu sou mestiço, assim como, certamente, a maioria das pessoas aqui é mestiça. Além de nós, de alguma forma, com muita, digamos, culpa – ainda tenho esse resquício cristão –, tomarmos as terras dos indígenas e de nós termos trazido para cá, em escravidão, os africanos, somos mestiços de portugueses, espanhóis, italianos, eslavos, árabes.

(Soa a campanha.)

O SR. SHÔJO SATO – Essa é a nacionalidade brasileira.

Eu fiquei muito emocionado com a apresentação do grupo Matsuri Daiko. Eu busquei neles a figura dos meus netos, que são filhos de pernambucanos e de brasilienses. Talvez as pessoas possam achar engraçado, porque havia muitos com cara de não japonês. Talvez os meninos japoneses não pudessem faltar às aulas para estar aqui presente, mas, de todo modo, essa interação cultural é a brasilidade.

(Interrupção do som.)

O SR. SHÔJO SATO – Eu expressei isso. Eu aprendi o japonês dos cinco aos quinze anos, quatro horas por dia, por causa da minha mãe, que é japonesa, de Fukushima, mas tenho todo o jeito de caipira brasileiro por conta do meu pai, que já é nissei.

Meu pai, como outros imigrantes ou filhos de imigrantes, passou por muitas dificuldades, como muitos aqui passaram. Meu pai, por exemplo, por ter dupla nacionalidade, teve que servir o exército japonês, ficou em Manchúria três ou quatro anos e, quando retornou ao Brasil, casado com a minha mãe, foi preso. Foi preso por causa do álbum do exército japonês, que ele guardava com tanto amor em casa.

Ou seja, são 120 anos de relações diplomáticas entre Brasil e Japão. Mas não são relações só econômicas, não são relações só políticas, a que certamente o Embaixador vai se referir, nesse campo diplomático, que é tão difícil. São relações culturais. São relações culturais, especialmente aqui em Brasília, para onde o saudoso Presidente Juscelino Kubitschek chamou os japoneses. Para quê? Para que a mesa dos brasilienses fosse uma mesa equilibrada, com verdura, com ovos, com frango. Os japoneses foram chamados – deve haver aqui testemunhas – porque a terra não era boa. Dizem que Juscelino respondeu: “Poxa, imagine! Se a terra fosse boa, não precisava chamar os japoneses!”. E os japoneses, além de nos trazer alimentos, trouxeram flores.

(Soa a campanha.)

O SR. SHÔJO SATO – Trouxeram flores e frutas, e também trouxeram a cultura japonesa, na forma de budismo. Hoje eu sou budista, mas sou budista desde 1995 apenas. Mas eu tenho muito orgulho em dizer que sou brasileiro de ascendência japonesa.

Eu só queria terminar dizendo: muito obrigado, Brasil! *Arigatou*, Japão! Paz para todos. *Namandabu*. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Eu quero cumprimentar o querido amigo Monge Sato e dizer que, quando caminho ali na Asa Sul e...

(Interrupção do som.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – ... passo ali no templo, encontro um ambiente sempre de paz. Há duas palavras na passagem, escritas em uma tabuleta: uma é pureza e a outra é serenidade.

É bom caminhar bem cedo e ler essas palavras. Estou falando de pureza e serenidade, que são palavras escritas nas tabuletas à frente ali do templo, no final da Asa Sul. É muito bacana. Eu sempre faço questão de parar e tentar introduzir, no começo do dia, essas palavras.

Mais uma vez, eu faço o registro da presença aqui, no plenário, da nossa Deputada Keiko Ota, que está aqui nos honrando com a sua presença.

O Deputado William Woo pediu que pudesse também fazer um cumprimento, em nome do Grupo Parlamentar Brasil-Japão.

Com a palavra V. Ex^a.

O SR. WILLIAM WOO (PV - SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Bom dia a todos. É uma grande alegria estarmos aqui, no Senado Federal, juntamente com minha companheira Keiko Ota.

Lá na Câmara, somos cinco descendentes *nikkeis* na Bancada. Aqui no Senado, ainda não temos nenhum, Presidente, Senador Jorge Viana. Mas a alegria maior de ver esta sessão aqui é a relação que temos, o Brasil e o Japão, não somente com a Câmara dos Deputados, mas com o Senado Federal.

O Senador Jorge Viana, para alguns que não sabem, foi nosso Governador no Acre e Prefeito de Rio Branco. Ele conhece bem uma questão que todos nós *nikkeis* defendemos, que é a questão ambiental. Como engenheiro florestal, ele sabe de muita contribuição, principalmente dos imigrantes japoneses que vieram do Peru ao Acre, na produção da borracha naquele Estado.

Eu quero cumprimentar o Senador Hélio José, o Senador Wellington Fagundes, nosso Embaixador, Sr. Kunio Umeda, que teve a honra de, neste mês, receber a família imperial e visitar diversos Estados, inclusive o Mato Grosso, nosso Senador.

Eu quero aqui cumprimentar o meu amigo Senador Flexa Ribeiro, nosso Vice-Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Japão. Em 2008, fizemos o grande projeto do Centenário da Imigração Japonesa, quando, inclusive, V. Ex^a unificou a comunidade japonesa no Pará, em Tomé-Açu, naquela solenidade.

Cumprimento aqui o monge Shôjo Sato, aqui de Brasília; a minha amiga Chieko Aoki, nossa grande empreendedora; e também o nosso Cônsul Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, Sr. Wilson Nélcio Brumer. Em Minas, temos a Usiminas, que é um grande orgulho.

Venho aqui, com uma palavra rápida, em nome do Grupo Parlamentar Brasil-Japão, da Câmara dos Deputados, agradecer, neste momento, os 120 anos de relações bilaterais. Esse tratado trouxe a possibilidade de o maior número de imigrantes fora do Japão estar no Brasil. Hoje somos mais de 1,9 milhão descendentes e também registramos o maior número de brasileiros que já estiveram no Japão. No auge, fomos mais de 300 mil; hoje somos quase 180 mil brasileiros residentes no Japão.

A história é longa. Meu pai e minha mãe, Sugiko Tanaka, de Tóquio, migraram para o Brasil, há 55 anos, mas muito antes disso, a Toyota – a maior montadora do mundo – escolheu, como local para sua primeira indústria fora do Japão, o Brasil. Instalou-se, em 1954, 1955, no bairro em que eu nasci, o Ipiranga, que detinha um grande orgulho de ter uma montadora, já naquela época, no Brasil.

A todos vocês Senadores, em nome do nosso Grupo Parlamentar Brasil-Japão, muito obrigado por esta sessão solene. Desejamos sempre a continuidade das relações tão próximas de dois países que são irmãos.

Viva o Brasil! Viva o Japão!

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Eu agradeço as palavras generosas do Deputado William Woo e passo agora a palavra ao Ex^{mo} Sr. Kunio Umeda, Embaixador do Japão no Brasil.

O SR. KUNIO UMEDA – Bom dia a todos.

Ex^{mo} Sr. Jorge Viana, Vice-Presidente do Senado Federal; Ex^{mo} Sr. Hélio José, Senador da República; Ex^{mo} Sr. Wellington Fagundes, Senador da República; Ex^{mo} Sr. Flexa Ribeiro, Senador da República; Ex^{mo} Sr. Deputado

William Woo; Ex^{ma} Sra Deputada Keiko Ota; senhores representantes de associações nipo-brasileiras, senhoras e senhores, primeiramente, gostaria de manifestar os meus agradecimentos em nome do governo do Japão por esta oportunidade maravilhosa para celebrar os 120 anos de estabelecimento de relações diplomáticas entre Japão e Brasil.

No Brasil, a comunidade nipo-brasileira é composta de, aproximadamente, 1,9 milhão de pessoas, e no Japão existe uma comunidade brasileira de 180 mil pessoas, o que representa um forte laço pessoal entre os dois países.

Por outro lado, como Embaixador do Japão, sinto imenso orgulho de que muitos nipo-brasileiros, através de sua atuação em diversas áreas da sociedade brasileira, estejam contribuindo para o desenvolvimento deste País.

Há 107 anos, no dia 18 de junho, chegava ao Porto de Santos o navio Kasato Maru com os primeiros imigrantes japoneses nesta terra onde tudo, como ambiente e língua, é diferente. Os imigrantes acumularam seus trabalhos sem se esquecer de seus sonhos e esperanças, e os seus descendentes tornaram-se hoje membros importantes da sociedade brasileira.

O Japão e o Brasil já implementaram, através da união de suas forças, diversos projetos conjuntos nipo-brasileiros, como o projeto de desenvolvimento do Cerrado, Prodecet; a Usiminas; a Cenibra; a Albras; e o projeto de desenvolvimento de Carajás.

O Japão atribui especial importância, no âmbito da cooperação com o Brasil, à formação de recursos humanos. No ano passado, o Primeiro-Ministro, Shinzo Abe, anunciou, durante sua visita ao Brasil, que nos próximos três anos o Japão aceitará, aproximadamente, 900 brasileiros através do Programa de Capacitação da Jica. Atualmente, esse programa está em plena implementação.

Além disso, estamos empenhados na expansão do Programa Ciência sem Fronteiras – através do qual mais de 500 estudantes brasileiros, no total, já foram ao Japão – e da bolsa do Governo japonês, que atualmente possibilita, todos os anos, que 60 bolsistas brasileiros pesquisem e estudem no Japão.

Além disso, o Japão tem muito interesse em áreas indispensáveis para o desenvolvimento do Brasil, como o desenvolvimento agrícola, e as obras de rede de infraestrutura de transporte, para a exportação de cereais, e de infraestrutura urbana.

Na área de segurança pública, o Governo do Japão coopera com o Governo brasileiro e Governos estaduais, para a introdução do modelo de polícia comunitária Koban em todos os Estados brasileiros.

O Japão busca cooperar com o Brasil para o desenvolvimento econômico e social do País, através do fortalecimento de suas relações com a comunidade nipo-brasileira. Por exemplo, as contribuições na área médica e de saúde feitas pelos hospitais nipo-brasileiros e promoção de judô e de beisebol através do envio de voluntários.

Ao longo deste ano, em que celebramos os 120 anos de relações diplomáticas entre os dois países, estão sendo realizados, em todo o Brasil, aproximadamente 450 eventos comemorativos, contando com a participação de milhões de brasileiros.

Além festivais do Japão em cidades de São Paulo e Paraná, também em Brasília, Salvador, Belo Horizonte, Belém, Palmas, Porto Alegre, Florianópolis, Cuiabá, Porto Velho e outros locais em todo o País, estão sendo realizados diversos eventos relacionados à cultura japonesa, contando com a participação de governadores, Parlamentares de cada localidade e da população local.

De 28 de outubro a 8 de novembro, em comemoração aos 120 anos, as Suas Altezas Imperiais o Príncipe e a Princesa Akishino estarão, além de Brasília, em cinco Estados, ou seja, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Pará e Rio de Janeiro. As Suas Altezas Imperiais foram calorosamente recebidas pela Presidente Dilma Rousseff, representantes do Poder Legislativo, governadores de Estado, representantes de associações nipo-brasileiras e por cidadãos brasileiros. As Suas Altezas desfrutaram, do fundo do coração, dessa visita ao Brasil, e, em nome do Governo japonês, eu gostaria de reiterar os meus sinceros agradecimentos por tão cordial acolhida.

Agora, como ponto mais alto...

(Soa a campainha.)

O SR. KUNIO UMEDA – ... das celebrações do Japão deste ano memorável, estamos trabalhando para a visita da Presidenta Dilma Rousseff ao Japão. Estão agendadas conversações sobre diversas áreas, como economia, educação, ciência e tecnologia, esporte, turismo, segurança, entre outras. O Japão e o Brasil são parceiros que partilham de valores fundamentais, como democracia, independência do Poder Judiciário e liberdade de expressão.

Em agosto do ano passado, em seu pronunciamento sobre a diplomacia japonesa para a América Latina, feito em São Paulo, o Primeiro-Ministro, Shinzo Abe,...

(Interrupção do som.)

O SR. KUNIO UMEDA – ... expressou a determinação de caminhar junto com o Brasil. Estou certo de que as relações bilaterais se tornarão ainda mais sólidas com a visita da Presidente Dilma Rousseff ao Japão.

Além disso, no próximo ano, serão realizados os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro. Espero que a parceria entre Rio de Janeiro e Tóquio, que realizará os jogos de Tóquio, em 2020, aprofunde cada vez mais os laços que nos unem, aumentando não só o intercâmbio esportivo, mas também o movimento de pessoas entre os dois países.

Para terminar, manifesto os meus votos de que as relações entre Japão e Brasil se aprofundem cada vez mais e reitero os meus agradecimentos ao Ex^{mo} Sr. Jorge Viana, Vice-Presidente, e ao Ex^{mo} Sr. Senador Hélio José, pela iniciativa de realizar esta audiência.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Cumprimento o Sr. Embaixador Kunio Umeda, que já é um amigo, pela maneira como tem trabalhado para aproximar ainda mais os nossos povos.

Antes de passar a palavra para os colegas Senadores, gostaria de me dirigir rapidamente às senhoras e aos senhores nesta sessão que realizamos aqui no Senado Federal, uma sessão especial, celebrando os 120 anos de amizade Brasil e Japão. Desde a chegada do navio Kasato Maru, em 18 de junho de 1908, o Brasil só tem colhido bons resultados dessa relação entre nossos povos, entre Brasil e Japão. Até a década de 1940, aproximadamente 200 mil imigrantes deixaram seus lares no Japão para fazer do Brasil sua nova casa. E, desde 1958, os empreendimentos de grande peso tecnológico se iniciaram, com a inauguração da Usiminas; desde 1976, novo impulso de produtividade foi dado com a exploração, com o trabalho e as parcerias no Cerrado brasileiro.

(Soa a campanha.)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Eu sou do Acre. E, no Acre também, caro amigo Kasatu, meu pai conta – obviamente, o mundo viveu conflitos, as guerras mundiais – que no Acre nós tínhamos uma família, um pequeno grupo de imigrantes japoneses. E eles tiveram que ter uma proteção naquele período difícil, em que havia um confronto mundial.

Daqui a pouco, o Senador Flecha vai certamente falar com muita propriedade, porque, no Pará, nós temos talvez, na Amazônia, o mais forte exemplo da presença dos descendentes japoneses na Amazônia brasileira, cumprindo um papel muito importante na economia do Pará, em toda a Amazônia. A presença nipônica no Brasil ocorreu em todo o País, de Norte a Sul. Mas, especialmente na Amazônia, há uma presença que vale o registro histórico, e o Senador Flexa certamente vai falar com mais propriedade.

O segundo país que conheci, quando comecei a viajar, ainda recém-formado, foi o Japão. Visitei a Bolívia ainda como mochileiro, mas a primeira vez em que sai de uma missão no Brasil foi exatamente para ir a Tóquio, por conta de uma organização internacional que tem sede em Yokohama, ITTO, uma organização internacional de madeiras tropicais. E foi em função dessa relação que nós tivemos o apoio do Governo japonês para desenvolver um projeto de estudo das nossas florestas, e que hoje é uma referência na perspectiva do manejo sustentável das florestas, ou seja, da conservação da floresta, o que mostra, como também já foi dito aqui, a preocupação que tem o povo japonês na busca do equilíbrio da atividade humana com a conservação dos recursos naturais.

Eu sou uma testemunha. Eu já estive, pelo menos, em dez oportunidades, no Japão. É um país pelo qual tenho muito respeito e admiração. E, na última viagem, era um sonho meu, fui a Kyoto, passei por Hiroshima e fui até Kyoto, para ver um pouco a história bonita de Kyoto.

E há um exemplo meu: estava um pouco quente, e eu fui tomar um sorvete. Eu gosto muito de andar a pé, quando estou viajando; gosto muito de caminhar. Comprei o sorvete e, quando o terminei, estava com uma sobra – a embalagem do sorvete, o palito –, e disse: “Bem, vou atrás de uma lixeira”, e não encontrei lixeira.

Eu jamais joga coisas no chão, sempre guardo. E refleti, dizendo: “Nossa! Kyoto evoluiu tanto que não há mais lixeira na rua.” Isso para mim foi marcante.

E eu falei: “Nós agora vamos ter que trabalhar para não haver lixeira, porque, se há lixeiras, é porque há lixo.” Não precisa haver lixo nem na casa da gente, nem em nenhum lugar. São resíduos que a gente pode manejar, e o guardei até chegar em algum lugar.

Na primeira viagem que fiz ao Japão, Senador Hélio José, Senador Flexa, senhores convidados, fiz questão de visitar o local onde, no prédio em que fiquei hospedado na casa de um amigo, punham-se os resíduos – isso ocorreu em Tóquio. E eu digo sem problema: não havia diferença, do ponto de vista da higiene, da limpeza, entre esse local onde se colocam os dejetos, os resíduos das famílias, e o meio da rua. A limpeza era igual, tudo muito organizado, acondicionado separadamente, e eu estou me referindo a 1987.

Então, esse exemplo que eu vivi nas ruas de Kyoto... Depois de andar um quarteirão, dois, eu falei: “Não é possível!” Mas é óbvio: encher a cidade de lixeiras é uma coisa atrasada, porque há alguém produzindo lixo no meio da rua. O certo é termos outro tratamento, e vi isso na cidade de Kyoto.

Queria também dizer que essa presença, que chega a quase 2 milhões de descendentes – está perto de 2 milhões –, ajudou-nos muito. Vieram aqui para nos ajudar com a mão de obra. Foi isto o que, de alguma maneira, estimulou boa parte dos que vieram para nos ajudar: mão de obra na lavoura do café, essa presença.

Mas, no fundo, depois nos aproximamos também dessa cooperação. Óbvio que foi muito desfavorável para o Brasil, porque o Brasil, desde o seu descobrimento, segue um caminho muito ruim, que é o caminho de exportar matéria-prima. Isso é terrível.

Nós já tentamos com pau-brasil, nós já tentamos com ouro, com diamante, com madeira de toda ordem, com minério de ferro. E é óbvio que esse não é o melhor caminho. Ninguém faz isso.

Eu estava, há pouco, em uma palestra do Presidente Bill Clinton. Nunca vi alguém tão otimista sobre o nosso País, sobre o Brasil. Eu vou reproduzir daqui a pouco na sessão o que ouvi dele.

Talvez dê uma boa lição a todos nós brasileiros. Ele que falou que já veio 11 vezes ao Brasil. Eu estava lá.

Mas o nosso País teima em fazer algumas coisas erradas, há séculos. E uma delas é esta, o fato de ser fornecedor de matéria-prima, exportar soja em grão. É óbvio que a gente perde muito quando faz essa opção.

E o caminho é um pouco do que o Japão... Eu sempre uso o Japão como exemplo. O que o Japão tem em abundância? Sua cultura, seu povo, seu jeito de viver.

Mas, no Japão, nem o território pode ser ocupado. Não há estrada ligando o Japão a lugar nenhum do mundo. É uma ilha.

O clima tem extremos terríveis a serem enfrentados. E eles conseguem se firmar como uma das maiores economias do mundo. Tem um PIB duas vezes o do brasileiro.

Óbvio! E nós não vamos a lugar nenhum, seguindo esse caminho de exportar minério de ferro – é óbvio que esse não é o caminho. Estamos há 500 anos, pegando esse caminho.

Não é culpa de agora ou de antes. Há 500 anos! Até de diamantes nós já fomos exportadores.

Então, não importa o valor do que é exportado *in natura*. Ao exportar *in natura*, perde quem faz essa opção. Por isso, lamento que a gente não tenha ainda conseguido, mas sou otimista de que nós vamos promover mudanças.

Eu estive também, na última viagem que fiz ao Japão, em novembro do ano passado, visitando o Parlamento. E já havia uma expectativa.... Nós tivemos a visita aqui do Vice-Presidente do Senado, tive a honra de recebê-lo aqui, juntamente com o Presidente Renan; o Sr. Embaixador nos fez uma cerimônia em sua residência oficial, o Deputado e a Deputada também estavam, outros Parlamentares Senadores estavam juntos. E já havia uma preocupação de celebrarmos esses 120 anos.

Por isso que eu queria felicitar e agradecer ao Senador Hélio José, que foi o primeiro signatário dessa proposta; todos os que subscreveram, em que me incluo; o Senador Wellington Fagundes; o Senador Flexa, que tem uma atenção muito especial e também porque eu sei que lá no Estado do Pará há uma quantidade muito grande de nipo-brasileiros, que vão se sentir bem, ouvindo o Senador Flexa falar daqui a pouco sobre a história deles, sobre a epopeia que eles viveram, o heroísmo deles em nos ajudar a desenvolver o Brasil em toda parte, especialmente, na Amazônia brasileira.

Acho que a vinda de um casal da família real aqui é uma demonstração também do afeto do Estado japonês com o Brasil.

Fico feliz por saber que, nos 120 anos, no começo de dezembro, a Presidenta Dilma vai estar no Japão levando a mensagem dos 200 milhões de brasileiros, que só são 200 milhões porque há quase 2 milhões de descendentes japoneses.

Eu cheguei aqui correndo e queria concluir dizendo que a Lesley, uma assistente do meu gabinete, me contou – ela também é nipo-brasileira – que o seu avô chegou ao Brasil em um navio de laranja. O pai dela tem 60 anos, já nascido no Brasil, e ela é acriana, do meu Estado, e agora está aqui. Estudou e trabalha comigo. Então, em todo parte nós temos exemplos dessa relação, dessa amizade dos nossos povos.

No discurso que me preparam, há uma passagem que é uma singela e corriqueira maneira de japoneses e brasileiros mostrarem o quanto temos de relação. Tornou-se evidente, há muito tempo, a marca dos nipo-descendentes no nosso Brasil: na agricultura, na indústria, na ciência, nas artes, na política, no comércio. No Brasil, já se tornou quase uma piada, como dizemos, uma anedota, que se inicia assim: “Qual é a cidade onde há mais japoneses?” A resposta que o brasileiro dá imediatamente é: “São Paulo”. Aí o interlocutor diz: “Não. É Tóquio”. Por conta da presença tão forte, normalmente nas ruas, as pessoas respondem automaticamente: “Onde há mais japoneses? Em São Paulo.” Alguém tem que dizer: “Não, não. É lá em Tóquio.” De fato, no Estado

de São Paulo há uma presença muito forte, que concorre com outros lugares. E essa presença de quase 1,9 milhão de nipo-descendentes é parte viva da cultura do nosso País.

Acho que os que me antecederam já deixaram o tema bem claro e fico também feliz. Nas vezes em que vou ao Japão, sempre vejo grupos de brasileiros, nipo-descendentes, que estão lá buscando estreitar mais as relações culturais e também conhecer mais a cultura dos seus antepassados. Acho isso muito bonito. Chega a aproximadamente 180 mil o número de brasileiras e de brasileiros que vivem no Japão.

Então, eu agradeço muito a presença de todos e faço aqui o registro da visita que tivemos de uma delegação, há poucas semanas. O Senador Azuma Koshiishi, Vice-Presidente do Senado, veio após um convite que eu mesmo, lá em Tóquio, formulei no ano passado, e que depois fiz formalmente, com uma carta do Presidente Renan, em nome do Senado. Ele veio com outros dois colegas senadores, compondo essa busca que nós devemos ter, porque, se há uma relação muito forte das nossas culturas, dos nossos povos, das nossas famílias, ainda não temos uma reciprocidade do ponto de vista do Parlamento, Senador Flexa, o senhor que trabalha tanto essa questão na Casa.

Então, Deputado William, nós temos aqui um desafio: estreitar mais ainda, Deputada Keiko, a relação entre o Parlamento japonês e o Parlamento brasileiro. Acho que fica esse compromisso, esse desafio que nós devemos nos impor, para que sigamos aprofundando a relação dos nossos povos.

Eu queria agradecer e passar, imediatamente, a palavra para o Senador Hélio José e, em seguida, para o Senador Flexa Ribeiro, para que possam usar a tribuna.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Quero cumprimentar o Vice-Presidente do Senado Federal, Sr. Jorge Viana, Senador da República pelo Estado do Acre, pela condução dos trabalhos e por estar aqui presente, representando a todos nós, como instituição, a Casa, e representando o nosso Senador Presidente, Renan Calheiros – que não pode vir aqui, também, e deixa um grande abraço a todos.

Quero agradecer ao Embaixador do Japão, Sr. Kunio Umeda, que gentilmente me recebeu na Embaixada. Dialogamos, fizemos um almoço e conversamos sobre uma série de assuntos fundamentais com relação à tecnologia, com relação à infraestrutura, a energias renováveis e a uma série de ações que a relação Brasil-Japão só tende a acentuar.

Quero agradecer também ao meu amigo, responsável pelo Templo Budista de Brasília, de que eu tenho muito orgulho, o Monge Shôjo Sato, que é um orientador espiritual de muitas pessoas aqui neste País, principalmente em Brasília.

Quero agradecer à fundadora e presidente da Rede Blue Tree de Hotéis, Sr^a Chieko Aoki, o extraordinário discurso que a senhora fez aqui. Orgulha-nos muito a força da mulher.

Quero agradecer ao Cônsul Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, Sr. Wilson Nélcio Brumer, cuja exposição demonstra o quanto estamos corretos em cada vez mais acentuar e melhorar essa relação Brasil-Japão.

Quero agradecer a presença, também, dos representantes da Polícia Militar do Distrito Federal, uma das melhores deste País, o nosso querido Comandante da PM, Coronel César, e o Sr. Tenente-Coronel Evaldo Soares Vieira, que nos orgulham muito por estarem aqui presentes.

Quero agradecer aos nossos Deputados William Woo e Keiko a presença; o nosso Senador e Líder do PMDB e do Bloco da Maioria, Senador Eunício Oliveira; o nosso Senador Flexa Ribeiro, muito bem já aqui colocado; e demais Senadores que passaram pela Casa, neste momento ou um pouco antes, como o Senador Fagundes e outros.

Quero também cumprimentar neste plenário o Heitor Kanegae, primeiro nissei a nascer em Brasília – ele está aqui presente –, afilhado de JK e pioneiro na região da Fazenda Sucupira, que está aqui nos dando este apoio; e todas as mulheres, como Marinete Blanco, uma pessoa que me representou muito lá, no meu gabinete, no dia a dia como Senador.

Quero dizer que, inicialmente, esta sessão seria no dia 5, quando da visita do casal imperial, mas, devido ao acúmulo na agenda, acertamos com o Embaixador, que foi muito gentil e cordial no trato com o Senado Federal, para realizá-la no dia de hoje, uma grande alegria para todos nós, porque pudemos fazê-la com mais calma, com mais tranquilidade, embora na Casa, neste momento, também estejamos todos apertados no tempo pelo excesso de votações, mas tentarei dizer algumas palavras sobre esta importante ação.

Sr. Presidente, Sr^{as} Senadoras, Srs. Senadores, em Brasília, temos dois eventos marcantes da cultura nipo-brasileira: a Festa do Morango, em Brazlândia, que acolhe 200 mil pessoas por ano e já está na sua 20^a edição; e a quermesse do Templo Budista, no Plano Piloto, em sua 42^a edição, sempre comandada pelo nosso Sato. Ambos representam um pouco da riqueza que nossos irmãos orientais compartilharam conosco; ambos alimentos: um, para o corpo; outro, para o espírito.

A quermesse, por sinal, retomou no DF uma tradição de 2,5 mil anos, criada para prestar homenagem aos antepassados, como se os pais e os avós representassem Deus, por conta de todo o bem que fazem aos familiares.

Essa dupla presença, da cultura e da agricultura, com todos os encontros destas, incluindo o gastronômico, deve-se ao visionário Juscelino Kubitschek e seu escudeiro-mor, Israel Pinheiro, o primeiro prefeito de Brasília.

Em 1957, com a construção da nova capital, onde tudo seria importado, incluindo os alimentos, Israel Pinheiro convidou famílias já residentes em Goiânia, Belém e São Paulo para virem fertilizar o solo do Cerrado, plantando hortaliças e legumes para os candangos. Das poucas dezenas de pessoas há, hoje, 2.200 famílias de descendentes japoneses em nossa Brasília, e mais da metade deles ainda são lavradores nos campos aqui de Brasília, Planaltina, Paranoá e etc.

Falando em presença cultural, em São Paulo temos um dos maiores festivais da tradição japonesa, reunindo centenas de milhares de pessoas no Bairro da Liberdade, em São Paulo. No Paraná, as cidades de Londrina, Maringá e Curitiba igualmente hospedam belos exemplares da arquitetura japonesa, assim como as festas e o melhor da contribuição gastronômica de nossos irmãos – isso lá no Paraná, em Londrina e em Maringá.

É desta maneira, lembrando os marcos culturais, que desejo iniciar esta homenagem aos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Sendo o Brasil uma Nação constituída, predominantemente, por povos que para cá migraram, é com muita satisfação que identificamos mais de 1,5 milhão de descendentes japoneses no Brasil, ao mesmo tempo em que podemos localizar quase duas centenas de milhares de brasileiros, nipo-descendentes, morando e trabalhando lá no Japão.

A japonesa é a segunda maior colônia de brasileiros no exterior, sendo a primeira a dos Estados Unidos; é a quarta maior comunidade estrangeira no Japão, estando os chineses, coreanos e filipinos nas três primeiras posições, respectivamente.

Sendo o Japão uma das nações mais desenvolvidas do mundo, não apenas em termos do peso do Produto Interno Bruto (PIB), mas também em dimensões filosóficas, científicas e culturais, há muitas vantagens para nós brasileiros na manutenção dessa amizade e no desdobramento desta entre outras frentes para o futuro.

Em um mundo, agora, marcado pela força dos blocos econômicos, é com muita satisfação que vemos o interesse do Japão em estabelecer a parceria econômica com o Mercosul, com a Aliança do Pacífico e com a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos, em especial com relação à questão das energias alternativas, que é o futuro para o nosso País e para vários países da América Latina.

As economias do Brasil e do Japão estão profundamente conectadas. Dos primeiros migrantes, que vieram para o interior de São Paulo e Paraná para ocuparem-se da lavoura do café, aos dias de hoje, em que notamos um padrão tecnológico de televisão digital, há muitos episódios que consolidaram essa cooperação. Naqueles primeiros anos, tanto o Brasil carecia de trabalhadores quanto o Japão necessitava realocar parte de seus nacionais, enviando-os aos Estados Unidos, ao Peru e também ao Brasil. Para a nossa economia, aquela chegada do Kasato Maru, em 1908, foi providencial.

Já em décadas mais recentes, em 1958, teve início a operação da Usiminas, com o apoio de capital e tecnologia japonesas. De 1965 a 1972, tivemos a instalação de grandes corporações japonesas, as quais trouxeram não apenas empregos e bens, mas também tecnologia. As tão conhecidas Toshiba, Panasonic, Yakult, NEC, Yamaha, Honda, Sharp e Sony são apenas algumas dessas empresas que participaram do *boom* industrial brasileiro e estão presentes no cotidiano dos brasileiros do transporte ao entretenimento, passando pela mesa de jantar. Então, essas palavras viraram comum para nós, porque tomaram conta do mercado.

(Soa a campanha.)

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF) – Já na década de 1970, o início da cooperação tecnológica e econômica com o Brasil criou o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado (Prodecerr), uma iniciativa que revolucionou o uso do solo em nosso País e que é um dos fatores de liderança que o Brasil tem nas exportações de *commodities*.

Eu, como Vice-Presidente da Frente Parlamentar do Cerrado, quero deixar claro que é muito importante a colaboração japonesa nas tecnologias de produção no nosso Cerrado brasileiro, que é um importante bioma e que nós temos que procurar preservar.

Essa aliança de 120 anos levou o Japão, em 2014, a ser o segundo maior parceiro comercial do Brasil na Ásia, com intercâmbio comercial de US\$ 12,6 bilhões. A cooperação econômica nos últimos tempos ocorre, por exemplo, na indústria naval, sobretudo pelas perspectivas de exploração das reservas do pré-sal...

(Interrupção do som.)

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF) – ... e pela demanda por petróleo e gás. Essa parceria ocorre, principalmente, pelo pioneirismo e maestria da indústria naval japonesa, que tem demonstrado interesse não apenas em investir no Brasil, mas também em transferir tecnologia, o que é essencial para a sustentabilidade de nosso País.

Dessas relações econômicas, naturalmente, advêm ganhos de natureza educacional, científica e tecnológica, pois o Japão é um dos mais relevantes parceiros nas áreas de cooperação técnica: em 38 anos, investiu no Brasil aproximadamente U\$100 milhões. Além da já mencionada TV Digital, há outras áreas de cooperação científica e tecnológica, como as de oceanografia e ciências do mar, biotecnologia, ciências médicas, nanotecnologia, novos materiais, satélites, tecnologia espacial e tecnologia da informação e comunicação.

(Soa a campanha.)

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF) – E, agora, há a tão propalada necessidade de investir nas energias alternativas, que queremos ver – a questão da energia solar, a questão da produção de inversores.

Em um programa fundamental para a juventude brasileira, o governo japonês tem demonstrado grande interesse em receber estudantes e pesquisadores brasileiros no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras, com uma meta de ofertar 1,3 mil vagas para os brasileiros.

Numa de nossas áreas de excelência, a pesquisa agropecuária, a Embrapa e o Centro Internacional Japonês para Pesquisas em Ciências Agrícolas (Jircas) assinaram acordo para a criação do Labex Japão, um laboratório virtual da Embrapa, com o propósito de aprofundar a cooperação entre a empresa brasileira e o Jircas, uma experiência que teve início em 1995. Um dos projetos é o de desenvolvimento de tecnologia de engenharia genética para culturas com tolerância à degradação do meio ambiente global, com ênfase na soja modificada com grande resistência contra secas; e outro é o de desenvolvimento de tecnologias de cultivo para melhora-mento da produção e oferta estável de culturas em altitude.

Vou considerar como lida parte do meu discurso por causa do avançar da hora.

Quero dizer o seguinte.

Sr^{as} e Srs. Senadores, só há motivos de júbilo para esse feliz encontro de culturas. Esperamos, sobretudo, que a harmonia que tem marcado essas relações sirva como um parâmetro para que o mundo inteiro repense os movimentos migratórios que hoje fervilham, principalmente na Europa.

Sem pretensões de dar lições a qualquer nação, entendemos que a postura do Brasil perante esses fenômenos migratórios tem sido de grande proveito para todos: para os que vêm e para os já aqui chegados.

Sem entrar no mérito das injustiças históricas com nossos indígenas, primeiros moradores, o Brasil é marcado por ser um país de migrantes. Desde os primeiros europeus que aqui aportaram, sob o signo do domínio; passando pelos africanos forçados a vir trabalhar em cativeiro; inovando com alemães, italianos e japoneses, de imigração estimulada, nos séculos XIX e XX. Por outras razões, particularmente as dificuldades em seus países de origem, tivemos a vinda de sírios, libaneses, palestinos e jordanianos, cujos descendentes, aqui chegados desde o início do século XX, somam um milhão de brasileiros; também do Oriente Médio, vieram os judeus, com colônia de mais de 100 mil pessoas.

Mais recentemente, 50 mil haitianos também enxergaram no Brasil oportunidades de refazer suas vidas – grande parte, inclusive, entrando pelo Acre.

(Soa a campanha.)

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF) – Por fim, ultimamente, segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), 2.077 sírios receberam *status* de refugiados do governo brasileiro de 2011 até 2015 – um número que pode chegar a 50 mil, nas palavras do Professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas Oliver Stuenkel.

Enfim, o que quero dizer é que a tolerância tem sido uma marca dos brasileiros, e esperamos que siga sendo, assim como esperamos que esses padrões de convivência, fraternidade e colaboração sejam um espelho para os movimentos migratórios.

Eram essas as minhas palavras de homenagem aos 120 anos de amizade entre Brasil e Japão, com meus desejos de que ela se sustente pelos próximos séculos.

Teria muito mais a dizer, por isso é que fiz questão de ser o primeiro signatário, de defender esta audiência pública para homenagear esses irmãos que tanto têm nos ajudado a avançar na tecnologia, no desenvolvimento e, principalmente, na harmonia entre os povos.

Quero homenagear minha esposa, que está aqui no plenário, Edy Gonçalves Mascarenhas, homenagear minha filha Izabella Tainá, que é uma apaixonada pela cultura japonesa, minha filha Potira, minha outra filha Maíra e o meu filho Hélio Gabriel, deixando um grande abraço a todos e desejando um sucesso imenso.

Peço licença ao nosso Presidente, porque eu tenho que correr para a CMO, que está com problema de quórum – fiz questão de ficar até o momento da minha fala aqui, mesmo que a toda hora estivessem me pressionando para eu ir para lá.

Então, muito obrigado, Sr. Presidente, e um abraço a todos.

Que Deus nos ajude. Um abraço. (*Palmas.*)

SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR HÉLIO JOSÉ.

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD-DF. Sem apanhamento taquigráfico.) –

Sobre a celebração dos 120 anos do tratado de amizade do Brasil com o Japão.

Sr. Presidente, Sr^{as} Senadoras e Srs. Senadores:

Em Brasília, temos dois eventos marcantes da cultura nipo-brasileira: a Festa do Morango, em Brasília, que acolhe 200 mil pessoas por ano e já está em sua 205 edição; e a Quermesse do Templo Budista, no Plano Piloto, em sua 42ª edição. Ambas representam um pouco da riqueza que nossos irmãos orientais compartilharam conosco; ambos alimentos: um para o corpo, outro para o espírito. A quermesse, por sinal, retomou no DF uma tradição de 2,5 mil anos, criada para prestar homenagem aos antepassados, como se os pais e os avós representassem Deus, por conta de todo o bem que fazem aos familiares.

Essa dupla presença, da cultura e da agricultura, com todos os encontros destas, incluindo o gastronômico, deve-se ao visionário Juscelino Kubitschek e seu escudeiro-mor, Israel Pinheiro. Em 1957, com a construção da Nova Capital, onde tudo seria importado, incluindo os alimentos, Israel Pinheiro convidou famílias já residentes em Goiânia, Belém e São Paulo para virem fertilizar o solo do cerrado, plantando hortaliças e legumes para os candangos. Das poucas dezenas de pessoas, há, hoje, 2.200 famílias de descendentes de japoneses em nossa Brasília, mais da metade deles ainda lavrando os campos.

Falando-se em presença cultural, em São Paulo, então, temos um dos maiores festivais da tradição japonesa, reunindo centenas de milhares de pessoas, no Bairro da Liberdade. No Paraná, as cidades de Londrina, Maringá e Curitiba igualmente hospedam belos exemplares da arquitetura japonesa; assim como as festas e o melhor da contribuição gastronômica de nossos irmãos.

É desta maneira, lembrando os marcos culturais, que desejo iniciar esta homenagem aos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Sendo o Brasil uma nação constituída, predominantemente, por povos que para cá migraram, é com muita satisfação que identificamos mais de um milhão e meio de descendentes de japoneses no Brasil; ao mesmo tempo em que podemos localizarmos quase duas centenas de milhares de brasileiros - nipodescendentes - morando e trabalhando no Japão. A japonesa é a segunda maior colônia de brasileiros no exterior, sendo a primeira a dos Estados Unidos; e a quarta maior comunidade estrangeira no Japão, estando os chineses, coreanos e filipinos nas três primeiras posições, respectivamente.

Sendo o Japão uma das nações mais desenvolvidas do mundo, não apenas em termos do peso do Produto Interno Bruto (PIB) mas também em dimensões filosóficas, científicas e culturais, há muitas vantagens para nós, brasileiros, na manutenção dessa amizade e no desdobramento desta em outras frentes para o futuro. Em um mundo agora marcado pela força dos blocos econômicos, é com muita satisfação que vemos o interesse do Japão em estabelecer parceria econômica com o Mercosul, com a Aliança do Pacífico e com a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos.

As economias do Brasil e do Japão estão profundamente conectadas. Dos primeiros migrantes, que vieram para o interior de São Paulo e Paraná para ocuparem-se da lavoura do café, aos dias de hoje, em que adotamos um padrão tecnológico de televisão digital, há muitos episódios que consolidaram essa cooperação. Naqueles primeiros anos, tanto o Brasil carecia de trabalhadores quanto o Japão necessitava realocar parte de seus nacionais, enviando-os aos Estados Unidos, ao Peru e também ao Brasil. Para nossa economia, aquela chegada do Kasato Maru, em 1908, foi providencial.

Já em décadas mais recentes, em 1958, teve início a operação da Usiminas, com apoio de capital e tecnologia japoneses; de 1965 a 1972, tivemos a instalação de grandes corporações japonesas, as quais trouxeram não apenas empregos e bens, mas também tecnologia: as tão conhecidas Toshiba, Panasonic, Yakult, NEC, Yamaha, Honda, Sharp e Sony são apenas algumas dessas empresas que participaram do boom industrial brasileiro; e presentes no cotidiano dos brasileiros, do transporte ao entretenimento, passando pela mesa de jantar.

Já na década de 1970, o início da cooperação tecnológica e econômica com o Brasil criou o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado (Prodecerr), uma iniciativa que revolucionou o uso do solo em nosso País e que é um dos fatores da liderança que o Brasil tem na exportação de commodities.

Essa aliança de 120 anos levou o Japão, em 2014, a ser o segundo maior parceiro comercial do Brasil na Ásia, com intercâmbio comercial de US\$ 12,6 bilhões.

A cooperação econômica nos últimos tempos ocorre, por exemplo, na indústria naval, sobretudo pelas perspectivas de exploração das reservas do pré-sal e pela demanda por petróleo e gás. Essa parceria ocorre, principalmente, pelo pioneirismo e maestria da indústria naval japonesa, que tem demonstrado interesse não apenas em investir no Brasil, mas também em transferir tecnologia, o que é essencial para a sustentabilidade de nosso País.

Dessas relações econômicas, naturalmente, há ganhos de natureza educacional, científica e tecnológica, pois o Japão é um dos mais relevantes parceiros nas áreas de cooperação técnica: em 38 anos, investiu no Brasil aproximadamente US\$ 100 milhões. Além da já mencionada TV Digital, há outras áreas de cooperação científica e tecnológica, como as de oceanografia e ciências do mar, biotecnologia, ciências médicas, nanotecnologia, novos materiais, satélites, tecnologia espacial e tecnologia da informação e comunicação.

Em um programa fundamental para a juventude brasileira, o governo japonês tem demonstrado grande interesse em receber estudantes e pesquisadores brasileiros, no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras, com uma meta de ofertar 1.300 vagas para os brasileiros, até 2010.

Numa de nossas áreas de excelência, a pesquisa agropecuária, a Embrapa e o Centro Internacional Japonês para Pesquisas em Ciências Agrícolas (Jircas) assinaram acordo para a criação do Labex Japão, um laboratório virtual da Embrapa, com o propósito de aprofundar a cooperação entre a empresa brasileira e o Jircas, uma experiência que teve início em 1995. Um dos projetos é o de desenvolvimento de tecnologia de engenharia genética para culturas com tolerância à degradação do meio ambiente global, com ênfase na soja modificada com grande resistência contra secas; e outro é o de desenvolvimento de tecnologias de cultivo para melhoramento da produção e oferta estável de culturas em altitude.

Na área de computação de alto desempenho, tem sido intensificada a cooperação entre os dois países, com a capacitação de recursos humanos, desenvolvimento tecnológico para gerenciamento de grandes sistemas e uso de computação para modelagem e monitoramento de mudanças climáticas.

Como destaca o Itamarati, a dimensão humana reveste-se da maior importância nessas relações com o Japão, como já demonstrado pelas presenças de brasileiros naquele País e de seus descendentes entre nós.

Desde 1964, Nara Leão e Sérgio Mendes já haviam iniciado esse encantamento; na década de 1970, Elis Regina e Hermeto Paschoal voltaram a cativar os japoneses; na década de 1980, foi a vez de eles apreciarem Gal Costa, Djavan, Clara Nunes, João Bosco. Na música popular, um dos fenômenos mais recentes é a audiência da cantora Tsubasa Imamura, cuja conta no YouTube, criada há dois anos, tem 85 mil seguidores, sendo que alguns vídeos chegam a ter 700 mil visualizações, como o caso do cover de “País e Filhos”, da banda Legião Urbana. Se somarmos às visualizações de “Malandragem”, de Cássia Eller, os brasilienses podemos nos orgulhar de mais de um milhão de visualizações de ídolos que moraram e iniciaram suas carreiras de sucesso no DF. Isso quer dizer que, além da sagração e consagração da bossa nova e do samba, outros compositores brasileiros se afirmam na Terra do Sol Nascente.

Para representar a riqueza dessa dupla recepção, alegremo-nos, também, com a admiração dos japoneses pelo futebol brasileiro, a ponto de um dos nossos maiores ídolos do futebol ser um quase herói naquele país. Não por acaso, foram escolhidos como Embaixadores da Boa Vontade dos 120 anos de Amizade Brasil-Japão o Arthur Antunes Coimbra, nada menos que o Zico; e a Márcia Nishie, descendente de japoneses de Mogi das Cruzes, São Paulo, que é a primeira cantora nipo-brasileira a fazer sucesso no circuito profissional de música japonesa.

Neste lado do mundo, tem sido igualmente relevante a contribuição dos japoneses para nossa cultura. Nomes como o de Manabu Mabe (1994-1997) se tornaram célebres no Brasil, como exemplo de maestria nas artes plásticas. À semelhança de outros imigrantes, veio para trabalhar na lavoura, em 1934. Decidido a ser pintor, dedicava-se à sua arte quando chovia e não podia ir para a lavoura. A atuação de Manabu Mabe e de seu colega Tikaishi Fukushima (1920-2001) foram essenciais para a afirmação e desenvolvimento do abstracionismo no Brasil. Com brilhantismo semelhante, Tomie Ohtake destacou-se também, vindo a ser considerada a dama das artes plásticas brasileiras. Todos eles nascidos no Japão,

naturalizados brasileiros, brasileiros de coração, porque deixaram um legado para a identidade da cultura brasileira.

Na arquitetura, a influência da cultura japonesa tem-se revelado marcante, uma vez que a busca pela integração com a natureza é fundamental naquele país. Entre nós, como um dos mais belos exemplares dessa influência, está o Memorial da Imigração Japonesa no Brasil, construído sobre um espelho d'água em um grande parque ecológico de Belo Horizonte. A obra de arte que é o edifício, símbolo do centenário da imigração japonesa no Brasil, representa essa aliança entre os dois países.

Na literatura, a forma tradicional japonesa do haikai muito influenciou alguns de nossos melhores poetas, estudiosos profundos do tema, como o célebre Guilherme de Almeida, ainda na década de 1930; e, mais recentemente, o polêmico e talentoso Paulo Leminski, a poeta Alice Ruiz e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. Grandes marcas desse modo de fazer versos estão presentes no concretismo brasileiro e em outros diálogos poéticos.

Enfim, Sras e Srs. Senadores, só há motivos de júbilo para esse feliz encontro de culturas. Esperamos, sobretudo, que a harmonia que tem marcado essas relações sirva como um parâmetro para que o mundo inteiro repense os movimentos migratórios que hoje fervilham, principalmente na Europa.

Sem pretensões de dar lições a qualquer nação, entendemos que a postura do Brasil perante esses fenômenos migratórios tem sido de grande proveito para todos: para os que vêm e para os já aqui chegados.

Sem entrar no mérito das injustiças históricas com nossos indígenas, primeiros moradores, o Brasil é marcado por ser um país de migrantes. Desde os primeiros europeus que aqui aportaram, sob o signo do domínio; passando pelos africanos forçados a vir trabalhar em cativeiro; inovando com alemães, italianos e japoneses, de imigração estimulada, nos séculos XIX e XX. Por outras razões, particularmente as dificuldades em seus países de origem, tivemos a vinda de sírios, libaneses, palestinos, jordanianos, cujos descendentes, aqui chegados desde o início do século XX, somam um milhão de brasileiros; também do Oriente Médio, vieram os judeus, com colônia de mais de 100 mil pessoas.

Mais recentemente, 50 mil haitianos também enxergaram no Brasil oportunidades de refazer suas vidas.

Por fim, ultimamente, segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), 2.077 sírios receberam status de refugiados do governo brasileiro de 2011 até agosto de 2015. Um número que pode chegar a 50 mil, nas palavras do professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, Oliver Stuenkel.

Enfim, o que quero dizer é que a tolerância tem sido uma marca dos brasileiros, e esperamos que siga sendo; assim como esperamos que esses padrões de convivência, fraternidade e colaboração sejam o espelho para os movimentos migratórios.

Eram essas minhas palavras de homenagem aos 120 anos de amizade entre Brasil e Japão, com meus desejos de que essa se sustente pelos próximos séculos.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC) – Antes de passar para o Senador Flexa, eu só queria contar que, nessa minha primeira viagem internacional, eu passei o maior aperto da minha vida, porque eu praticamente não falava nenhuma palavra em japonês. Mas esse não era o problema: é que eu também não falava nenhuma palavra em inglês!

Eu fui, a convite de um amigo que morava lá, para trabalhar, para fazer um trabalho, em 1986, 1987. Fui pela JAL – quase dois dias de viagem. Na JAL, não teve problema, eu comi, tudo bem. Cheguei a Narita – havia combinado com meu amigo. Não havia celular naquela época, fui procurar uma ficha para fazer uma ligação em um telefone público, porque meu choque maior foi que ele não estava no aeroporto me esperando. Eu pensei: “E agora, o que faço eu em Tóquio?” Eu fui atrás de uma ficha telefônica para ligar para ele. Ele, tranquilo: “Não, estou em casa. É fácil você chegar aqui.” “Como eu vou chegar a sua casa? Estou aqui no aeroporto de Narita.” Ele falou: “Olha, você troca o dinheiro aí, faz um câmbio, e sai.” – eu não tinha dinheiro para pagar táxi. “Você sai. Tem um ponto de ônibus em tal lugar. Você pega o ônibus tal, tal, desce em uma estação depois de uma hora e meia. São dois ou três andares. Você vai subir e encontrar um ponto de táxi. Você pega um táxi e diz que está indo para o *kosaten*”. É a única palavra que ainda lembro: *kosaten* é cruzamento. O pior é que não tem endereço, não tem rua tal, número tal, prédio tal, é entre um cruzamento e outro. Isso, numa ligação só, sem celular, não tinha como ligar de novo. Eu saí e, duas horas depois, cheguei ao *kosaten* que ele tinha mandado. Ele estava lá fora. Eu cheguei com uma mala enorme – um caipira vindo da Amazônia em Tóquio. Eu acho que só cheguei

e só voltei daquela viagem porque era Tóquio. Lá tudo funciona, tudo é organizado. Até quem não sabe falar nada, que não sabe andar nada, consegue se sair bem, mesmo que seja marinho de primeira viagem.

Então, nunca me esqueço dessa minha estreia em viagem internacional, Senador Flexa – o senhor que viaja tanto –, logo para Tóquio e nessas circunstâncias!

Convido, para fazer uso da tribuna, o Senador Flexa.

Vou passar a Presidência, como homenagem também, ao Senador Wellington Fagundes. Eu tenho que votar na Comissão de Relações Exteriores, onde temos trabalho agora pela manhã – eu tinha que estar lá votando. Vou tentar retornar.

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Antes de V. Ex^a se ausentar: depois me dê o nome desse seu amigo lá do Japão...

O SR. PRESIDENTE (Jorge Viana. Bloco Apoio Governo/PT - AC. *Fora do microfone.*) – Amigo da onça!

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – Eu ia lhe dizer exatamente isso! É para que ele não nos receba lá da forma como recebeu V. Ex^a!

Saúdo o Presidente, Senador Wellington Fagundes. Saúdo também o Senador Jorge Viana, Vice-Presidente do Senado Federal e que até este momento presidia a sessão solene em que comemoramos os 120 anos das relações diplomáticas e de amizade entre o Brasil e o Japão.

Cumprimento também o Senador Hélio José, que foi o primeiro signatário do requerimento da presente sessão; o Senador Wellington Fagundes, que preside, como disse, neste momento a sessão; o Sr. Embaixador do Japão Kunio Umeda; o responsável pelo Templo Budista de Brasília, Sr. Monge Shôjo Sato; a fundadora e presidente da Rede Blue Tree de hotéis, Sr^a Chieko Aoki; o Vice-Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Japão, Deputado Federal William Woo; o Cônsul-Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, Sr. Wilson Brumer, ex-presidente da Companhia Vale, que tem uma ligação muito estreita e importante com o meu Estado, o Estado do Pará, e uma relação também estreita com o Japão, em vários empreendimentos que foram implantados em parceria com empresas japonesas – aqui foram citadas algumas delas, como é o caso da Albrás e várias outras no Estado do Pará – o Sr. Tenente-Coronel Evaldo Soares Vieira, que representa o Comandante da Polícia Militar do Distrito Federal; a Deputada Federal por São Paulo, Sr^a Keiko Ota; os Srs. Embaixadores; os senhores representantes do corpo diplomático, as senhoras e os senhores presentes.

Há 120 anos os Governos do Brasil e do Japão celebraram, na cidade de Paris, o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação que marcou o começo de nossas relações diplomáticas recíprocas.

Recuando no tempo, observamos que, antes da celebração do referido Tratado, as relações entre o Brasil e o Japão eram quase inexistentes, senão nulas.

Contudo, os esforços diplomáticos empreendidos à época para que se chegasse a um texto que atendessem as expectativas dos dois países frutificaram e resultaram, ao longo dos anos, em benefícios inequívocos para ambas as sociedades.

Foi o Tratado, por exemplo, que propiciou o início, nos primeiros anos do século XX, da imigração japonesa para o Brasil, sendo fundamental para a formação dos laços de amizade que hoje unem os dois povos.

De fato, precisamente em 18 de junho de 1908, a embarcação Kasato Maru aportou na cidade de Santos, transportando 165 famílias de imigrantes japoneses, que deixaram seu país para enfrentar, na sua maioria, o trabalho árduo da lavoura cafeeira.

Em 2008, quando foi comemorado o centenário da imigração japonesa no Brasil, estava eu, com muita honra, como Vice-Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Japão, juntamente com o Deputado William Woo, que àquela altura era o presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Japão. À época, tivemos a honra, a alegria e a felicidade de receber a família imperial para uma série de compromissos em razão da data comemorativa.

Lembro que marcamos o fato com um quadro feito com origamis, que se encontra no salão da Câmara Federal e que mostra a bandeira do Japão e a bandeira do Brasil – feita em origamis. Se não me falha a memória, há alguma coisa como 500 mil origamis, que foram produzidos no Brasil e no Japão – no Brasil, em várias cidades onde a colônia japonesa se fazia presente, inclusive no meu Estado, o Pará. Esse quadro se encontra lá na Câmara Federal como testemunho da amizade entre os dois povos irmãos, o brasileiro e o japonês.

No meu Estado do Pará, a imigração japonesa tem como marco o dia 16 de setembro de 1929, quando um grupo de 43 famílias japonesas desembarcava em Belém, capital paraense. O fluxo migratório continuou ao longo do século XX, basicamente, durante dois períodos: de 1929 a 1937; e depois, de 1952 a 1962. Vários foram os aspectos que atraíram a população japonesa ao Estado do Pará.

No primeiro período migratório, a grande motivação para atrair famílias japonesas se dava pela possibilidade de o povo oriental se tornar proprietário de 25ha de terras no meu Estado do Pará. Para o governo do Estado, na época, a chegada dos japoneses era importante, porque a Amazônia e o Pará precisavam ser povoados e precisavam do auxílio do povo irmão, para que pudessem ajudar os paraenses de nascimento a desen-

volver aquele rincão do nosso Brasil. Já para o governo japonês, o fluxo seria a saída para o grande número de camponeses com dificuldades, desde a reforma Meiji, em 1868.

A comunidade japonesa, no Estado do Pará, estabeleceu-se mais fortemente – e até hoje – no Município paraense de Tomé-Açu, onde ajudaram a fortalecer a economia local, introduzindo o cultivo da pimenta-do-reino, a partir de sementes por eles compradas em Cingapura.

(Soa a campanha.)

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – No Pará, em pouco tempo, a pimenta-do-reino se tornou o maior produto de exportação regional, depois da borracha. O sucesso retumbou como um gongo, entre as comunidades japonesas. No final da década de 1950, o Município de Tomé-Açu já produzia mais de 5 mil toneladas de pimenta-do-reino por ano, chegando a ser conhecido como o “diamante negro da Amazônia”.

Em Tomé-Açu, Município do meu Estado, o Pará, as tradições japonesas se mantêm preservadas em plena Floresta Amazônica. O Distrito de Quatro Bocas é onde se encontra a maior colônia japonesa do Pará.

E, Sr. Embaixador, V. Ex^a sabe...

(Interrupção do som.)

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – ... que a colônia de descendentes de japoneses no Pará é a quarta do Brasil – a primeira é São Paulo; depois, Paraná, Mato Grosso e Pará.

Como dizia, no Distrito de Quatro Bocas, onde se concentra a maior colônia japonesa do Pará – aí é importante e interessante destacar isto, de que tenho certeza de que o Sr. Embaixador tem conhecimento –, há uma escola em que o ensino é ministrado em japonês e os esportes mais populares são o sumô, o beisebol e o golfe. Lá, na Amazônia brasileira, no meu Estado do Pará, no Município de Tomé-Açu, no Distrito de Quatro Bocas, existe essa escola onde o ensino é feito na língua japonesa.

Realmente, trata-se de um feito espetacular o de conseguir manter e disseminar a língua, as festas, a religião, enfim, a cultura e as tradições nipônicas em território amazônico, êxito que somente pode ser alcançado, porque a comunidade se manteve unida ao longo dos mais de 85 anos de presença na região.

Para comemorar a presença nipônica em solo paraense ao longo dessas oito décadas, recebemos agora, no início de novembro, no nosso Estado, a visita do Príncipe Akishino, filho mais novo do Imperador Akihito, do Japão, e da sua esposa, a Princesa Kiko, que cumpriram, por dois dias, uma intensa agenda de compromissos, dividida em encontros com autoridades e com representantes da comunidade Nikkei e visitas a pontos turísticos da cidade.

É importante ressaltar que a contribuição dos imigrantes japoneses vai muito além do setor agrícola. Conforme lembrou recentemente o Embaixador do Brasil no Japão, Sr. André Corrêa do Lago, na esteira das comemorações dos 120 anos do estabelecimento das relações diplomáticas nipo-brasileiras, foi decisiva a demanda da indústria siderúrgica japonesa, a partir dos meados dos anos 50, para a consolidação da mineração de ferro no Brasil. Daí vem, como me referi no início, a relação do governo do Japão, via empresas japonesas, com a companhia Vale do Rio Doce – hoje Vale.

Neste ano de 2015, por diversos fatores, inclusive pela continuidade da queda do preço do minério de ferro, há uma tendência de inversão na balança comercial entre o Brasil e o Japão, que sempre foi superavitária para o Brasil, e que, neste ano, deverá apresentar um resultado contrário: será superavitária para o Japão, nas trocas comerciais. De qualquer forma, as relações comerciais e a cooperação tecnológica com o Japão permanecerão sólidas.

(Soa a campanha.)

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – Eu quero destacar que a relação do Japão com o Brasil, em especial com o meu Estado, é para nós paraenses de fundamental importância, pela amizade, pelas relações culturais e também pela ajuda que o povo japonês que migrou deu e continua dando ao Pará para o nosso desenvolvimento. Ainda agora, o Governo japonês, através da sua agência de desenvolvimento, a Jica, está financiando o Governo do Estado do Pará para a instalação do BRT na região metropolitana da capital da nossa cidade de Belém.

(Interrupção do som.)

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – O convênio já foi assinado, os recursos já estão disponibilizados, e as obras devem se iniciar no início do próximo ano. É, sem sombra de dúvida, uma obra de importância vital para o nosso Estado e para a região metropolitana de Belém.

É importante, Embaixador. O Brasil, lamentavelmente, vive um tempo de crise.

O Senador Hélio José – que foi o primeiro subscritor do requerimento – é funcionário do Ministério de Minas e Energia, engenheiro da área de infraestrutura, que é um dos maiores ou talvez o maior problema para o desenvolvimento do Brasil. Aí nós temos muito o que aprender com o Japão. Lembro que, quando ocorreu, lamentavelmente, o *tsunami* em Fukushima, a estrada que foi interrompida foi corrigida em dez dias e a recuperação ocorreu num tempo, em relação ao que ocorre aqui no Brasil, infinitamente menor, o que demonstra as condições de desenvolvimento do Japão, que tem muito a oferecer para que nós possamos aprender com a disciplina milenar do povo japonês.

Muito falei sobre a imigração japonesa para o Brasil, mas também não posso deixar de mencionar o movimento emigratório de dezenas de milhares de brasileiros nipo-descendentes, que, em diversos momentos da estagnação da economia brasileira, foram acolhidos no Japão, onde puderam trabalhar e construir suas vidas. Hoje, mais de 170 mil brasileiros vivem no Japão – muitos dos quais remetendo mensalmente recursos financeiros para familiares no Brasil –, e outros já retornaram, trazendo consigo suas economias com o objetivo de aqui investir em novos negócios.

Os laços de amizade e de identidade entre o Brasil e o Japão, reforçados pelo fluxo migratório entre as nossas nações, têm o condão da perenidade, cujo marco inicial se registrou há 120 anos, com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação.

Ao concluir, eu quero fazer um registro final e uma homenagem à colônia japonesa do meu Estado. Eu gostaria de poder citar todos os meus amigos descendentes japoneses no meu Estado, mas não tenho espaço para isso. Então, vou fazê-lo em nome do Yuji Ikuta, que é o Presidente da Associação Pan-Amazônica Nipo-Brasileira, e do Michinori Konagano, que é o Presidente da Camta (Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu), exatamente aquele Município a que me referi ainda há pouco.

(Soa a campanha.)

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – Quero também saudar o Sr. Gilberto Yamamoto, Presidente da Sociedade de Beneficência Nipo-Brasileira da Amazônia. E, por último, vou saudar uma família de imigrantes japoneses que construiu um grupo de empresas no Pará. A imigração para o Pará tem alguma coisa em torno de 86 anos, e a empresa tem 60 anos que foi fundada no Estado do Pará, que é o Grupo Y.Yamada. Faço a homenagem ao Grupo Y.Yamada em nome do Fernando Yamada, nosso amigo, que hoje é o Presidente da Associação Brasileira de Supermercados.

Em nome desses amigos da...

(Interrupção do som.)

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – ... colônia japonesa no meu Estado, eu quero saudar a todos descendentes, a todos os integrantes da colônia japonesa no meu Estado do Pará, que são paraenses e que nos ajudam a desenvolver, com seu trabalho, com a sua inteligência, com o seu amor – isso que é importante – pelo Brasil e, em especial, pelo Pará.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

Durante o discurso do Sr. Flexa Ribeiro, o Sr. Jorge Viana, 1º Vice-Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Wellington Fagundes.

O SR. PRESIDENTE (Wellington Fagundes. Bloco União e Força/PR - MT) – Gostaria de parabenizar o Senador Flexa pelo seu conhecimento. Ele fez um pronunciamento com muito conhecimento de causa vivida. Eu só acho que ele se esqueceu de falar um detalhe extremamente importante: ele tem uma nora japonesa.

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco Oposição/PSDB - PA) – É verdade! E uma neta descendente.

O SR. PRESIDENTE (Wellington Fagundes. Bloco União e Força/PR - MT) – Quero aqui, no exercício da Presidência, cumprimentar o nosso companheiro Vice-Presidente do Senado, Senador Jorge Viana, que presidiu esta sessão; também o primeiro signatário da presente sessão, o Sr. Senador Hélio José; o Vice-Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Japão, meu companheiro de Câmara dos Deputados, Deputado Willian Woo. Na Câmara pudemos também, como o Senador Flexa falou, trabalhar juntos sob a sua Presidência no grupo Brasil-Japão, quando se implantou aqui o painel do origami, onde nós, os Parlamentares, a população colocou os seus desejos através dos papezinhos. A Presidente Dilma também, que à época era Ministra da Casa Civil, colocou o seu desejo lá. Não sabemos, mas provavelmente foi para Deus dar-lhe a oportunidade de ser Presidente da República. Hoje, claro, depois de reeleita, ela tem todas as dificuldades que o Brasil passa no momento econômico, mas, sem dúvida alguma, a primeira mulher brasileira a ser Presidente e a fazer parte da nossa história.

Com esse gesto, já demonstrava a sua amizade, o seu carinho pelo povo japonês. Esse painel tem mais de duas toneladas e eu, lá, fazendo parte desse grupo, levei esse trabalho, essa homenagem aquela época ao Estado de Mato Grosso porque temos lá uma colônia muito grande.

Quero também cumprimentar o Embaixador do Japão, Sr. Kunio Umeda, e em seu nome também todos os funcionários, todos os trabalhadores da embaixada japonesa aqui no Brasil.

Quero cumprimentar o carismático Monge Shôjo Sato, com quem tive a oportunidade de conversar poucas palavras. Ele é responsável pelo Templo Budista de Brasília e até me convidou para ir lá conhecer. Faço questão de estar lá presente.

Cumprimento também a fundadora e Presidente da Rede Blue Tree de Hotéis, a Sr^a Chieko Aoki, que eu já conhecia há muito tempo. Fui cliente dela lá no Blue Tree, onde morei alguns meses, e até faço aqui questão de convidá-la para estar em meu Estado principalmente para conhecer os potenciais turísticos do meu Estado. Agora, provavelmente estaremos aprovando a lei dos jogos no Brasil e, com isso, a possibilidade de implantar cassinos, principalmente em áreas de águas termais, porque temos um potencial muito grande ali na região Sul de Mato Grosso, bem como na cidade de Barra do Garça, na divisa de Mato Grosso com Goiás.

Com isso, claro, quero parabenizá-la por ser uma mulher empreendedora. Isso também é extremamente importante. Cada vez mais, as mulheres brasileiras, aquelas que aqui estão, estão avançando na participação da sociedade brasileira. Então, eu a cumprimento, em nome de todas as mulheres que aqui estão e também de todas as mulheres empreendedoras, lutadoras, do Brasil.

Quero aqui cumprimentar também o Cônsul Geral Honorário do Japão em Belo Horizonte, Sr. Wilson Nélio Brumer, que já falou aqui também, com bastante conhecimento de causa, inclusive da sua participação em obras importantes do nosso País.

Quero aqui também cumprimentar o Presidente da Associação Nikkei, Sr. Waldemar Umeda, que está aqui conosco; o Presidente da Sociedade Cultural Nipo-Brasileira de Brasília, Sr. Pedro Matsunaga – espero que eu esteja aqui falando pelo menos próximo da pronúncia –; e o Sr. Evaldo Soares Vieira, tenente-coronel que representa o Comando da Polícia Militar do Distrito Federal.

Inicialmente, eu quero aqui, em nome também do meu Estado, da minha comunidade, da minha cidade natal, Rondonópolis, na região sul de Mato Grosso, homenagear o Sr. Massao Ishizuka. Ele é um dos primeiros que chegaram ao Mato Grosso, junto com a sua esposa, D. Tereza.

Ele veio do Japão, formou-se em odontologia, no interior de São Paulo, e depois escolheu a nossa cidade para morar. Lá ele também implantou muito da cultura japonesa. Nós temos uma colônia japonesa muito grande lá na cidade de Rondonópolis. O Clube Nipo-Brasileiro é muito tradicional. O nosso time é, inclusive, campeão estadual. O Sr. Massao construiu uma história.

Eu quero aqui até lembrar um ditado japonês que ele costumava dizer. Segundo ele:

Quem quiser colher amanhã, planta grão de cereais. Quem quiser colher daqui a dez anos, planta frutos. Quem quiser colher daqui a 20, 30 anos, planta árvores. Quem quiser colher daqui a cem anos, cria a personalidade do homem.

Ele dizia que isso resume o papel da educação e da filosofia de vida dele.

Com isso, então, eu aqui homenageio e cumprimento toda a comunidade nipo-brasileira do Estado de Mato Grosso, em especial da minha cidade, a cidade de Rondonópolis.

Inicialmente, quero dizer o quanto nos honra estarmos aqui comemorando os 120 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão. Isso nos honra não somente em razão da nossa histórica relação política, mas, sobretudo, pela construção de uma genuína e sólida amizade.

À primeira vista, poderíamos questionar como dois países tão distantes, tão diferentes, poderiam, hoje, ser tão próximos. Mas, seguramente, vemos que temos mais semelhanças do que diferenças.

Nesses 120 anos, Brasil e Japão testemunharam a ascensão e a queda de potências mundiais. Assistiram ao sofrimento de vidas humanas em duas grandes guerras. E, acima de tudo, defendem, senhores e senhoras, com veemência, um padrão das relações internacionais pautado pelo pacifismo, pelo diálogo e pela amizade.

Creio que seja impossível qualquer registro deste dia histórico, nesta Sessão Especial de comemoração, sem mencionarmos a contribuição dos imigrantes dos dois países.

Realizamos um dos maiores intercâmbios migratórios do mundo. Seja no começo do século XX, com a chegada de japoneses, seja nas últimas décadas, com o deslocamento de milhares e milhares de brasileiros ao nosso querido Japão. Uma coisa nos une, sem dúvida alguma, o invariável desejo de nossas populações por melhores condições de vida.

Atualmente, o Brasil é considerado o país com a maior quantidade de descendentes de japoneses fora do Japão. São cerca de 1,5 milhão de pessoas. E, olha, que somos um dos países geograficamente mais distan-

te do Japão. Brasília está há mais de 17.000km de Tóquio. Apesar disso, tenho convicção de que somos um dos povos mais próximos na amizade e no compartilhamento de interesses mútuos.

Presto aqui a minha homenagem às primeiras famílias que aqui aportaram em 1908, numa verdadeira epopeia, digna dessa história fascinante. Aquelas 781 famílias de lavradores ajudaram a plantar o Brasil de hoje.

(Soa a campanha.)

O SR. PRESIDENTE (Wellington Fagundes. Bloco União e Força/PR - MT) – Mato Grosso, o meu Estado, particularmente testemunhou um importante salto qualitativo na forma de conceber e produzir bens, principalmente no campo.

Ainda uno, a cidade de Campo Grande, hoje capital de Mato Grosso do Sul, foi uma das cidades que mais receberam imigrantes japoneses no decorrer do século passado. Hoje, estima-se que 10% da população da capital do Mato Grosso do Sul seja formada por descendentes desses imigrantes.

Senhoras e senhores, como Parlamentar de Mato Grosso, quero registrar ainda a fundamental importância dos projetos de cooperação técnica, iniciados em meados da década de 70, que tornaram possível a produção, em larga escala, de grãos no nosso cerrado. Se hoje somos um dos maiores produtores de soja do mundo, responsáveis por mais de 50% da produção de soja brasileira, foi a partir dessa cooperação de grandes proporções que logramos alcançar os elevados patamares de produtividade em um solo ácido e, até então, considerado um dos mais estéreis do Brasil em termos agrícolas.

Entre os muitos fatos que considero de grande relevância nessa relação Brasil-Japão, um ocorreu em 1979, quando teve início o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados, o Prodecer, que contou com o apoio técnico e financeiro da Agência Internacional de Cooperação do Japão por mais de 20 anos, inclusive criando a empresa binacional Brasil-Japão-Campo.

Além da promoção de inovações tecnológicas, a cooperação japonesa ainda contribuiu para significativos saltos institucionais, como o uso da terra em forma cooperativa, essencial para o desenvolvimento do cerrado brasileiro. Nesse sentido, sua atuação ajudou a Embrapa a tornar-se uma referência mundial em pesquisa científica e na prestação de cooperação técnica para outros países em desenvolvimento.

Foi a partir de projetos como esse que o Brasil é, hoje, um dos mais importantes celeiros do mundo e um ator central nas políticas de segurança alimentar de nosso Planeta. E podemos avançar muito mais. Só o Mato Grosso, hoje, tem condições de produzir tudo o que o Brasil produz, e só a região do Araguaia, que é a nova fronteira agrícola de Mato Grosso, tem condições de produzir tudo o que Mato Grosso produz.

Como se vê, o relacionamento entre Brasil e Japão, há muito tempo, deixou de ser meramente protocolar e pautado por interesses unilaterais. Nosso relacionamento é altamente estratégico.

Em julho passado, integrei a missão brasileira que esteve no Japão para discutir o comércio agropecuário bilateral, juntamente com a Ministra Kátia Abreu – está prevista, inclusive, a ida da Presidente Dilma ao Japão no próximo mês. E lá também olhamos os investimentos estrangeiros no Programa de Investimento em Logística, lançado pelo Governo Federal.

Visitamos empresas importantes do Japão que investem no Brasil, como a Sumitomo, que hoje tem uma empresa no nosso Estado, o Estado de Mato Grosso.

Fomos muito bem recebidos, como revela a tradição oriental; dialogamos intensamente, pautados na empatia, reciprocidade, hierarquia, lealdade e respeito.

Foi do Japão, que tem uma forma peculiar de enxergar as crises, que saí renovado de esperanças, certo de que o Brasil é um país que vai dar certo. Senti ali a crença e a confiança que vocês, japoneses, depositam em nós e na nossa capacidade de superar, crescer e nos desenvolver.

Espero, objetivamente, que, na viagem da Presidente Dilma ao Japão, prevista para dezembro, tenhamos passos significativos no avanço dessa relação comercial de fundamental importância para o nosso País e, sobretudo, para o meu Estado, que é também o maior produtor de carne. O Japão, hoje, é o maior importador de carne de aves; mas nós somos, também, o maior produtor de carne bovina. Há muito tempo o Japão não importa carne bovina. Lá estivemos, inclusive, com a Ministra da Saúde e acreditamos que na ida da Presidente Dilma haveremos de abrir esse mercado tão importante para o Brasil.

Portanto, nesta data, não celebramos somente os 120 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Japão. Celebramos, senhoras e senhores, a formação e a construção histórica de profundos laços de amizade e de confiança que, de maneira inequívoca, vinculam nossos povos.

Encerro, aqui, com dois provérbios japoneses que se completam. O primeiro diz: “Sabedoria e virtude são como duas rodas de uma carroça”; e o segundo determina: “Volta teu rosto sempre na direção do sol, e então, as sombras ficarão para trás”.

Que nossas relações de amizade e negócios sejam sempre um olhar adiante.

Ao encerrar, quero aqui registrar o exemplo histórico que o Japão deixou para os brasileiros. Os japoneses são torcedores fanáticos do futebol e também do nosso querido Ayrton Senna, que deixou um legado muito grande por este País. O Japão veio jogar na Copa do Mundo, e os japoneses deram um exemplo de civilidade, de educação: ao terminarem os jogos, a torcida ia colher o lixo, os papéis, dando um exemplo de educação.

E quero, inclusive, dizer que o nosso grande judoca Charles Chibana estará competindo nas Olimpíadas brasileiras, no Rio de Janeiro. E, claro, esperamos que nos dê a medalha de ouro. E também que o Japão dê oportunidade, nas próximas Olimpíadas, aos nossos atletas de ganharem as medalhas lá e consolidarem ainda mais esta amizade existente entre os nossos povos.

Muito obrigado.

Esse é o meu pronunciamento.

E, ainda, quero convidar a todos para acompanharmos um áudio com o trecho da reportagem especial intitulada “Uma história de amizade”, alusiva aos 120 anos de amizade Brasil-Japão, produzido pela TV Senado. É um vídeo muito curto, que eu gostaria que fosse colocado. É um áudio.

Temos acesso ao áudio ou só à televisão?

Esta, com certeza, não é uma tecnologia japonesa, porque está falhando, mas haveremos de colocar o áudio, porque foi produzido com muito carinho pela equipe de comunicação da Casa. E, já que estamos transmitindo esta sessão, pela televisão, pela Rádio Senado e por todos os meios de comunicação da Casa, gostaríamos de insistir ainda, para que pudéssemos colocar esse áudio.

(Procede-se à reprodução de áudio.)

O SR. PRESIDENTE (Wellington Fagundes. Bloco União e Força/PR - MT) – Antes de encerrar, eu gostaria aqui de dizer o quanto eu admiro e gosto do povo japonês. E, para provar isso, eu quero dizer que o meu primeiro suplente para o Senado é um japonês, médico da cidade de Sinop, Dr. Jorge Yanai. É uma pessoa extremamente carismática, um homem correto, e foi muito importante o seu apoio para que eu pudesse estar aqui, nesta Casa, no Senado, depois da experiência de viver seis mandatos na Câmara dos Deputados.

Eu quero aqui, também, mais uma vez, chamar a população japonesa e principalmente o Governo japonês. O Brasil passa por momentos de crise. Nesses 25 anos que aqui estou, é o primeiro momento em que nós temos duas crises: uma crise política e uma crise econômica ao mesmo tempo.

E sabemos que temos que resolver primeiro a crise política, para que a gente possa solucionar os nossos problemas econômicos. Isso, porque potencialidade o Brasil tem muita, tecnologia o Japão tem, conhecimento o Japão tem. Ampliarmos esta nossa parceria, com certeza, será muito importante para o Brasil e, também, para o Japão, principalmente pela tradição do nosso povo.

Então, eu quero aqui, cumprida a finalidade da sessão, agradecer as personalidades que nos honraram com o seu comparecimento e declarar encerrada esta sessão solene muito importante, realizada aqui no Senado da República.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 35 minutos.)

Ata da 204ª Sessão, Especial, em 16 de novembro de 2015

1ª Sessão Legislativa Ordinária da 55ª Legislatura

Presidência do Sr. José Medeiros.

(Inicia-se a sessão às 12 horas e 14 minutos e encerra-se às 13 horas e 51 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Declaro aberta a sessão. Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

A presente sessão destina-se a homenagear o 156º aniversário da Igreja Presbiteriana do Brasil e o 145º aniversário da Instituição Mackenzie, nos termos do Requerimento nº 1.153, de 2015.

Convido a compor a Mesa o Presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil, Sr. Rev. Roberto Brasileiro da Silva; o Presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie, Sr. Maurício Melo de Meneses; o Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Sr. Benedito Guimarães Aguiar Neto; o Presidente do Conselho Deliberativo Mackenzie, Sr. José Inácio Ramos; o Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, Rev. Sr. Juarez Marcondes Filho.

Queremos saudar ainda o Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, Sr. Cid Marconi; o Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que nos apresentou o vídeo aqui, Rev. Sr. Davi Charles Gomes; o Presidente dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe/DF), Sr. Álvaro Moreira Domingues Júnior; o Diretor do Mackenzie Brasília, Sr. Walter Ribeiro; e também os integrantes do Quarteto Gideões da Alvorada.

Convido a todos para, em posição de respeito, acompanharmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Teremos agora a apresentação do Coral da Igreja Presbiteriana, ou melhor, do Quarteto Gideões, na verdade.

(Procede-se à execução da música Jesus Alegria dos Homens.)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Agradecemos ao Quarteto Gideões da Alvorada.

Passamos, imediatamente, a palavra aos oradores.

O primeiro orador inscrito é o Senador Roberto Rocha, que está com a palavra.

O SR. ROBERTO ROCHA (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente; Sr^{as} e Srs. Senadores; Sr. Presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil, Rev. Sr. Roberto Brasileiro Silva; Sr. Presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie, Sr. Maurício Melo de Meneses; Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Sr. Benedito Guimarães Aguiar Neto; Sr. Presidente do Conselho Deliberativo Mackenzie, Sr. José Inácio Ramos; Sr. Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, Rev. Sr. Juarez Marcondes Filho, muito bom dia, quase boa tarde a todas e a todos!

Quero cumprimentar todos que estão aqui na pessoa de um querido amigo conterrâneo, que veio também, como eu, de São Luís especialmente para esta sessão solene, que, em boa hora, o Senador José Medeiros apresenta a esta Casa.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, nesta feliz homenagem, duas palavras que têm o mesmo sentido, embora diferentes origens, estão reunidas: a palavra grega *presbyteros*, que significa ancião, e a palavra latina *senatus*, que tem o mesmo significado. Portanto, senadores e presbíteros, na origem, são a mesma coisa. Ambos remetem à sabedoria dos mais velhos, dos experientes, daqueles que aconselham os caminhos para os mais jovens.

A título de curiosidade, lembro que a palavra “senil” tem a mesma raiz que a palavra “senado”. E o nome científico da chamada vista cansada, que acomete os mais velhos, é “presbiopia”, da mesma raiz de “presbítero”.

Vejam, então, colegas Senadores e ilustres representantes da Igreja e do Instituto Presbiteriano, que nós temos a responsabilidade de preservar o sentido etimológico que nos une, não pela condição de mais velhos, mas pela de mais sábios ou, dizendo de outra maneira, não como um *status*, mas como um valor.

E é exatamente sobre valores que eu gostaria de falar, ao evocar os 156 anos da Igreja Presbiteriana do Brasil e o 145º aniversário do Instituto Presbiteriano Mackenzie, tão oportunamente lembrado aqui pelo Senador José Medeiros, a quem presto minhas homenagens.

Pois é disso que se trata. Não se está aqui simplesmente homenageando o grandioso percurso institucional do Mackenzie, seus 45 mil alunos, suas unidades educacionais, seus prestigiados cursos. O que estamos louvando é a proeza de crescer, graças ao adubo dos valores plantados na sua fundação, há mais de um século. E o primeiro valor é a tradição humanista, na concepção calvinista, que afirma que a ética não pode ser uma imposição moral autoritária. Dessa perspectiva calvinista, a fé relaciona-se com a disposição ao trabalho disciplinado, com adesão ao pensamento racional, à capacidade de inovar e de correr riscos.

Esse senso ético valoriza aspectos como a honestidade, a confiança, a tolerância, o autodomínio, a honra e a perseverança. Nesse sentido, a educação do Mackenzie, de raiz confessional, excluía o proselitismo religioso, acreditando firmemente que os valores cristãos são ensinados pelo exemplo, não pela doutrinação.

No conceito calvinista de educação, a ética deriva da fé. Nesse sentido, não é a escola que está a serviço da instituição eclesástica; é esta que está a serviço da escola, uma escola que formasse homens sábios na mente, prudentes nas ações e piedosos no coração.

Está aí a origem do formidável sucesso do Mackenzie, não pela capacidade gerencial ou empreendedora dos seus fundadores apenas, mas pela capacidade de injetar valores em todo o seu ideário. Não é à toa que muitos desses valores deram ao Mackenzie o prestígio de um pioneirismo singular para os padrões da nossa sociedade excludente e desigual.

Por exemplo, o valor da Igualdade, que, desde sempre, mesclou nas salas de aula alunos de diversas origens sociais. Não havia nas salas de aula preconceito de cor, credo, classe social; não havia o castigo físico, a temida palmatória, símbolo maior do modelo educacional que perdurou no Brasil por mais de um século.

Outro valor cristão sempre presente: a compaixão, que resultou no pioneirismo da instituição das bolsas de estudo para aqueles que não podiam pagar. Ainda hoje, quase 20 mil alunos desfrutam de algum tipo de benefício com a bolsa.

O Mackenzie também foi o primeiro centro de ensino do Brasil que fundou um centro acadêmico para dar representação aos alunos. Também foi das primeiras escolas a contar com biblioteca própria e ginásio de esportes. Aliás, a primeira partida de futebol oficial de São Paulo foi Mackenzie x Germânia, clubes que, inclusive, não existem mais.

Em 1929, quando o *crash* da bolsa quebrou os cafeeiros, o Mackenzie perdoou a inadimplência dos filhos dos plantadores de café. Em 1932, o ginásio virou enfermaria para os feridos da revolução paulistana; nesse mesmo ano, dez anos antes do Senai, criou uma escola técnica de química industrial, mecânica e eletricidade.

São esses valores, preservados ao longo da história, que ainda hoje mantêm o chamado Mackenzie, solidário, com frentes de assistência jurídica, acolhimento de crianças em vulnerabilidade social, treinamento de professores de outros Estados e de povos indígenas.

Portanto, o Mackenzie é o fruto da conjugação da ética do trabalho com os valores cristãos da tolerância, da compaixão, da humildade, da sagrada igualdade entre todos os humanos, valores tão necessitados nos dias de hoje em todo o mundo, especialmente lá, onde aprendemos o significado de liberdade, de igualdade e de fraternidade.

(Soa a campanha.)

O SR. ROBERTO ROCHA (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - MA) – Sr. Presidente, vivemos tempos de intolerância, de exclusão, de ambições e de vaidades.

Ainda estamos atônitos com a escalada de violência, alimentada pelos discursos da fé. A grande lição que o Mackenzie nos dá é que não só é possível conviver com diferentes visões de mundo, mas é possível também afirmar sua própria visão pelo exemplo, sem imposição de verdades, sem proselitismo e com genuína aceitação da diferença.

Meus cumprimentos a todos que fazem a Igreja Presbiteriana e a Escola Mackenzie. Como disse no início, cumprimento, ao final, em nome de todos vocês que estão aqui neste plenário, o meu querido companheiro, advogado, César Freitas.

Um abraço a todos.

Parabéns, Presidente! *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns ao Senador Roberto Rocha.

Chanceler Davi, creio que já temos um candidato a chanceler. Fez um histórico aqui! (*Risos.*)

Passo a palavra imediatamente ao Senador Hélio José, pelo Distrito Federal.

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Quero cumprimentar todos e parabenizar o nosso querido Senador José Medeiros, signatário desta sessão solene tão importante. Os 156 anos da Igreja Presbiteriana no Brasil e os 145 da Mackenzie têm de ser comemorados, Medeiros. Você está de parabéns! Você representa muito bem o seu Estado de Mato Grosso. Tive a oportunidade de falar isso pessoalmente para o Pedro Taques, na semana passada. Este ato aqui só mostra o quanto você é preocupado com o nosso Brasil, com as suas instituições e com os bons encaminhamentos nesta Casa. Parabéns a você! Estou aqui, além da consideração aos presbiterianos e ao Mackenzie, também em consideração a você, pelo importante ato que você realiza.

Sr. Presidente, Srs e Srs. Senadores, Senador José Medeiros, autor do requerimento, meu abraço e toda a minha deferência; Sr. Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, Reverendo Roberto Brasileiro Silva, muito prazer, é com muita alegria que o cumprimento; Presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie, José Inácio Ramos, prazer, seja muito bem-vindo;

Presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie, Maurício Melo de Menezes, parabéns! Eu o aguardo no meu gabinete para podermos dialogar sobre Brasília, sobre o Mackenzie, sobre essa importante instituição.

Sr. Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Benedito Guimarães Aguiar Neto, seja muito bem-vindo! Tive a notícia de que, em breve, teremos a universidade no Distrito Federal. Isso é muito importante para nós. Vocês têm sociedade com a Upis? Acho que é Upis mesmo, União Pioneira da Integração Social, aqui no DF; pelo menos fiquei sabendo disso.

Sr. Chanceler da UPM, Reverendo Davi Charles Gomes, bem-vindo.

Eu não havia cumprimentado aqui o Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, Sr. Reverendo Juarez Marcondes Filho. Tudo bem com o senhor?

Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, o Sr. Cid Marconi. Muito bem-vindo a esta Casa!

Presidente dos estabelecimentos particulares de ensino do Distrito Federal (Sinepe), Sr. Álvaro Moreira Domingues Júnior. Seja bem-vindo também a esta Casa!

O diretor do Mackenzie Brasília, Sr. Walter Ribeiro. Bem-vindo, Walter! Convidei o nosso querido diretor-geral do Mackenzie e você também, para darem uma chegada ao gabinete, a fim de dialogarmos, conversarmos, afinal, representando Brasília, é muito importante dialogar com vocês.

Senhores integrantes do Quarteto Gideões. Essa música linda que acabaram de cantar aqui só demonstra para nós o quanto são preparados.

Vamos às palavras.

A Igreja está em júbilo, um século e meio de prioridade máxima à evangelização, em que fundadores da Igreja Presbiteriana do Brasil se dedicaram a encontrar soluções para os problemas do presente, principalmente no que diz respeito à educação e à cultura – muito importante a presença de vocês no nosso meio.

A Instituição Mackenzie, ao longo desses anos, consolidou-se como uma das universidades mais renomadas do País. Atualmente, o Mackenzie possui cerca de 45 mil alunos, desde o Jardim de Infância até o nível de doutores e pós-doutores, e aproximadamente 20 mil alunos desfrutam de algum tipo de bolsa de estudo, igual ao meu amigo, meu querido colega Senador Roberto Rocha.

Tudo isso só foi possível graças à preparação dos obreiros, porque existe realmente um corpo bem preparado. Os reformados sempre se preocuparam, desde o século XVI, com um ministério bem preparado. Por isso, desde Calvino, da Reforma, todos têm um respeito muito grande pela Igreja Presbiteriana.

A Academia de Genebra, fundada por Calvino, é um exemplo claro da preocupação na formação de pastores para as igrejas reformadas da França.

E, por falar em França, que tragédia! Aqui fica o nosso repúdio às atitudes de terrorismo, às atitudes extremistas, que não levam a lugar nenhum; à intolerância, que não leva a lugar nenhum. Eu acho que o grande ponto de respeito e de trabalho que os presbiterianos nos dão é exatamente a questão da tolerância, a questão da harmonia, a questão da formação. Isso tudo me faz aqui falar algumas palavras no momento importante desta comemoração. Portanto, a nossa solidariedade aos franceses, também aos nossos mineiros, aos nossos capixabas, devido à grande tragédia ocorrida em Mariana.

Outras instituições de ponta, como Harvard, Yale e Princeton, entre tantas, foram fundadas pelos calvinistas norte-americanos nos séculos XVII e XVIII.

Fiquei sabendo, pelo nosso diretor, o porquê do nome “Mackenzie”. Foi John Mackenzie que, anos atrás, fez uma doação significativa para a construção de uma instituição de ensino aqui no País, mas lamentavelmente ele se foi, inclusive sem conhecer o nosso País. E, de forma muito justa e muito adequada, os presbiterianos batizaram a escola de Mackenzie, que hoje é esse exemplo de escola e de universidade também.

Os homens e as mulheres que vieram para o Brasil como missionários, no século XIX, eram herdeiros desta nobre tradição: educação de excelência, com a preocupação, desde o início, de formar líderes bem treinados para a Igreja nascente.

A Igreja Presbiteriana se destaca por dar ênfase aos valores morais e éticos e pela permanente defesa dos direitos. Tem sido fundamental sua presença no Brasil na área de educação e também na formação de muitos humanistas e pensadores sociais.

Eu queria, com essas poucas palavras, nobre Senador Medeiros – fiz questão de fazer um discurso rápido, porque o importante é ouvirmos aqui a diretoria e os representantes do Mackenzie – saudar este importante evento, esta importante sessão solene, e dizer aos colegas do Mackenzie, aos colegas presbiterianos, à família cristã, que estou nesta Casa para defender os valores da família. Eu acho que os valores da família já enfrentam tantas complicações que, quanto mais pudermos defendê-los, melhor.

O meu mandato nesta Casa tem algumas premissas, e uma premissa básica é defender os valores da família, tão atingidos por uma série de questões. Sei quanto as instituições, tanto o Mackenzie quanto a instituição presbiteriana, prezam os valores da família. Então, como cristão que sou, quero deixar claro para os senhores, que representam na essência o valor da família na palavra que pregam diuturnamente, que o meu gabinete está à disposição para encaminhar e defender os assuntos relativos à defesa da família, que é a mola mestra, para mim, de qualquer sociedade.

Além disso, defendo aqui de forma intransigente...

(Soa a campanha.)

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF) – ... políticas públicas adequadas para a saúde, para a educação, para o transporte e para a segurança. Sem saúde, sem educação, sem transporte e sem segurança não há como ir para frente.

Defendo também a política pública que dá ênfase à habitação, porque o cidadão sem uma habitação não tem identidade. Defendo o setor produtivo como aquele que gera oportunidade, que gera emprego, e defendo os servidores públicos, porque sou um servidor público concursado.

Eu sei da importância do servidor público para fazer a interface entre o público e o privado, entre o Estado e o povo e entre as instituições sérias, como é o Mackenzie e como é a Igreja Presbiteriana, e o Estado. Nós precisamos ter servidores públicos em situação adequada para prestar um bom serviço. Por isso eu os defendo aqui, inclusive porque eu também sou um servidor público concursado – graças a Deus, sempre fui servidor público concursado.

Para fechar, defendo a energia: a energia alternativa, a energia limpa, a energia não poluente, a energia solar, a energia da biomassa, a energia da vida, a energia que possa propiciar o desenvolvimento social.

Então, essa é a essência do meu mandato aqui nesta Casa, começando pela família e terminando na energia, passando por esses setores todos. Estou à disposição de vocês para ajudá-los no que eu puder. Podem me procurar no Gabinete 22 da Ala Teotônio Vilela.

Quero mandar um grande abraço ao meu amigo Medeiros e a todos dessa Mesa.

Vou pegar as notas taquigráficas para ver o que foi aqui colocado. Eu tenho que me retirar porque sou membro da CMO, da Comissão Mista de Orçamento, e tenho também uma série de outras questões a tratar.

Deixo um abraço a todos. Muito obrigado por terem me ouvido.

Não é qualquer coisa comemorar 156 anos no País – uma instituição tão séria como é a Presbiteriana – não é qualquer escola que comemora 145 anos de excelência, como o faz o Mackenzie. Parabéns a todos!

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns, Senador Hélio José. Muito obrigado pela participação.

Passo a palavra ao Presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie, Sr. Maurício Melo de Meneses.

O SR. MAURÍCIO MELO DE MENESES – Saúdo o caríssimo Senador José Medeiros, que propôs esta homenagem à Igreja Presbiteriana do Brasil e também ao Instituto Presbiteriano Mackenzie.

Saúdo também o nosso Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, Reverendo Roberto Brasileiro, e, em seu nome, cumprimento todos os membros da Mesa já nominados.

Saudamos também os Senadores Roberto Rocha e Hélio José, assim como os demais membros desta Casa de Leis.

A nossa saudação aos queridos amigos que estão aqui nos visitando, da Igreja Presbiteriana do Brasil, do Mackenzie, de vários lugares do Brasil, nós queremos saudá-los em nome da nossa Instituição.

O sonho Mackenzie surgiu há muitos anos no coração do casal de missionários americanos George e Mary Ann Chamberlain, já citados aqui pelo nosso Chanceler, Dr. Davi. Eles aportaram em São Paulo quando esse Estado tinha 30 mil habitantes somente, em 1870. Chegaram em terras brasileiras, e ele começou sua missão de divulgar o Evangelho através da Igreja Presbiteriana Norte-Americana. E enquanto ele saía para cumprir essa missão, sua esposa Mary começava a Escola Americana – como já dito também, no início havia três alunos somente, dois meninos e uma menina.

Essa história cresceu, ficou famosa. Dom Pedro II, sabendo do que acontecia no Mackenzie, na Escola Americana ainda, foi até lá conhecer o nosso sistema educacional e colocou todo esse sistema para funcionar no Estado de São Paulo. Era um sistema diferenciado: como já foi dito, abria oportunidades tanto para os filhos dos magnatas – na época, os barões do café – como para os filhos dos escravos e para aqueles menos afortunados. Essa foi a história do Mackenzie, a história que começou lá atrás, muito bonita. Nós louvamos a Deus por esses homens que iniciaram essa história!

Ao longo dos anos subsequentes diversas mudanças foram empreendidas em nosso Colégio. A consolidação se deu ao longo do século passado. O Mackenzie passou a ser considerada uma entidade com prestígio forte no Estado de São Paulo, prestígio decorrente do fato de sempre ter buscado uma educação de alta qualidade.

Depois disso, recentemente, expandiu-se para todo o território nacional. Hoje nós estamos presentes através do Sistema Mackenzie de Ensino, em mais de 240 escolas e com 40 mil alunos estudando no nosso sistema – único sistema confessional do mundo, sistema completo é o do Mackenzie, para honra e glória de Deus!

Existem muitos fascículos de outras instituições internacionais, mas o sistema completo, Deus permitiu que o Mackenzie pudesse fazê-lo e, com ele, abençoar o Brasil.

E não só o Brasil. Semana passada, Reverendo Roberto, Senador José Medeiros, nós terminamos de traduzir o nosso sistema para o espanhol e, agora, nós vamos abençoar a Igreja Presbiteriana Mexicana. É uma igreja que enfrenta muitas dificuldades, e o Mackenzie, gratuitamente, cedeu o seu sistema para abençoar nossos irmãos do México. Para o próximo ano: estamos em final de negociação para abençoar também a África, seus países de língua portuguesa. Se Deus permitir, o Sistema Mackenzie de Ensino estará abençoando vários países com os quais nós já estamos mantendo contato.

Então, essa é a história do Mackenzie, uma escola que tem como objetivo educar com as ciências divinas e humanas – e jamais mudou esse foco seu.

Nós estamos convidando todos para, no dia 2 de março do próximo ano – Senador Medeiros e Senador Hélio, já coloquem em suas agendas, na agenda do Senado – inaugurarmos o maior centro de pesquisa em grafeno da América Latina – o único.

Nós acabamos de chegar, neste final de semana, da Universidade Rice, de Houston, no Texas, onde firmamos um convênio com aquela excelente universidade, fundada também por presbiterianos, firmada nos mesmos alicerces – segundo disse seu presidente a mim e ao Reitor Benedito, que aqui está. Também firmamos esse convênio relativo ao grafeno.

Firmamos convênio com a Universidade de Singapura já há mais de três anos, uma das 20 melhores universidades do mundo. Recentemente, neste início de mês, estivemos em Manchester, na Inglaterra, e em Oxford, também firmando convênio relativo a esse produto que começa a ser testado no mundo inteiro, que é o grafeno.

O Mackenzie está investindo em torno de 100 milhões até 2018, e 85% desses recursos são oriundos do nosso caixa.

Nós louvamos a Deus por isso, porque muitas empresas, muitas indústrias serão beneficiadas com o nosso Centro de Pesquisa em Grafeno. É o Mackenzie, mais uma vez, colocando-se como uma universidade de vanguarda.

Neste dia 2 de março do ano que vem, vamos inaugurar nosso Centro e, no dia 3, nós vamos receber o Prêmio Nobel Andre Geim, que foi a pessoa que descobriu o grafeno. É um russo, hoje inglês, que estará conosco no Mackenzie para falar, numa conferência, para os cientistas do Brasil. Isso nos deixa muito felizes, porque é difícil encontrar uma universidade particular brasileira que tenha investido tanto em pesquisa como tem feito o Mackenzie.

Estamos também pensando no futuro e, para isso, o Conselho Deliberativo autorizou a construção do edifício Século 21. Será um edifício moderno, que estará lá no *campus* de São Paulo, abençoando aquela cidade e aquele Estado.

O Conselho Deliberativo já implantou...

(Soa a campainha.)

O SR. MAURÍCIO MELO DE MENESES – ... o Mackenzie no Rio de Janeiro, em Campinas, em Alphaville e, agora, no próximo ano, aqui também no DF. Isso nos deixa muito felizes.

Também temos um sonho, Senador José Medeiros, que é o de criar o curso de Medicina no Mackenzie – é o que ainda falta, a cerejinha do nosso bolo. Estamos há três anos tentando, e esperamos que o MEC em breve possa abrir os olhos e permitir que as universidades de ponta do Brasil possam abrir cursos de Medicina.

Por que o nosso curso de Medicina? Porque ele terá o viés de trabalhar com as doenças negligenciadas no Brasil. Quais são essas doenças, de que pouco se fala e que matam muito mais do que o avião russo que caiu, matam um número muito maior de pessoas do que o número de pessoas que morreram neste final de semana na França? São as seguintes doenças: malária, leishmaniose, Chagas, Hansen, que é a doença da lepra, doenças que ainda incidem demais em nosso País.

O nosso foco nesse curso é trabalhar com pesquisas e também trabalhar os nossos alunos para irem para o interior do Brasil, a exemplo do Projeto Rondon, que abençoa todo o Brasil.

E eu falo isso aqui com muito sentimento, porque sou uma pessoa que perdeu a mãe com uma dessas doenças, a doença de Chagas, muito esquecida em nosso País, infelizmente.

Outro sonho nosso, e aqui vou concluir, sonho esse que vem no coração do nosso Presidente, Reverendo Roberto, na revisão do planejamento estratégico, há dois meses. O nosso Deus coloca no seu coração o desejo de construir 50 escolas no Brasil, para abençoar a nossa Nação. A primeira já estamos terminando, é em Palmas, no Estado de Tocantins. Essa meta ousada dele, que ele passou e o Conselho aprovou, são 50 escolas nos próximos dez anos. Esse sonho de Reverendo Roberto é o mesmo sonho de João Calvino quando deixou uma máxima, Senador Roberto: ao lado de uma igreja, uma escola. O Mackenzie irá abençoar também as cidades do Brasil para que possamos ter uma educação diferenciada, uma educação melhor, não somente com o nosso sistema de ensino, mas com o Mackenzie entrando através dessas escolas chamadas de escolas-modelo. Já há várias programadas.

Esperamos que esse projeto ousado, com recurso próprio da nossa instituição, Deus possa permiti-lo, mesmo uma instituição que dá tanta bolsa, que tem um lucro pequeno, porque ela abençoa demais! Essa é a nossa missão, continuar abençoando.

Então, nós queremos aqui agradecer, Senador Medeiros, esta honra que o Parlamento brasileiro deu, o Senado brasileiro, Senado que tem como seu Patrono Rui Barbosa – e o maior auditório do Mackenzie também leva o nome desse ilustre brasileiro. Que Deus possa continuar abençoando a sua vida como servo de Jesus Cristo, o segundo Senador presbiteriano da História, e isso nos honra muito. Que o Senhor continue abençoando a sua vida, para que o senhor possa continuar sendo luz neste Senado, junto com seus pares, para que daqui possam sair leis justas, que abençoem tremendamente a nossa Nação brasileira.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns pelas palavras e obrigado pelo carinho, Presidente Maurício.

Passo a palavra ao Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Presidente do Conselho de Reitores da Universidade Brasileira, Sr. Benedito Guimarães Aguiar Neto.

Quero registrar aqui a presença do Pastor Valter. O Maurício falou que ele não vinha. Mas ele está ali. Valter Moura.

O SR. BENEDITO GUIMARÃES AGUIAR NETO – Ex^{mo} Sr. Senador José Medeiros, que preside esta cerimônia e signatário desta homenagem à Igreja Presbiteriana do Brasil e ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, demais integrantes da Mesa de Honra, em nome dos quais eu saúdo o Reverendo Roberto Brasileiro, Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, demais autoridades presentes aqui, autoridades eclesásticas, autoridades educacionais, é um grande prazer estar aqui nesta solenidade.

Em nome da Universidade Presbiteriana Mackenzie, integrante do Instituto Presbiteriano Mackenzie, nós queremos dizer da nossa grande satisfação, porque aquele plano que foi colocado no coração daqueles missionários americanos, naquele longínquo 1870, transformou-se num dos maiores projetos educacionais do nosso País. Não só os colégios, a nossa universidade hoje ocupa um lugar de destaque no nosso País não só pela qualidade, pela qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, que são levados a efeito há 117 anos, mas também pela diferença que faz com relação ao seu posicionamento, seus princípios, seus valores e a maneira e o compromisso com que tem a educação no nosso País, infelizmente muito carente de atenção das nossas autoridades em todos os níveis da nossa querida Nação.

Nós queremos dizer da nossa grande satisfação, porque hoje estamos à frente desse projeto. E nós somos apenas instrumentos de Deus nesse processo, a bênção que é hoje o Mackenzie no nosso País.

Nós queremos agradecer, Senador Medeiros, pela sua iniciativa.

A educação no nosso País precisa ser valorizada. A exclusão da grande maioria dos jovens fora da escola é uma realidade no nosso País. Lembrar o papel da educação, não só na educação básica, mas na educação superior, ou seja, educação em todos os níveis, é algo que precisa ser ressaltado a cada dia.

Essa iniciativa de uma instituição como o Mackenzie ser exaltada e reconhecido o seu papel no nosso País, e a Igreja Presbiteriana, como a sua associada vitalícia, fazendo diferença nessa realidade educacional no nosso País, é algo que merece, realmente, os nossos louvores.

Nós queremos agradecer, mais uma vez, pela sua iniciativa. Queremos agradecer pelo privilégio de estarmos aqui nesta Casa representativa do nosso País, no Senado Federal, e dizer que a nossa oração é que nós possamos continuar desenvolvendo este projeto educacional, conscientes de que somos apenas instrumentos nas mãos do Senhor.

Meus parabéns e, mais uma vez, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns pelas palavras, Presidente.

Já passamos a palavra ao Presidente do Conselho Deliberativo Mackenzie, Sr. José Inácio Ramos.

Quero registrar também a presença do Presbítero José Alfredo, tesoureiro nacional, homem forte da IPB. Com a palavra, V. S^a.

O SR. JOSÉ INÁCIO RAMOS – Nobre Senador José Medeiros, autor desta significativa sessão em homenagem à IPB e ao Mackenzie, Srs. Deputados, Srs. e Srs. Senadores, meus irmãos do Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie aqui presentes à Mesa, já mencionados, Reverendo Roberto Brasileiro e Reverendo Juarez, como membros natos, representando a associada vitalícia Igreja Presbiteriana do Brasil, meus nobres conselheiros, irmãos e amigos, Dr. Adilson Vieira, Dr. Antonio César, senhores e senhoras.

O Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie, em nome de quem falo neste momento, agradecendo, mais uma vez, nobre Senador, a oportunidade da lembrança, tem a responsabilidade maior de determinar os objetivos estratégicos de curto, médio e longo prazo para que o Instituto Presbiteriano Mackenzie, mantenedor da nossa universidade, faculdades e colégios, leve a bom termo aquilo que o Conselho Deliberativo assim determina.

Mas, falar do Conselho Deliberativo sem mencionar, *en passant*, a Igreja Presbiteriana do Brasil, da qual o Reverendo Roberto Brasileiro é o nosso digno Presidente, não faria muito sentido, porque para aqueles que não sabem, nobre Senador Roberto Rocha, existe a associada vitalícia presente no nosso Conselho, e o Conselho é todo ele indicado pela Igreja Presbiteriana do Brasil, a quem nós, homens ligados à Igreja, presbíteros, muitos deles em plena atividade dos seus negócios, outros já se retiraram da vida profissional, mas dedicam do seu melhor, da sua inteligência e da sua capacidade para o bom andamento do Conselho Deliberativo. E eu louvo a Deus pela vida da Igreja, na escolha dos nomes que tem mandado, ao longo de todo esse tempo, para compor o Conselho Deliberativo.

Então, em nome do Conselho Deliberativo, eu quero reconhecer a presença firme da Igreja Presbiteriana do Brasil ao longo de todos esses anos, num ambiente de paz, de tranquilidade, de progresso, de modernidade para as instituições subordinadas à Igreja Presbiteriana do Brasil, aí incluído o Instituto Presbiteriano Mackenzie.

Louvo a Deus, nobre Senador, pela seriedade com que os assuntos da Igreja têm sido tratados, mormente no caso do Mackenzie, nessa homenagem solene de 145 anos de existência, e o Conselho Deliberativo terá sempre em mente essa visão e essa missão de fazer, de consignar que os objetivos maiores da Igreja Presbiteriana do Brasil estejam sendo cumpridos e serão cumpridos pela ação firme e atuante do seu Conselho, mais uma vez, conseguindo a apreciação do Conselho Deliberativo, falando em meu nome e dos conselheiros aqui presentes, e também na Mesa, já mencionados, pela oportunidade desta homenagem, e o nosso agradecimento e reconhecimento sincero por tão significativa homenagem a nós nesse dia.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns, Presidente José Inácio.

Quero parabenizar aqui a disciplina no tempo. A Casa aqui, não é, Senador Roberto Rocha, acho que vamos ter que fazer um cursinho com ... São extremamente disciplinados.

Eu quero registrar, também, a presença aqui do meu amigo Ricardo Viveiros, que está ali, quietinho, e passar a palavra ao Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Reverendo Sr. Juarez Marcondes Filho, ao passo que também registro a presença do presbítero Marco Túlio, Presidente da Junta Patrimonial da IPB.

Com a palavra, o senhor.

O SR. JUAREZ MARCONDES FILHO – Ex^{mo} Senador José Medeiros, Presidente e proponente da presente sessão, demais componentes desta Mesa já nominados, Sr^{as} e Srs. Senadores, senhoras e senhores aqui presentes, a Igreja Presbiteriana e o Mackenzie recebem esta homenagem, conforme registro na tela, pelos seus aniversários, respectivamente de 156 anos e 145 anos, justamente na data em que também ainda estamos comemorando o 126º aniversário da Proclamação da República, República que consolidou no nosso País o regime democrático representativo.

Por isso mesmo faço lembrar aqui a todos que Senadores e presbíteros, Senador Roberto Rocha, têm mais em comum do que a etimologia. Na verdade, a essência do nosso labor caminha *pari passu*.

A Igreja Presbiteriana é uma igreja que faz prevalecer no seu meio, exatamente, pelo seu sistema de governo, a democracia representativa. Os presbíteros são escolhidos pela Assembleia da Comunidade dos Cren-tes, das igrejas locais, e a partir dessa escolha, que se dá democraticamente, com a participação de todos os membros, os presbíteros acabam representando a sua igreja local, os seus concílios até o concílio maior, que é a nossa Assembleia Geral, chamada de Supremo Concílio.

Nós prestigiamos muito a voz e a vez do povo. E o fazemos de maneira a trazer sentido e significado aos anseios, às necessidades e às demandas que justamente decorrem daqueles que estão vivenciando no seu cotidiano muitas agruras, muitas dificuldades, muitas agonias. Tenho certeza que esta Casa Legislativa, juntamente com a Casa vizinha aqui, já que o nosso sistema bicameral nos dá essa condição de termos os representantes do povo e os representantes dos Estados aqui nesta Casa, caminham na mesma direção: escutar os clamores, as necessidades da nossa gente, da nossa Nação.

A Igreja Presbiteriana é uma igreja eminentemente cidadã.

Temos aqui a oportunidade de ouvir as homenagens a uma de nossas escolas, quiçá, mais significativa, mais representativa dos nossos anseios na formação, na educação do nosso povo. A Igreja Presbiteriana também se faz presente em cerca de 300 escolas do Brasil, pequenas, médias, algumas até com uma dimensão considerável nas cidades e nos Estados em que são sediadas.

Evidentemente o Mackenzie extrapola muito os seus limites, porque a Igreja Presbiteriana está preocupada em oferecer ao povo brasileiro uma educação de qualidade, forjando os melhores valores que estão emba-sados na palavra de Deus, a palavra de Deus que constitui a Igreja. Não é a Igreja que faz a palavra, é a palavra que constrói a Igreja. E esta palavra nos determina a que efetivamente possamos dar valores e princípios con-solidados, fortes a nossa Nação, que vão se traduzir no prestígio de famílias fortes, de instituições igualmente bem consolidadas e que serão a garantia não apenas de um mandato eleitoral, de um período considerável, mas dá continuidade da nossa Nação e da nossa civilização.

Ao mesmo tempo em que a Igreja, como Igreja cidadã, oferece através do seu trabalho, um labor na área educacional, também está preocupada com área de saúde, está preocupada com a área da ação social.

E não quero me estender mais, até para não perder os elogios do Senador. E, com certeza, o Presidente, que fala por último e fala com muito mais propriedade, vai falar com mais precisão ainda acerca dos labores que exercemos como Igreja cidadã em nosso País.

Aqui apresento a nossa gratidão ao Senado Federal por esta homenagem, que é prestada a essas duas importantes instituições do nosso País.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns, Dr. Juarez. E não perdeu o elogio, ainda havia cinco minutos.

Agora, para falar, o Presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Rev. Sr. Roberto Brasileiro Silva.

Aproveito para registrar a presença do presbítero Josimar, Presidente do Sínodo de Brasília; do Rev. Obe-des Cunha, Presidente da Agência Missionária do IP; e do presbítero Adilson Vieira, membro da diretoria do Conselho Deliberativo.

Com a palavra, o Presidente.

O SR. ROBERTO BRASILEIRO SILVA – Meus queridos, eu não sei se vou saudar o Dr. Medeiros, primeiro, como Senador ou como presbítero de nossa Igreja.

Como pastor, é minha alegria saudá-lo como presbítero de uma das nossas Igrejas lá de Rondonópolis. Que Deus esteja abençoando V. Ex^a e a sua família nesta hora.

Quero saudar também o Senador Roberto Rocha, que trouxe para nós uma aula sobre Mackenzie hoje. É muito próprio dele trazer casos assim, do Maranhão, da terra do nosso Reitor, também, que é do Maranhão.

Saúdo também o Dr. Hélio, que é Senador aqui, pelo Distrito Federal, terra do nosso Presidente José Iná-cio. Que Deus esteja abençoando e sustentando sua vida.

A Igreja Presbiteriana do Brasil agradece esta homenagem.

Nós estamos presentes em todo o solo brasileiro; possivelmente sejamos uma das igrejas mais presentes no solo brasileiro. Estamos presentes com igrejas, congregações, pontos de pregação, em toda a Pátria brasileira.

Não só olhamos a Pátria como uma Igreja cidadã, mas olhamos a Pátria como uma Igreja que tem uma proposta transformadora para a Pátria.

E a nossa proposta é de evangelização; nossa proposta é de mudanças, mudanças que poderão vir através da educação, por isso temos escolas, faculdades, institutos espalhados por este Brasil todo.

Estou vindo agora da Região do Nordeste brasileiro. E tive a alegria de ver um dos grandes colégios nossos, o Colégio Quinze de Novembro, que completou 115 anos de história.

Tive a oportunidade de andar pelo Agreste e de chegar até Canhotinho, onde a história nossa remonta há 118 anos, com a presença do Dr. George Butler, que trouxe para o Nordeste não só a visão educacional, mas também a visão de misericórdia. Foi o primeiro hospital praticamente em todo o Nordeste brasileiro, na cidade de Canhotinho, há 118 anos.

Então, a Igreja se preocupa com a educação, com a misericórdia estendida, de compaixão, de cuidado àqueles que precisam, através dos seus hospitais espalhados.

Preocupa-se também a Igreja em estar presente na vida de cada cidadão, formando o cidadão para prestar melhor serviço à Pátria.

E aqui se inclui o nosso nobre proponente, que teve em sua infância, na sua adolescência toda sua formação, nas nossas escolas, quando os nossos missionários adentraram aquela região de Mato Grosso, em Camapuã e em outras regiões.

Deus nos abençoe e sustente.

Mas eu gostaria de terminar dizendo o seguinte: a Igreja Presbiteriana se preocupa com esta Casa; ela se preocupa com o mundo. Nós repudiamos ações como a acontecida na França. Não podemos aceitar que, em nome da religião, cometamos qualquer barbárie. A Igreja crê na tolerância, na convivência dos cidadãos.

Como Igreja Presbiteriana, nos preocupamos e sentimos a dor, nesta hora, do povo francês, e não só do povo francês, mas também do povo da África, que também sofre as mesmas contradições dos nossos irmãos do Líbano, porque somos da mesma época. Quando o evangelho chegou no Líbano chegou também no Brasil. A mesma universidade e o mesmo hospital fundado no Líbano foi fundado também no Brasil pelo mesmo grupo de missionários.

Sentimos também em outras partes do mundo. Então, somos uma Igreja preocupada com o mundo, em oração.

Sentimos a dor do povo de Mariana, quando, simplesmente por desejos além dos normais, temos tragédias como as daquela cidade. Sentimos a dor deles e estamos presentes através do Conselho de Ação Social (CAS) da Igreja, que lá estive e do qual está participando. A 8ª Igreja Presbiteriana abriu as portas para dar de si o de melhor para aquela região, e também lá estive.

Então, a Igreja Presbiteriana é uma igreja que se envolve com a vida social deste País, que se envolve com as lutas deste País, que se envolve com as dores deste País. Mas se envolve com a preocupação de termos um Senado, uma Câmara dos Deputados e um Governo mais atuantes. Por isso, como Igreja, oramos pela a nossa Presidente; como Igreja, oramos pelo nosso Parlamento, estamos orando pelo Senado, estamos orando pela Câmara e, como Igreja, oramos pelo nosso País.

E oramos também pela nossa Justiça, pelas câmaras da Justiça brasileira, pelos tribunais superiores e por aqueles que têm obrigação de exercer justiça, por aqueles que muitas vezes se envolvem em situações tão difíceis.

Oramos pela segurança pública e estamos sempre intercedendo para que Deus derrame as suas bênçãos sobre o Brasil. Não que simplesmente faça do Brasil um País melhor, mas que Deus torne o Brasil cada vez mais habitável para um povo tão bom como o povo brasileiro. É a nossa oração.

E eu gostaria de terminar este momento orando por esta Casa:

Ó Pai grandioso, nós te agradecemos. Nós te agradecemos pelo Senado brasileiro, suplicando a tua benção por esta Casa, para que, quando ela se dispuser a estabelecer leis, ela possa fazê-lo de acordo com a necessidade de um país que pensa no futuro, de um país que respeita e um país que convive com os dramas do seu povo.

Abençoa, ó Pai, cada Senador, no exercício do seu trabalho. Abençoa, ó Pai, cada comissão. Abençoa, ó Pai, cada luta interna, muitas vezes. Mas faça desta Casa uma Casa diferenciada pela tua graça e pelo teu poder.

Abençoa a nossa Presidente, esteja com ela, com o Vice-Presidente, esteja com a Câmara dos Deputados, esteja, ó Pai, com o setor da Justiça brasileira, em cada área, derrama as tuas bênçãos sobre aqueles que governam e sobre aqueles que são governados, de acordo com a tua vontade soberana.

Em nome do teu filho Jesus, oramos. Amém. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Parabéns pelas palavras, Rev. Roberto Brasileiro. A Casa agradece o carinho.

Eu queria registrar aqui também as presenças do Rev. Nonato e do Rev. Eberso, de Anápolis, que estão nos prestigiando aqui; do Rev. Manoel, de Lucas do Rio Verde, lá do Mato Grosso. Aliás, Lucas do Rio Verde, para quem não conhece, eu sugiro conhecer. É uma linda cidade que foi recentemente, eu diria até, construída entre Sinop e Cuiabá. É uma cidade linda, quando chegamos lá não acreditamos, eu mesmo, mato-grossense, quando cheguei lá, falei: não é possível que exista isso no interior do Brasil.

Registro também a presença do Rev. Dalzir, secretário do escritório da IPB, aqui em Brasília; do presbítero José Paulo; do presbítero Anaor Carneiro; do Presbítero Marcos Freitas – todos diretores do Mackenzie.

E, para irmos já aos finais, eu queria trazer também algumas palavras aqui.

Quando decidimos fazer esta homenagem, eu sou até suspeito para propor a homenagem, mas não poderia deixar de fazê-la.

Eu ouvi, aqui, as palavras do Senador Roberto Rocha, de todos os membros da Igreja Presbiteriana e do Mackenzie. Ouvindo essas histórias ... Uma história linda, realmente, que a Igreja tem aqui no Brasil, da qual sou testemunha.

Eu já contei outras vezes essa história, alguns irmãos já estão até cansados, mas é assim mesmo: vamos envelhecendo e vamos repetindo as histórias. De vez em quando, eu vou contar algumas histórias lá em casa, e minha filha fala: “Não, já ouvi, já ouvi!”.

Mas um fato que eu sempre ressalto sobre a Presbiteriana, e um símbolo, até, que me faz lembrar, quando falam em Presbiteriana, que vem da minha infância, é o Jipe Willys. E por que isso? A Igreja Presbiteriana, em determinado momento, até para enfrentar o interior do Brasil – acho que era um dos únicos veículos tracionados que podiam enfrentar atoleiro, enfrentar estradas abertas a facão –, distribuiu jipes para aqueles missionários e presbíteros que faziam a pregação do Evangelho por esses rincões afora.

Eu nasci no sertão de Caicó, e eu e minha família fomos, no início da década de 1970, para o Mato Grosso. Minha avó era extremamente católica. Minha avó tinha calo no joelho de tanto rezar. Ela pegava o rosário, pegava-nos, os netos... Só para se ter noção dessa quantidade de netos: ela teve 23 filhos. Então, era bastante criança. Ela colocava aquele monte de criança, e ia na continha do rosário. Dormíamos, acordávamos, e ela continuava. Ela era assim, tão fervorosa; e também partidária, Presidente. Ela nos contava que, quando ouvia falar: “Olha, está vindo um crente por aí”, ela fechava as portas para não ouvir; para não ouvir. Essa era a situação ali no Nordeste: “Não quero nem ouvir esse povo. O padre falou que os crentes estão vindo aí”, porque vinham uns missionários pregando.

Mas ela foi para o Mato Grosso – fugindo, obviamente, da seca, porque, no início da década de 1970, houve uma mortandade de crianças um pouco acima da média, por desnutrição infantil e pela seca muito grande. Nós nascemos ali numa região chamada Sertão do Seridó – onde, inclusive, neste momento, as pessoas estão tendo que buscar água a 70km de distância. É uma região muito seca mesmo, muito atingida. E nós fomos, então, para o Mato Grosso.

Chegando ao Mato Grosso, começou-se a... Ela ficou muito distante. Nós fomos morar na zona rural. E ali havia muitas pessoas pregando o Evangelho.

Havia algumas missões norte-americanas. E também havia o presbítero, o reverendo da Igreja Presbiteriana, no jipinho, sempre pregando o Evangelho para as comunidades ali. Aí é o início da história. Faça um parêntese aqui.

Quando fomos eleitos para o Senado, o Senador Pedro Taques se elegeu Governador, e eu, como suplente, iria assumir. Eu estava visitando um amigo em Cuiabá, um advogado – é até um advogado de sucesso –, que não sabia que eu era da Presbiteriana e que me disse o seguinte: “Vou lhe dar um conselho. Estudei, consegui um relativo sucesso na minha profissão, mas minha vida era extremamente secular e começou a entrar em parafuso, estava extremamente bagunçada. Tenho um amigo, o Maurício, que, em determinado momento, colocou-a no eixo.” Falei: “Como foi isso?” Ele contou que o Maurício pregou o Evangelho para ele e tal. Ele veio me contar isso e falou: “Eu queria que você, ao ir para o Senado, não esquecesse que somos passageiros aqui, que somos efêmeros, e que você colocasse Deus na frente de tudo.” Perguntei de que igreja ele era. Ele me falou que era da Presbiteriana. Falei: “Congrego na Presbiteriana também.” Ele falou: “Maravilha! Não é possível!” Ele ficou muito contente e falou: “Então, vou fazer uma ligação aqui.” Ligou para o Maurício, em São Paulo. Ele me colocou para conversar com o Maurício, que me perguntou: “Como é a sua história com a Igreja Presbiteriana?” Comecei a contar para o Maurício essa história que falei para vocês aqui. Mas o interessante é que, quando falei o nome do reverendo que ia para lá no jipinho e que acabou pregando o Evangelho para a minha vó e quando eu disse que minha avó se converteu e passou a evangelizar toda a família –, vi que ele embargou a voz um pouco. Era o Rev. Amador, que era pai do Maurício. Achei a história muito interessante pela coincidência.

Finalizando, quero dizer que a história foi essa. A história da nossa família na Igreja Presbiteriana começou assim. Era uma igreja no interior do interior de Mato Grosso, na região do Areia, a Igreja da Baunilha, onde os irmãos se reuniam. E, quinzenalmente – às vezes, era uma vez por mês, porque ele tinha de dar assistência a toda a região –, ele chegava lá com o jipinho, um Jeep Willys, e pregava para as pessoas.

E foi na escola dominical, Presidente Roberto, com a Profª Wanda, que deve estar nos assistindo aqui, que tive os primeiros acessos à revistinha da igreja e o primeiro contato, vamos dizer assim, com o Evangelho. A minha história, a minha relação com a Igreja Presbiteriana começou no início da década de 70, quando eu tinha três ou quatro anos.

Por tudo que foi falado aqui hoje, resolvi contar essa história, que é micro se comparada à grande história do Mackenzie, a como ele surgiu e a como a Rede Presbiteriana tem feito. Mas eu quis contar essa minha participação minúscula ali para mostrar o quanto isso era importante para aquelas comunidades. Hoje, temos o Bolsa Família, temos n programas sociais, mas, naquela época, isso não havia. As pessoas morriam de malária, as pessoas morriam de n doenças, e algumas delas, como o Maurício citou, ainda existem.

Sabem de uma coisa? Quando o Rev. Amador ia à região do Areia, ele não levava só a Palavra, ele levava, às vezes, injeções. Ele ensinava as pessoas a aplicarem injeção. Meu pai, por exemplo, é uma pessoa maravilhosa, extraordinária, um homem com o qual aprendi muito, mas não sabe ler. Mas ele aprendeu a aplicar injeção. Ele aplicava injeção nas pessoas. Hoje, ele, coitado, seria preso! Mas esse era também um trabalho social. Na década de 70, a Igreja Presbiteriana já fazia esse trabalho social. O Pastor Walter falou ontem no culto a respeito das vítimas de Marina, de que o Pastor Roberto e muitos outros falaram aqui.

Por vezes, a gente pensa que isso não é importante. É importantíssimo! A nossa família morava num rancho de palha. Eram quase 20 pessoas num rancho de palha. Por vezes, quando ocorria alguma picada de algum bicho, se deixasse, a pessoa morria. Não chegavam ali pessoas mais instruídas para levá-las ao posto na cidade. Foi um trabalho importantíssimo que esses tantos abnegados presbíteros fizeram.

Aqui, resalto o Rev. Amador, e o Presbítero Sidney, que hoje está velhinho em Rondonópolis e que também fazia isso. Eles pegavam aquele jipe – era como se fosse um cavalo, na época – e saíam. Quando digo que abriam estrada a facão, isso não é retórica, não. Isso acontecia. O carro atolava, era tirado. Era uma luta! E levaram o Evangelho àquela região. É uma região difícil. Ainda hoje, quando se fala em Mato Grosso, muitos brasileiros pensam: “Nossa! São do interior, do meio do mundo.”

Mas imaginem o que acontecia naquela época, quando não havia telefone, quando era tudo muito difícil! Essas pessoas largavam o “Sul Maravilha”, vamos dizer assim, para enfrentar isso, para abnegadamente levar o Evangelho a essas pessoas.

Então, esse foi um pequeno preâmbulo, mas não quero me estender muito. Eu preparei, junto com a assessoria, alguma coisa que eu gostaria também de deixar aqui, para encerrarmos.

A Igreja Presbiteriana e a Instituição Mackenzie merecem nossa profunda admiração pelo trajeto percorrido no Brasil. Construíram sua história com bases fortes, sustentadas por valores solidários cristãos, de respeito ao próximo e de contribuição para o bem da coletividade.

No ambiente contemporâneo marcado pelo individualismo, a mensagem presbiteriana é cada dia mais atual, contribuindo para o fortalecimento da fé e da esperança, para a idealização de um mundo mais justo e solidário – aqui, muitos citaram o acontecimento na França.

Aqui, temos nos reunido de vez em quando com alguns irmãos, tratando justamente do tema da liberdade religiosa. Estivemos, há pouco tempo, junto com o nosso irmão e Deputado Federal Leonardo Quintão numa assembleia em Nova York, onde Parlamentares do mundo inteiro trataram justamente desse parágrafo que eu estava falando aqui: como tornar o mundo mais justo e solidário sem essas barbaridades que vimos nesse último fim de semana?

No mesmo sentido, os valores morais e religiosos da Igreja não ficam só no discurso, mas também são coerentes com a prática – é o que acabamos de falar aqui. Os presbiterianos empreendem obras sociais em favor da população carente, fazem campanhas para a arrecadação de alimentos, oferecem cursos gratuitos, contribuem efetivamente para a geração de emprego e de renda.

Aqui, neste parágrafo, abro um parêntese. Não se trata de louvarmos o homem. Não estamos aqui para louvar o homem, mas isto aqui é importante dizer. Isto aqui é importante dizer, para que nossos governantes possam ter como exemplo o que essa instituição faz e possam saber da importância dessa instituição.

Por que é importante falar isso? Quando visitei a Universidade Mackenzie em São Paulo, ouvi algumas histórias, de que, em determinado momento, o País, o Estado, o governante de plantão praticamente surrupiou, praticamente se apropriou dos bens da Igreja, dos bens da Universidade, e os confiscou.

Quer dizer, ele não via a importância do trabalho. Por isso, é importante a gente falar isso. Temos de dizer da importância do trabalho da Igreja, do importante trabalho que o Instituto Mackenzie faz. Não é para louvar, é para dizer: “Olha, o trabalho está sendo feito, ele é importante”.

Por esse motivo, tornaram-se conhecidos e admirados no Brasil e no exterior. Podemos imaginar que o missionário Ashbel Simonton, que trouxe consigo as primeiras lições do reformador João Calvino, ao desembarcar no Brasil, no longínquo ano de 1859, iria sentir-se realizado – Presidente Roberto, não tenho dúvida de que, se ele estivesse neste momento aqui, ele estaria emocionado – ao perceber que a semente plantada fez florescer a Igreja Presbiteriana no Brasil. Quando celebramos os 156 anos de fundação da Igreja, é para aquela época que olhamos e vislumbramos quantas conquistas temos para exaltar!

Todavia, não é demais dizer que a Igreja Presbiteriana continua sempre em renovação, cada vez mais fortalecida e vitoriosa em seu percurso de serviço ao próximo, conforme a vontade de Deus, e em sua obstinada peregrinação de igreja bíblica, contemporânea, acolhedora das pessoas, presente na cidade e fomentadora da evangelização.

Os presbiterianos conseguem aliar toda a sua história à pregação da tolerância religiosa. Este é um tema pelo qual, pessoalmente, tenho o maior apreço. Inclusive, sou membro da Frente Parlamentar pela Liberdade Religiosa e Ajuda Humanitária, e muito nos preocupa, neste momento, o conflito no Oriente Médio, sobretudo a questão da Síria, cuja fragmentação do poder opôs diversas etnias de diversos credos, todos envolvidos de modo interminável em um conflito sangrento e fratricida.

Na religiosidade professada pela Igreja Presbiteriana, esse tipo de conflito não tem respaldo, porque o foco dos fiéis está na tolerância. O patrimônio da Igreja está nas obras sociais e no sistema educacional que criou a serviço do outro, do próximo. O Instituto Mackenzie é o braço da Igreja para a educação e, desde o início, quando recebia filhos de escravos para estudar, até os dias de hoje, vem cumprindo um papel de relevo nas ações de inclusão social e no desenvolvimento da educação no País, servindo como exemplo de gestão dos saberes a outros centros educativos do Brasil.

Tive a oportunidade de conhecer a Universidade Presbiteriana Mackenzie no final do ano passado e fui muito bem recebido pelo Presidente, o Sr. Maurício Melo de Meneses. Aliás, quem nos levou nessa visita foi o nosso amigo Roni Márcio, que acabou me apresentando o Maurício pessoalmente. Na oportunidade, fui recebido, como eu disse, pelo Presidente Maurício de Melo Meneses e pelo Rev. Davi Charles Gomes, que fez um *tour* e teve a paciência de passar o dia comigo, mostrando-me toda a estrutura da Universidade. Eles me guiaram numa visita àquela espetacular ilha do conhecimento, voltada à inclusão e à inovação, que são duas qualidades que gostaríamos de ver disseminadas por todo o ensino brasileiro.

Portanto, a Instituição Mackenzie é um símbolo a ser seguido, é um exemplo para inspirar novas conquistas na educação de todo o País. Conheci, na Universidade, funcionários, professores, diretores engajados com as transformações sociais à sua volta, pessoas de mente e coração abertos ao novo, trilhando o caminho da filantropia, da inclusão, do apoio à formação integral pela via da educação, do esporte e da cultura, em conjunto.

No meu entendimento, são as pessoas, mais do que o complexo de edifícios, que tornam a escola presbiteriana bem-sucedida em seus propósitos. Não é que os prédios não sejam importantes. Aliás, são uma maravilha. Fiquei encantado com a estrutura ali. V. S^a está de parabéns, Presidente!

A história que conhecemos hoje de um centro de excelência começou a ser escrita em 1870, quando o casal de missionários Mary Annesley e George Chamberlain criou a Escola Americana, focada no exercício constante de inclusão social. Uma década e meia mais tarde, já seriam fundadas as faculdades de Filosofia, de Comércio e de Engenharia, como vimos no vídeo e como muitos outros falaram aqui.

O Instituto parece vocacionado para estar à frente do seu tempo, além de ser a casa de um dos mais antigos centros de estudos voltado à Engenharia; de ter dado origem ao primeiro curso de Arquitetura de São Paulo, bem como aos primeiros cursos de Química Industrial, de Engenharia Química, entre vários outros; e de ter registrado a primeira experiência oficial de cotitulação internacional, tendo a University of The State of New York como entidade associada, ainda no século XIX.

Percebam, Sr^{as} e Srs. Senadores, que, há mais de 120 anos, o sistema Mackenzie já estava em estreita colaboração com a escola de outros países, enquanto o nosso Ministério da Educação, até os dias de hoje, tem forte resistência aos títulos obtidos no exterior, o que, a meu ver, é contrário à tendência de internacionalização das instituições e mundialização do conhecimento. Nossas escolas não deveriam ser isoladas desse importante intercâmbio com o exterior. Ao contrário, o contato deveria ser estimulado.

Para finalizar, após esse ligeiro panorama histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, mantida sob a égide do Instituto Mackenzie, quero, uma vez mais, agradecer a todos os fiéis presbiterianos pelo dispendioso e pertinaz esforço de construção de um País melhor. Nós, aqui, no Congresso, compartilhamos dessa luta diária contra obstáculo ao desenvolvimento do País em benefício das pessoas. E, pelo transcurso da data comemora-

tiva de sua fundação, a Igreja Presbiteriana do Brasil e o Instituto Mackenzie recebem esta justa homenagem, razão por que parabeno as duas instituições nas pessoas dos seus líderes, dos seus professores, colaboradores, alunos e fiéis, pela continuidade das realizações acadêmicas e sociais dessas instituições sesquicentenárias.

Parabéns pela história e muito obrigado pela colaboração que presta à sociedade brasileira. *(Palmas.)*

Agora, eu gostaria de convidar o Pastor Valter Moura para que possa encerrar a nossa sessão com uma oração, agradecendo a Deus por este momento.

Cumprida a finalidade da sessão, agradeço as personalidades que nos honraram com o seu comparecimento, aos Senadores que compareceram.

O SR. VALTER MOURA – Queremos Te agradecer por toda a graça bendita, manifestada na vida de homens e mulheres, ao longo dos séculos, na formação de um povo do Senhor, de um segmento de toda a comunidade da fé, que é a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Te louvamos pela forma como o Espírito Santo trabalhou nos missionários que vieram de fora, movidos única e exclusivamente pelo senso de fidelidade e amor a um chamado.

Obrigado pela Igreja que plantaram. Obrigado pelas vidas que foram colhidas por causa do Teu chamado, mediante a pregação fiel do Evangelho, da graça redentora de Jesus Cristo.

Obrigado pelas nossas lideranças hoje, neste tempo presente, e nós Te pedimos que jamais, juntos, como Igreja, venhamos a nos esquecer da máxima da Reforma, de que tudo é para a glória do Teu nome. Os nossos nomes passarão um dia, mas a Tua palavra jamais há de passar. Que a Igreja continue firme no seu propósito de glorificar o nome do Senhor em todo tempo, em toda circunstância, em todo contexto, seja ele qual for.

Agradecemos-Te por esta Casa e pedimos que, nesta Casa, o senso de justiça, própria do Reino de Deus, essa justiça que traz equidade, que promove o bem-estar, seja absolutamente generosa entre os Teus filhos que aqui vivem; seja generosa entre o jurídico, responsável por fazer o julgamento das leis, e no Executivo do nosso País, para ser instrumento de bênção na vida da nossa Nação.

Obrigado pelo nosso querido irmão Senador. Que o Senhor dê a ele, à sua esposa e aos seus filhos, cada vez mais, essa presença pública, mas transparecendo em suas vidas o compromisso que eles têm com a fé cristã.

Obrigado pela oportunidade de sermos servos do Senhor, de podermos servir, de podermos atuar, de poder ensinar, discipular e permitir que a vocação do Teu povo, como povo de Deus, possa produzir muitos irmãos e irmãs na fé, dedicados ao serviço do Senhor e ao trabalho do Senhor.

Pai, que nós não venhamos a perder do coração jamais o sentido de vocação interior. Continue a incendiar o nosso coração de fidelidade, de piedade e de paixão pelo Senhor. E que possamos glorificá-Lo em tudo, Pai. Que o amor de Deus, nosso Pai, a graça insondável de Jesus, nosso Senhor, e a comunhão bendita, assim como os frutos, os dons e os ministérios do Espírito Santo permaneçam com a Tua Igreja, com o Teu povo, com a nossa Nação, com esta Casa, hoje e eternamente.

Amém e amém!

O SR. PRESIDENTE (José Medeiros. Bloco Socialismo e Democracia/PPS - MT) – Encerrada a sessão. Muito obrigado a todos.

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 51 minutos.)

Ata da 213ª Sessão, Especial, em 26 de novembro de 2015

1ª Sessão Legislativa Ordinária da 55ª Legislatura

Presidência do Sr. Paulo Paim.

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 5 minutos e encerra-se às 13 horas e 39 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Sessão do Senado Federal hoje destinada a comemorar o Dia da Consciência Negra e a conferir a Comenda Senador Abdias Nascimento àqueles que se destacaram na luta contra o preconceito, o racismo, na luta pelos direitos humanos.

A presente sessão do Senado Federal lembra esta data tão importante, que é o Dia Nacional da Consciência Negra, conferindo a Comenda Senador Abdias Nascimento, em sua segunda premiação, conforme prevê a Resolução nº 47, de 2013.

Permitam-me fazer aos agraciados, aos premiados no dia de hoje, uma referência não especial, porque todos são importantes, mas ao meu querido amigo, lá do meu Estado, lutador dos direitos humanos sem fronteira, o ex-Governador Alceu de Deus Collares. *(Palmas.)*

Agraciado, também, Frei David Raimundo Santos, que está fazendo a revolução pela educação, principalmente ao povo negro. *(Palmas.)*

Fundação Cultural Palmares, entidade que tem muito bem representado o povo negro, não só no Governo, mas em todo o País e também em nível internacional. Vida longa à Fundação Cultural Palmares! *(Palmas.)*

José Vicente, o nosso Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares – só dizendo isso, eu disse tudo. *(Palmas.)*

Por fim, a Srª Mari de Nazaré Baiocchi, uma lutadora dos direitos humanos que foi aqui apresentada a nós todos em uma brilhante defesa feita nesta Casa. Sua indicação foi aprovada por unanimidade. Todos aqui foram aprovados por unanimidade: Alceu, Frei, Fundação Cultural Palmares, José Vicente. E, se aqui não estivesse entre os agraciados, com destaque, uma mulher, não seria um bom momento. Com certeza, palmas a Mari de Nazaré Baiocchi, indicada pela Senadora Lúcia Vânia. *(Palmas.)*

Serão homenageados, *in memoriam*: Carlos da Silva Santos, do Rio Grande do Sul – depois leremos o histórico –, a quem peço uma salva de palmas. *(Palmas.)*

E Linduarte Noronha, que estarão representados aqui, respectivamente, nesta atividade, pela Srª Neiva Maria Santos da Silva e pelo Sr. Leonardo Henrique Ponce Leon Noronha de Oliveira.

Palmas, também, a todos os nossos convidados. *(Palmas.)*

Convido, neste momento, para que assumam seu lugar aqui na mesa, os agraciados presentes.

Chamamos o ex-Governador, Deputado Federal e Líder de Direitos Humanos Alceu Collares. *(Palmas.)*

Frei David, o nosso querido Frei David – eu já comentei aqui –, da educação e da luta de todo o povo negro. *(Palmas.)*

Representando a Fundação Cultural Palmares, a Presidente da instituição, Srª Cida Abreu. *(Palmas.)*

José Vicente, da Universidade Zumbi dos Palmares. *(Palmas.)*

E Mari Baiocchi, a quem já fiz referência. *(Palmas.)*

Representando o Sr. Carlos da Silva Santos, *in memoriam*, a filha do homenageado, Srª Neiva Maria Santos da Silva. *(Palmas.)*

Representando o Sr. Linduarte Noronha, o filho do homenageado, Sr. Leonardo Henrique Ponce Leon Noronha de Oliveira. *(Palmas.)*

E aqui, com muita alegria, chamamos também para a mesa a Diretora Presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, e viúva do nosso líder maior. Sempre digo que, no Brasil, há dois grandes momentos: Zumbi e Abdias.

Viva Zumbi! Viva Abdias Nascimento!

Srª Elisa Larkin Nascimento. *(Palmas.)*

Os convidados estão chegando, os nossos agraciados. Vamos só esperar as pessoas, aqui.

Registramos a presença, enquanto os convidados estão se sentando à mesa, do Embaixador da República do Zimbábue, Sr. Thomas Sukutai Bvuma.

Registramos também a presença da Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, aqui representada pela Sr^a Luciana de Souza Ramos.

Cumprimentamos também o Assessor Parlamentar da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, Sr. Artur Antônio dos Santos Araújo.

E ainda, os Srs. e as Sr^{as} estudantes e professores – que aqui lotam as galerias e também o plenário – da Escola Estadual Damásio Ribeiro de Miranda, da cidade de Flores de Goiás.

Uma salva de palmas a todos. (*Palmas.*)

Neste momento, convido todos para, de pé, em posição de respeito, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro, que será apresentado pelo Coral do Senado Federal, que está aqui à minha direita.

Peço uma grande salva de palmas. (*Palmas.*)

Agora é com vocês.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Com satisfação, registramos a presença aqui, no plenário, das Senadoras Lúcia Vânia, Ana Amélia e Marta Suplicy. (*Palmas.*)

Todas as três colaboraram muito para que este evento acontecesse.

Neste momento, senhoras e senhores, farei um pronunciamento como Presidente da Comenda Senador Abdias Nascimento.

Também faço o pronunciamento em nome do Presidente Renan Calheiros, que não pôde estar aqui presente.

Todos vocês acompanharam a sessão, eu diria, delicada que tivemos no dia de ontem, uma sessão que deixou todos tristes, perplexos e, ao mesmo tempo, constrangidos, mas o Senado tomou a posição que tinha de tomar para que o processo continue acontecendo, independentemente de ser Senador ou Deputado, seja quem for. Só faço essa pequena justificativa, porque o Senador Renan está com uma série de tarefas relativas ainda a essa questão.

Então, falarei aqui em meu nome e em nome do Presidente do Senado e do Congresso Nacional.

Senhoras e senhores, em setembro de 2011, este Senador teve a alegria de, junto com a Senadora Lídice da Mata, apresentar o Projeto de Resolução nº 45, criando, assim, a Comenda Senador Abdias Nascimento.

Tínhamos em mente que o melhor antídoto contra o preconceito, sem sombra de dúvida, é a educação. Nada mais eficaz para combater a discriminação contra os negros e contra as negras do que o verdadeiro conhecimento da história e da cultura afro-brasileira. Nada mais saudável para a construção de uma verdadeira consciência cidadã do que o reconhecimento da riqueza da diversidade dos muitos povos que formam e formarão este País, pois, como diz o revolucionário gaúcho Governador Collares, Pátria, Pátria, Pátria somos todos.

Entre os nomes que mais se distinguiram no reconhecimento desta nossa riqueza e desta nossa diversidade, entre os nomes que mais se destacaram na proteção e na promoção da cultura afro-brasileira, sobressai e sempre estará na primeira linha o nome do nosso líder inesquecível e saudoso Abdias do Nascimento. (*Palmas.*)

Por essa razão, nós o elegemos como insígnia desta Comenda e como síntese da luta, que não é apenas dos negros, mas de todos os brasileiros, em busca de igualdade, de liberdade, de paz e de avanços no campo social para todos.

É pois com renovado entusiasmo e com redobrada alegria que vemos a Comenda Senador Abdias Nascimento chegar hoje à sua segunda edição.

No ano passado, tivemos a honra de agraciar o Ministro Benedito Gonçalves, do Superior Tribunal de Justiça; os músicos Gilberto Gil e Martinho da Vila; a militante do movimento negro Edna Almeida Lourenço; o ator Milton Gonçalves; e o Prof. Sílvio Humberto dos Passos Cunha.

Também celebramos, naquela primeira edição, a memória e a lembrança do líder pescador Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, herói da luta abolicionista no Ceará e, conseqüentemente, no Brasil.

Neste ano, o Conselho da Comenda decidiu agraciar outras personalidades que muito contribuíram para a proteção e a promoção da cultura afro-brasileira. São eles: Alceu Collares, Frei David Raimundo dos Santos, José Vicente e Mari de Nazaré Baiocchi. (*Palmas.*)

São lembranças que aqui trazemos.

Lembramos a todos os homenageados que também, nessa mesma linha, nós aqui homenageamos – e aqui fica um aplauso à parte – a Fundação Cultural Palmares, aqui representada pela querida Cida. (*Palmas.*)

A Fundação Cultural Palmares, a exemplo da Seppir, cumpre um papel fundamental.

Renderemos aqui nossas homenagens póstumas a dois brasileiros que fizeram muita diferença: Carlos Santos e Linduarte Noronha. (*Palmas.*)

Permitam-me, ao citar os agraciados – aqui já leio um pouquinho da história deles, porque, para contar a história de cada um aqui, precisaríamos ficar aqui dias e dias –, começar por Alceu Collares. Tivemos toda a alegria de ver um filme da história dele, um filme lindo. Todos nós tivemos a alegria de com ele conviver no Rio Grande. A quem fez o filme da história de Alceu Collares – depois, você vai poder falar –, quero dar uma salva de palmas. (*Palmas.*)

Saúdo aqueles que produziram essa bela história do nosso Governador.

Rendemos aqui nossas homenagens póstumas a Carlos Santos e Linduarte, como já falei, e começo agora a falar dos agraciados.

Permitam-me começar pelo ex-Governador Alceu Collares, meu conterrâneo.

Gaúcho de Bagé, filho de pai negro e de mãe índia, Alceu de Deus Collares poderia ter se resignado à posição periférica que a sociedade da época reservava aos negros e às negras. Mas não!

O menino de 11 anos que teve de abandonar os estudos para ajudar a família... (*Palmas.*)

É que, ao lembrar a história do Collares, lembro a história do povo negro deste Brasil.

O menino de 11 anos que teve de abandonar os estudos para ajudar a família ergueu seus braços finos e firmes e passou de quitandeiro a carteiro, de carteiro a telegrafista, de telegrafista a advogado, e fez, então, sua revolução. Foi Deputado Federal por cinco mandatos; foi Prefeito da capital de todos os gaúchos e gaúchas, Porto Alegre; e foi Governador, o primeiro Governador eleito pelo voto direto da história do Rio Grande. Não sei se o Governador faz ideia da diferença que fez para nós, outros tantos negros do Rio Grande e do Brasil. (*Palmas.*)

Governador, você foi e será sempre uma referência para nós negros e, tenho certeza, para muitos brancos. Como foi bom, naquele ano, vê-lo eleito Governador no Palácio Piratini! Sua eleição nos mostrou o quanto o nosso Rio Grande é verdadeiramente grande. Sua eleição nos mostrou que é possível, sim, chegar lá. Sua eleição nos mostrou que muito maior que o preconceito, que muito maior que a discriminação é a vontade de fazer acontecer. Por isso, você é um revolucionário, um revolucionário da paz, do bem, da liberdade, da igualdade e da justiça.

Muito, muito, muito obrigado a você, Alceu Collares, permita-me que eu diga, pelo exemplo. Muito obrigado pela firmeza, pela diligência, pela tenacidade, por sua coragem, por sua trajetória. Receba o nosso reconhecimento e esta condecoração – com muito orgulho, neste momento, presidido esta sessão do Senado da República – de alguém que foi seu discípulo, de alguém que olhou sempre a sua história. E, hoje, estou presidindo esta sessão.

Vida longa ao Governador Alceu Collares! (*Palmas.*)

Já que vamos pelo Sul, como não lembrar também da figura de Carlos da Silva Santos, a quem prestamos aqui uma homenagem póstuma? Foi Carlos Santos que serviu de referência, tenho certeza, também para Collares e que, primeiro, abriu os caminhos da política para os negros no Rio Grande. Foi Carlos Santos que nos mostrou que, sim, nós também podíamos. Foi Carlos Santos que nos disse que, mais do que podíamos, deveríamos, toda a comunidade negra, preencher os claros que nossa ausência provocava na política nacional.

Carlos Santos nasceu na cidade de Rio Grande em 1904. Neto de escravos alforriados, metalúrgico, sindicalista, Carlos Santos foi o primeiro Deputado negro da história do Parlamento gaúcho, eleito em 1935. Foi precursor da luta contra o analfabetismo da população negra e foi, ele mesmo, exemplo de superação: formou-se em Letras em 1945, aos 41 anos, e bacharelou-se em Direito, em 1950, aos 46 anos. Chegou à Presidência da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1967 e, em 1975, elegeu-se Deputado Federal.

Na Câmara, onde atuou por dois mandatos, Carlos Santos destacou-se de forma exemplar pela atuação em defesa da proteção à infância e da criança com deficiência.

Carlos Santos faleceu em 1989, mas seu discurso de despedida, em 1982, ainda reverbera como um desafio que precisamos todos enfrentar. Tomo aqui a liberdade de ler um pequeno trecho dessa obra de Carlos Santos. Disse ele:

Nos meus 50 anos de vida política, só vi duas cabeças negras na Câmara dos Deputados. Pode ter havido outros negros, mas de uma negritude camuflada [porque não assumiam a sua identidade]. Declarados pretos, gloriosamente pretos, apenas dois entre 420 parlamentares, quando temos inteligências para fazer uma bancada inteira de pretos!

A nova geração de negros deveria tomar a si a tarefa de preencher esses claros [os espaços vazios na política brasileira].

Minha esperança é de que essa nova geração, saída das universidades, tenha força para realizar o que sempre foi meu grande sonho: a elevação dos negros brasileiros a uma situação condigna e reconhecida.

É o que disse Carlos Santos. Todas essas foram palavras dele, que são atuais. (*Palmas.*)

O apelo de Carlos Santos merece ser aqui lembrado porque foi ouvido por dois de nossos agraciados, Frei David Raimundo dos Santos e José Vicente, que também temos aqui a honra de homenagear.

Ambos se destacaram exatamente por promover a educação da comunidade afro-brasileira. Ambos nos marcam por inspirar essa nova geração que, saída das universidades, há de nos levar muito além.

Frei David Raimundo Santos, frade franciscano da Ordem dos Frades Menores, na Província da Imaculada Conceição do Brasil, em São Paulo, fundou, em 1992, o projeto Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (Educafro), uma rede de cursinhos pré-vestibulares comunitários, hoje presente em quatro Estados, que tem por objetivo inserir e garantir a permanência de negros e pessoas da camada popular dentro de universidades públicas e particulares. Trata-se de iniciativa inestimável para a promoção da cidadania e inclusão social da população pobre e afrodescendente.

Obrigado, Frei David, por seu empenho, por sua dedicação, pela transformação, e, eu diria mais, pela oportunidade de redenção que tem propiciado a toda nossa gente. Grande Frei David! (*Palmas.*)

Há mais de 20 anos, a Educafro vem iluminando o caminho de muitos jovens que, sem o seu apoio, não conseguiriam chegar à universidade. Se o acesso ao ensino superior passa hoje por um genuíno, ainda que incipiente, processo de democratização, devemos-lo, entre outros, ao senhor. Receba, pois, esta demonstração de reconhecimento.

Também pela causa da educação da população negra e desassistida, agradecemos hoje o Prof. Dr. José Vicente, Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares, fundador e Presidente do Instituto Afrobrasileiro de Ensino Superior e Fundador-Presidente da Afrobras (Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural). José Vicente também nos inspira pela trajetória.

Filho caçula de boias-frias, nasceu e cresceu no Morro do Querosene, bairro pobre de Marília, no interior de São Paulo. Trabalhou como boia-fria, como engraxate, como vendedor ambulante, como pintor de paredes, como soldado da Polícia Militar, até formar-se, primeiro, em Direito; depois, em Sociologia; e, por fim, em Educação.

Nos anos 1990, começou a liderar um grupo que lutava por bolsas de estudos para negros em universidades particulares. A iniciativa evoluiu para a Afrobras, que é hoje referência na inserção socioeconômica, cultural e educacional dos jovens negros brasileiros. Uma de suas principais realizações é, sem sombra de dúvida, a Universidade Zumbi dos Palmares, que tem hoje seis cursos de graduação, dois cursos de pós-graduação e 1.500 alunos, 80% dos quais autodeclarados afrodescendentes. Em um País em que menos de 14% dos alunos do ensino superior são negros, não é difícil perceber o tamanho da diferença que faz a grande Universidade Zumbi dos Palmares, que é uma referência internacional. Já estivemos lá e conhecemos o projeto. (*Palmas.*)

Parabéns! Obrigado a você, José Vicente. Parabéns! Obrigado pela coragem. Parabéns! Obrigado pela luta. Parabéns! Obrigado pela perseverança! Receba você esta pequena homenagem.

Agradecemos também agora, do lado da cultura, a antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi, Professora Titular da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás. Mari Baiocchi mantém, há mais de 30 anos, projeto de pesquisa e extensão junto ao povo Kalunga, uma comunidade de 600 famílias de ex-escravos, que vive na região dos Municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, na Chapada dos Veadeiros, no nordeste de Goiás.

Mari Baiocchi, o povo quilombola, infelizmente, em grande parte, ainda fica invisível neste País. O povo quilombola merece reconhecimento. O povo quilombola tem que questionar. Há setores que questionam até o decreto do Presidente Lula sobre o reconhecimento da terra dos quilombolas. Nós o apresentamos aqui, para que o decreto se transforme em lei.

Vida longa, vida longa a você, Mari de Nazaré! (*Palmas.*)

Vida longa ao povo quilombola! (*Palmas.*)

Receba, pois, Mari de Nazaré Baiocchi, esta homenagem. Você soube vencer a precariedade do acesso à infraestrutura das comunidades Kalunga. Você soube levar a universidade até os quilombos e trazer os quilombos até a universidade. Você contribuiu tanto para que os quilombolas fossem também reconhecidos como cidadãos plenos deste País. Parabéns pela luta, pela coragem, pela sensibilidade!

Para concluir, eu só posso dizer, em nome do povo negro e também do povo branco que tem compromisso com as causas: obrigado, obrigado, obrigado, obrigado e obrigado, mais uma vez! (*Palmas.*)

Para saudar a cultura quilombola, esta edição homenageia Linduarte Noronha, a quem prestamos, juntamente com Carlos Santos, homenagem póstuma. Linduarte Noronha faleceu em 2012, mas sua obra permanece como um marco na história do cinema brasileiro.

Em 1960, então repórter e crítico de cinema, dirigiu um curta-metragem sobre uma família camponesa remanescente de um quilombo de escravos fugidos, na Serra do Talhado, na Paraíba. O documentário Aruanda, que o próprio Glauber Rocha consideraria precursor do Cinema Novo, descreve o que Linduarte Noronha

considerava a Terra da Promissão: um lugar utópico, paraíso da liberdade perdida, síntese dos anseios de toda uma raça.

Linduarte foi desses que se deixou encantar pela vida dos quilombos, em um momento em que o Brasil talvez preferisse esconder a chaga terrível – terrível – do que é ser escravo.

Por retratar tão bem o cotidiano quilombola, merece também aqui todas as nossas reverências e admiração. Obrigado. Obrigado também a você por tudo aquilo que escreveu no passado. E, lá do alto, ele está olhando este momento. (*Palmas.*)

Por fim, mas não por menos, esta edição também concede a honra e agracia, com muito orgulho, a Fundação Cultural Palmares, primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira.

Criada em 1988 e vinculada ao Ministério da Cultura, a Fundação Palmares é referência na promoção, fomento e preservação das manifestações culturais negras e no apoio e difusão da Lei nº 10.639, que torna obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de educação básica. É também responsável pela certificação das comunidades quilombolas, o que lhes assegura direitos e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal.

À Fundação Cultural Palmares, por lutar e fazer o bom combate da inclusão social das comunidades negras, pelo extraordinário trabalho de demarcação dos quilombos, pela defesa das religiões e manifestações culturais de matriz africana, o nosso reconhecimento e a nossa gratidão.

Vida longa, vida longa à Fundação Cultural Palmares, aqui representada pela líder Cida. (*Palmas.*)

Finalmente, Alceu Collares, Frei David, José Vicente, Mari Baiocchi e a Fundação Palmares carregam hoje a tocha da luta que era ontem carregada por Abdias Nascimento, por Carlos Santos, por Linduarte Noronha. E devemos a todos eles o nosso agradecimento.

Lembro também aqui os nomes que foram indicados à Comenda Senador Abdias Nascimento. Foram indicados e foram homenageados – todos não poderiam ser votados, nós caminhamos para aquilo que foi a votação unânime –, com muito carinho e respeito: Joaquim Beato, *in memoriam*, falecido em julho de 2015, aos 91 anos, foi Senador da República; Cristiano Silva, Cris do Morro; Juvenal de Holanda Vasconcelos, Naná Vasconcelos; Lazzo Matumbi; Marizete Silva Lessa; Lucíola Maria Inácio Belfort; Maria José Motta de Oliveira, Mestre Amaral, Raílda Rocha Pitta.

Enfim, uma salva de palmas a todos aqueles que foram lembrados pelos Senadores e Senadoras e que se sentem representados, com certeza, nesta Mesa. (*Palmas.*)

Quando Abdias completou 95 anos, escrevi... E hoje eu vou perdoar vocês. Eu vou perdoar vocês, porque eu sempre tenho a mania de fazer declamações, Governador, mas com você aqui presente e como você declama as poesias sem ler, eu não vou ler a poesia. Onde está a esposa do Abdias? Ela sabe de cor, de tanto eu ler essa poesia do Abdias. É uma poesia que, no dia em que o Abdias fez 95 anos, se não me engano, no Itamaraty – ele foi homenageado pelo mundo –, eu fui, em nome do Congresso, falar para o nosso querido Abdias, que estava lá, numa cadeira de rodas. E eu, naquela noite, escrevi uma pequena poesia, da qual só vou ler a primeira parte:

Os poetas vão lembrar de Abdias, falando de paz, rebeldia e, tenho certeza, a emoção será tão forte como é hoje o que sentimos quando ouvimos a batida do tambor.

Falarão de um homem negro, de cabelos brancos e barba prateada, que, independentemente do tempo, nunca parou.

Fez da sua guerra a nossa batalha, como ninguém. Nunca tombou. Foi dele e é nossa [de todos nós] a bandeira da igualdade, da justiça e da liberdade.

Abdias, tu és exemplo para todos nós [para a geração do presente e toda a geração do futuro]. (*Palmas.*)

Feito o pronunciamento, em nome da Presidência do Senado e deste Senador que, com muita honra, preside esta sessão, eu vou, neste momento, passar a palavra aos nossos Senadores que estão inscritos. Em seguida, nós faremos a entrega das medalhas, até porque o Senador Lasier lembrou aqui que alguns Senadores estão com problema de voo. O importante é que os três Senadores que estão presentes ajudaram em todas as indicações que estão aqui.

Eu passo a palavra, em primeiro lugar – se assim vocês concordarem –, ao Senador Lasier Martins. Em seguida, falarão as Senadoras Lúcia Vânia ou Ana Amélia. Elas decidem quem falará primeiro. (*Palmas.*)

(*Interrupção do som.*)

O SR. LASIER MARTINS (Bloco Apoio Governo/PDT - RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, demais integrantes da Mesa, eu quero dizer duas frases. (*Fora do microfone.*)

Está no ar uma mensagem na televisão muito inteligente e emocionante. Essa mensagem diz, mais ou menos, o seguinte: onde é o lugar do negro? E alguém responde: “É nas artes”. Outra pessoa responde: “É no futebol”. Alguém poderia dizer: “Lugar do negro é na Presidência de uma sessão especial do Senado”. Outro poderia dizer: “O lugar do negro é no governo do Rio Grande do Sul, como foi o meu afetivo e brilhante amigo Alceu Collares”. Mas digo eu, conforme a mensagem: o lugar do negro é em todos os lugares, como todos nós, porque somos iguais.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem, Senador Lasier Martins. Passamos a palavra à Senadora Lúcia Vânia, pelo entendimento feito com a Senadora Ana Amélia. Na sua fala, todos já podem dizer qual foi o indicado, mas, na verdade, todos nós indicamos todos. O som não está indo aí, Senadora.

A SRª LÚCIA VÂNIA (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, senhoras e senhores convidados, eu gostaria de iniciar os meus cumprimentos ao querido Governador Alceu Collares. A sua presença aqui nos honra, pelo seu exemplo, pelo seu trabalho, pela sua dedicação e, acima de tudo, pela superação. Parabéns, meu querido Governador!

Cumprimentando-o, quero cumprimentar o Frei David; a representante da Fundação Cultural Palmares; o José Vicente; a Mari Baiocchi; a Srª Neiva Maria Santos; o Sr. Leonardo, filho do Sr. Linduarte Noronha; e a Diretora Presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, a viúva do Senador Abdias Nascimento, a Srª Elisa Nascimento. Cumprimento os Srs. Embaixadores e os senhores convidados, que nos honram com suas presenças.

São passados 320 anos da morte de Zumbi dos Palmares, no dia 20 de novembro de 1695, na Serra da Barriga, hoje Estado de Alagoas.

Zumbi dos Palmares foi adotado pela população brasileira como símbolo da resistência à escravidão imposta à população negra, desde que seus primeiros representantes aportaram no Brasil em 1594.

São momentos históricos que despertam reflexões sobre as relações inter-raciais em nosso País, neste início de século XXI. Não podemos deixar de reconhecer que as relações raciais estão fortemente enraizadas na vida social dos indivíduos, grupos e classes sociais. Nesse sentido, as desigualdades sociais se manifestam nos estereótipos, nas intolerâncias e são polarizadas em torno de etnias, de gêneros e de outras diversidades, como as religiosas.

Diante desse verdadeiro caldeamento religioso e, sobretudo, étnico que é o Brasil, a homenagem que esta Casa presta ao saudoso Senador Abdias Nascimento é por demais oportuna. Abdias Nascimento, Senador e Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, foi, acima de tudo, um militante do movimento negro e foi um dos idealizadores do Dia da Consciência Negra.

Cumprimento a Senadora Lídice da Mata – idealizadora desta premiação, ao lado do Senador Paulo Paim – pela iniciativa. Muito apropriadamente, a Senadora Lídice é representante de um dos Estados mais miscigenados e multiculturais do Brasil: a Bahia.

Como representante de Goiás, Estado também bastante identificado com a cultura afro-brasileira, apresentei a essa premiação o nome da Profª Drª Mari de Nazaré Baiocchi, aposentada, professora titular da Universidade Federal de Goiás.

Levando em consideração que a premiação Comenda Senador Abdias Nascimento, destina-se a “personalidades que tenham oferecido relevante contribuição à proteção e à promoção da cultura afro-brasileira”, justifico a indicação da Profª Mari Baiocchi por ter dedicado uma grande parte de sua vida a pesquisar, escrever e conviver com um dos povos mais tradicionais da cultura afro-brasileira, os kalungas.

A pouco mais de 300km da Capital Federal, está localizada a maior e mais antiga comunidade quilombola do Brasil – os kalungas –, que reúne mais de 3 mil pessoas nos limites geográficos de dois Municípios de Goiás, Teresina e Cavalcante.

Coincidentemente, a população kalunga tem vivido uma triste situação de impunidade, que está corroendo a infância de toda uma geração de crianças. Elas estão sendo vítimas de abuso sexual e exploração do trabalho infantil, e não são poucas as ocorrências. O Conselho Tutelar registra, por mês, pelo menos cinco acusações só de abusos, o que, fazendo as contas, são mais de 50 casos por ano.

Temendo pelas famílias e, sobretudo, pela infância e pelo futuro da comunidade, adotei, como pessoa pública, uma série de medidas e ações. Uma das iniciativas foi uma audiência com a Ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello. Sensível ao problema, a Ministra enviou uma equipe a Cavalcante para apurar a situação do Centro de Referência de Assistência Social do Município, que não recebia recursos federais há meses.

Os kalungas, de fato, sofrem da maior e mais grave ameaça que pode atingir uma comunidade: o silêncio perante os abusos que já destruíram tantas famílias.

Foi a esse povo que a antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi dedicou parte considerável de sua vida. Porém, a Profª Mari Baiocchi não se contentou apenas em pesquisar e escrever sobre os kalungas. Ela os apoiou nas suas lutas, indo inúmeras vezes conviver com eles na sua isolada comunidade, mas também os recebendo em sua residência em Goiânia, quando membros da comunidade tinham que vir à capital resolver várias de suas pendências.

Por tudo isso, cumprimento todos os premiados na pessoa de Mari Baiocchi, pelo todo do seu trabalho como pesquisadora, mas, acima de tudo, pela dedicação pessoal a essa comunidade dos kalungas, que continua a exigir a atenção das autoridades públicas.

Espero, minha querida Profª Mari Baiocchi, que, com a real situação de uma comunidade que V. Sª tão bem defendeu, ela venha a obter evidência perante as autoridades e que, através de todo esse trabalho e desse despertar que o prêmio ocasiona a V. Sª, tenhamos um resultado efetivo, para defender, com toda a força, o povo kalunga do nosso Estado de Goiás.

Parabéns, minha querida professora e antropóloga.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem, Senadora Lúcia Vânia. Senadora Lúcia Vânia, seu pronunciamento valoriza o povo quilombola.

É com muita, muita alegria que registramos, neste momento, a presença da Senadora Lídice da Mata. Ela estava em outra atividade na frente em defesa das crianças e adolescentes e agora chegou aqui. Eu tive alegria – conversamos muito, ela dialogou muito conosco – de criarmos a Comenda Senador Abdias Nascimento. É com grande honra que queremos dar uma salva de palmas, com toda força, à Senadora Lídice da Mata. (*Palmas.*)

A Senadora Lídice da Mata usará a tribuna no momento em que entender mais adequado.

Agora, neste momento, com satisfação, chamo para usar a palavra a nobre Senadora do Rio Grande do Sul, Senadora Ana Amélia. (*Palmas.*)

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PP - RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Caro Senador Paulo Paim, que preside esta sessão especial destinada a comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra e a entregar a Comenda Senador Abdias Nascimento na sua segunda edição, eu quero cumprimentar a iniciativa do Senador e também a criação dessa Comenda, que tem um sentido didático e simbólico, o sentido de nos inspirar para o sentimento de combatermos e tentarmos tirar do nosso dicionário, do nosso linguajar palavras como racismo e discriminação. Quando conseguirmos não usar tanto essas palavras, começaremos a pensar e a ter um olhar mais generoso, mais humano em relação a esse tema tão caro nesta Casa, liderado por figuras como o Senador Paulo Paim, a Senadora Lídice da Mata e tantos outros. (*Palmas.*)

Eu queria, na figura do nosso Governador, homenagear todos aqueles que estão aqui.

Fiquei muito honrada de ter tido a ideia de prestar uma homenagem póstuma a Carlos Santos, que foi o primeiro negro a presidir a Assembleia do Rio Grande do Sul em 1967. (*Palmas.*)

E o Senador Paulo Paim, imediatamente, por conhecer a história de Carlos Santos... Ele era muito jovem, um guri, estava começando a sua atividade política, e eu tive o privilégio de conviver, como jornalista, com aquela figura notável – a foto que apareceu mostrou a sua grandeza, com um sorriso muito largo. Era um homem preparado, um homem afável, um senhor do seu tempo e avançado mais do que o seu tempo, um papai-areia, como nós chamamos quem nasce em Rio Grande.

Quando nós apresentamos também o nome do Governador Alceu Collares, foi uma proposta unânime. Apresentei a sugestão ao Senador Paim e imediatamente ao Senador Lasier. Senador Paim, essas foram grandes escolhas.

Estou particularmente feliz por esses grandes talentos do Rio Grande do Sul. Eu gostaria também de citar outros nomes, como Antônio Carlos Côrtes, um dos fundadores do movimento negro no Rio Grande do Sul e do Grupo Palmares, e também Oscar Henrique Cardoso, do *site* Afropress, que fomenta a integração entre intelectuais negros e brancos para discutir a cultura afro-brasileira e o cotidiano afro-brasileiro em nosso Estado do Rio Grande do Sul.

E eu também não posso deixar de falar de figuras fantásticas do nosso Estado nas artes, na música. Cito o grande compositor, cujo centenário de nascimento celebramos aqui recentemente, Lupicínio Rodrigues. (*Palmas.*)

Quem não se lembra de uma música de Lupicínio Rodrigues, que sempre cantou os bons e belos sentimentos, com a sua boemia, e até o hino do seu time, o Grêmio? Aqui estão dois gremistas. Por isso, faço questão até de lembrar que Lupicínio Rodrigues foi...

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Quem são os dois gremistas? A senhora e o Collares? Eu sou Caxias.

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PP - RS) – Foi só uma provocação para saber. O Senador Paim saiu pela tangente.

Eu queria lembrar também de figuras no esporte. Eu me lembro, pela figura que aparecia, do jogador da nossa Copa do Mundo, tricampeão, o Everaldo. É bom lembrar essas figuras que nos encantaram tanto. E, recentemente, houve essa menininha, a Daiane dos Santos, que, nas Olimpíadas, com aqueles saltos mirabolantes, nos encantou.

Com esta singela homenagem, eu queria me concentrar na figura do nosso Governador Alceu Collares, cara Neuza Canabarro, sua esposa, nossa sempre Primeira-Dama. Quero dizer que aprendi a admirar o Governador Collares quando cheguei a Brasília em 1979. Ele era o Líder do PTB – depois, PDT, quando da chegada de Brizola aqui e da briga com Ivete Vargas, que nós acompanhamos. Na Liderança do PTB – lembro até a sala onde ficava –, houve a primeira reunião com o então Governador Brizola, inesquecível, e eu me lembro da luta e das brigas de Collares com Delfim Netto pelo salário mínimo, Senador Paim. Então, a causa social e a causa dos negros, na figura de Collares, Senador Paim, eu acompanhei como jornalista. Além de grande político, é um grande gestor – Prefeito de Porto Alegre, Vereador, Governador do Estado e, agora, dirigente da Itaipu Binacional, membro do Conselho da Itaipu Binacional. No trato com essa questão tão difícil, ele teve uma forma leve de abordar a questão racial, como todo brasileiro, fazendo, inteligentemente, uma piada e tirando proveito com a ironia, porque com a ironia se fere a moral – a ironia, a caricatura fere a moral. E a moral desse costume do racismo era ferida por esse humor ferino também, mas a forma de Collares fazer o humor era uma forma de condenar o racismo. Então, Governador Collares, esta é uma homenagem que o Senado lhe presta como um político que orgulha a todos os gaúchos.

E há outra forma, Senador Paim: a sua emoção, quando contou a história do nosso homenageado e de todos os outros que o seguiram, mas, talvez, por conhecer melhor a história desse nosso Governador, e porque a sua história não é diferente da dele e não é diferente da minha. O que emociona também é que as pessoas que vieram da pobreza, também de alguma forma sofreram dificuldades, discriminação e tiveram que lutar muito – para usar um termo gauchesco – para chegar aonde chegamos.

Então, é duplamente um orgulho para mim, Senadora de primeiro mandato, estar nesta homenagem a uma figura que já nos deixou, lá no ano de 1989, Carlos Santos, que é uma figura emblemática para a política do Rio Grande.

Depois, esse Governador sendo o primeiro negro eleito pelos gaúchos e gaúchas. E quando o Obama se elegeu o primeiro negro Presidente dos Estados Unidos, nós aqui também podemos nos orgulhar. Temos obamas em todas as áreas, aqui com essa grande força. *(Palmas.)*

Parabéns a todos os homenageados! E nós também queremos tirar do nosso dicionário e do nosso vocabulário racismo e discriminação.

Parabéns, Senador Paulo Paim! *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Senadora Ana Amélia, parabéns pela fala.

Como disse a Senadora Ana Amélia, quando a comissão especial, Senadora Lídice, indica dois gaúchos, que foi o Carlos Santos, já falecido, e o Alceu Collares, em vida, só tenho que agradecer. Foi indicação dos três Senadores, Lasier Martins, Ana Amélia e este Senador, mas um foi *post mortem*, e outro, em vida. A Senadora Lídice está até agora questionando por que o nome dela não foi indicado. *(Risos.)*

Mas faz parte.

Agora, passamos a palavra à Senadora Lídice da Mata. O Senador Cristovam seria o próximo, mas não se encontra ainda aqui.

A SRª LÍDICE DA MATA (Bloco Socialismo e Democracia/PSB - BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Bom dia a todos os convidados e homenageados.

Quero saudar a todos e dizer da nossa alegria. Eu fui autora, com o apoio do Senador Paulo Paim, desta Comenda, porque entendia que era indispensável ao Parlamento brasileiro poder destacar, primeiro, o nome de Abdias neste Senado como o grande Senador das causas da negritude no Brasil; e, segundo, ao fazer essa saudação e manter vivo o nome de Abdias anualmente, neste momento em que homenageamos estas figuras públicas do Brasil, nós pudéssemos ter este instante de dar visibilidade a personalidades negras que contribuíam ou contribuíram com a história política, com a história social, com a história econômica, com a história cultural do nosso País e pessoas não negras que também têm participação nesta luta antirracista em nosso Brasil.

Foram homenageados, no dia de hoje, o ex-Governador, sempre Governador, Alceu Collares, do Rio Grande do Sul, uma enorme honra tê-lo aqui; Frei David, parceiro da nossa luta na CPI da Investigação do Assassínio de Jovens Negros no Brasil, especialmente jovens negros; a Fundação Cultural Palmares, criada em

1988 e vinculada ao Ministério da Cultura, justamente para fortalecer e dar guarda às manifestações culturais afrodescendentes em nosso País; José Vicente, também filho de agricultores, nascido no Município de Marília, no interior de São Paulo, que hoje se destaca como doutor em educação na Universidade Metodista de Piracicaba e que fundou o Instituto Afrobrasileiro de Ensino Superior; Sr^a Mari Baiocchi, que integra a comunidade Kalunga, reunindo, portanto, essa luta dos quilombolas, destaca, estuda e promove a população quilombola em nosso País; Carlos Silva, como já foi citado aqui pela Senadora, *in memoriam*, uma homenagem do Rio Grande do Sul a este político negro, Presidente da Assembleia Legislativa; Linduarte Noronha, também *in memoriam*, foi jornalista, crítico de cinema, professor universitário e cineasta, falecido em 2012, no Rio de Janeiro.

Esta é realmente uma homenagem muito pequena que o Senado presta a estas personalidades e que acho que nós deveríamos, Senador Paim, até buscar aumentar o número de agraciados ou de homenageados anualmente, porque toda vez que a gente vai debater e votar tem uma enorme dificuldade para trazer aqui nomes tão importantes, como, por exemplo, o de Zezé Motta, esta extraordinária atriz brasileira... (*Palmas.*)

... que é um ícone da luta antirracismo no Brasil.

Eu vou, depois de falar rapidamente dos homenageados, sintetizar a minha fala para dizer que, realmente, a Senadora Ana Amélia, ao dizer que nós precisamos riscar do nosso dicionário, apagar do nosso dicionário as palavras “discriminação” e “racismo”, diz muito bem da necessidade que nós sentimos. E eu queria destacar que, nesse período de 16 dias de ativismo, de luta contra a violência sobre as mulheres brasileiras – ontem nós tratávamos disso, Senadora –, infelizmente, cresce o número de mulheres violentadas, de mulheres assassinadas no Brasil. E as estatísticas demonstram que ela se concentra mais nas mulheres pobres e negras. É também a realidade da CPI, quando nós tratamos da CPI de Assassinato de Jovens – o Frei David é um lutador nisto, esteve fazendo o seu depoimento há uma semana naquela Comissão –, nós registramos esse absurdo: de 56 mil assassinados em 2013 no Brasil, 33 mil são jovens negros!

Então, nós estamos convivendo com uma herança maldita de mais de 300 anos de escravidão no Brasil, com essa marca de morte, de violência, de pobreza, de dificuldade da comunidade afrodescendente em nosso País. Nós precisamos de políticas compensatórias urgentes para remediarmos e para compensarmos essa população.

E eu fico feliz que a gente esteja fazendo essa sessão hoje aqui, também tendo coisas a comemorar, não apenas registrar essa marca tão dura, mas também conquistas que realizamos. Nós estamos em um momento em que temos, no Brasil, políticas compensatórias já conquistadas pelo movimento negro, como as políticas de cotas nas universidades e, agora, de cotas em concursos públicos.

Na Bahia, este ano, Senador Paim, o Governo, com outras entidades da área cultural, lançou uma coleção para crianças com personalidades negras da nossa sociedade, como Milton Santos, como Teodoro Sampaio, negro que governou a Bahia, como figuras da cultura negra que fazem parte da sociedade baiana. E é uma coleção belíssima, escrita por poetas, por pessoas da literatura baiana consagradas, que nesse momento fazem esse reencontro com a história.

E eu vim da Frente da Criança e do Adolescente e vi que aqui há um grupo de jovens que estavam lá na Frente da Criança e do Adolescente, jovens, meninos, jovens homens e meninas negras, que participavam e faziam uma apresentação lá, uma apresentação cuja frase, dura, o *slogan* principal, numa manifestação bonita que eles faziam, dizia: “A carne mais barata no mercado é a carne negra”, denunciando especialmente a discriminação racial entre as mulheres, das mulheres negras na nossa sociedade. Tudo isso é a tomada de consciência... Eu peço aplauso para eles. (*Palmas.*)

É a tomada de consciência de uma geração nova, que se afirma.

Na Bahia e no Brasil, este ano já aconteceu uma marcha belíssima de mulheres e jovens que diziam: “Sou negro e crespo.” Quer dizer o quê? Sou negro de cabelo crespo e sou bonito e sou bonita, porque a beleza estética, a nossa estética negra se afirma com o seu reconhecimento.

Então são movimentos que se incorporam de maneira forte à vida social brasileira, como foi a Marcha das Mulheres Negras, com cerca de 10 mil pessoas, que aconteceu aqui na Esplanada dos Ministérios, agora no dia 18, que é uma coisa bonita e que certamente marcará, de agora por diante, novas marchas de mulheres negras nas ruas do nosso País. E é o movimento negro que sai das salas pequenas para se afirmar na sociedade brasileira, para firmar a sua dignidade.

E eu quero parabenizar o Senador Paim, que aqui, no Senado Federal, desenvolve, de forma tão brilhante, o seu trabalho, que foi o autor do Estatuto da Igualdade Racial e que tem dado essa contribuição tão efetiva à nossa luta contra o racismo no Brasil.

Até rasgarmos essas palavras do nosso dicionário e da nossa vida cotidiana nossa luta continua, permanece cotidianamente contra o racismo e contra a discriminação.

Obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Um belo pronunciamento, Senadora Lídice da Mata.

Nós avançamos agora para a Senadora Vanessa Grazziotin.

Só mulheres.

Viu, Vanessa? Vanessa, só mulheres tem uma razão: eu participo aqui no Senado da Frente Parlamentar dos Homens Pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Por isso as mulheres são privilegiadas.

A SRª VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco Socialismo e Democracia/PCdoB - AM. Sem revisão da oradora.) – A Senadora Lídice está dizendo “com a camisa que eu dei”. De fato, foi um presente dessa minha querida companheira, Senadora e amiga Lídice da Mata. Eu digo onde quer que eu vá que, no ano de 1988, Rafael, quando o Congresso Nacional fervia porque discutia a nova Carta Constitucional, a Senadora Lídice, Collares, era Deputada Federal, Constituinte do meu Partido, o PCdoB. E eu era uma jovem estudante que vinha a Brasília lutar pela educação e lutar pelos direitos das mulheres e ficava lá na área de serviço do apartamento da querida Senadora Lídice da Mata.

Enfim, Srs. Senadores, companheiros e companheiras convidadas, eu quero iniciar, Senador Paim, homenageando V. Exª, que tem sido um lutador das causas e das almas do povo brasileiro. Quero homenagear V. Exª, um grande parceiro deste Senado Federal, homenagear todos os agraciados que receberão aqui a Comenda Senador Abdias Nascimento, todos e todas que estão à Mesa, homenageando aquele em que me inspiro, aquele que tem sido uma luz, uma referência em toda essa minha pequena e humilde trajetória política, que é o nosso querido Alceu Collares.

Um prazer muito grande em revê-lo, Alceu. (*Palmas.*)

Eu tive a alegria de acompanhar um pouco a trajetória de Alceu Collares e de, ao lado dele, como ao lado da Senadora Lúcia Vânia, sermos Deputados Federais juntos.

Toda vez que eu me pronunciava e descia, eu percebia o quanto ele prestava atenção no que eu estava dizendo, não só no conteúdo, mas também na forma. Ele dizia: “Senadora, não fale assim. Isso fica muito prepotente. Fale sempre assim, chamando as pessoas, comemorando as pessoas, e não apontando de forma autoritária o dedo às pessoas”.

Senador Collares, eu ainda não aprendi a lição, mas todos os dias eu me esforço para falar assim. É uma alegria revê-lo e ver que V. Exª recebe um reconhecimento muito importante do Parlamento brasileiro, do Senado Federal.

Falar da Senadora Lídice é muito difícil. A Senadora Lídice já foi prefeita da capital Salvador, no Estado mais negro deste País, por isso um dos mais alegres. Eu digo “um dos” porque meu Estado também é um Estado muito alegre e tem uma presença negra não tão forte, mas indígena significativa. É o Estado de maior população indígena, que é um outro segmento da nossa população também muito discriminado, muito sofrido, deste País.

Não é fácil. Por isso mesmo, eu trouxe aqui alguma coisa por escrito, falando do Dia Nacional da Consciência Negra. Além de homenagear essas figuras que estão à mesa, nós estamos comemorando o Dia Nacional da Consciência Negra, que foi a data da morte de Zumbi dos Palmares, em 20 de novembro de 1695. Simbolicamente representa o reconhecimento da luta história dos negros, mas também indica sua pertinácia e resistência, características essas que vêm gerando cada vez mais conquistas, embora persistam as dificuldades de toda ordem.

No plano oficial, o reconhecimento se deu primeiro com a Lei nº 10.639, de março de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e culturas afro-brasileiras na rede oficial de educação, valorizando a diversidade e a consciência identitária. Em 2011, a Presidenta Dilma sancionou a Lei nº 12.519, instituindo o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra e consagrando de vez no calendário honorífico nacional essa data de crucial importância para os movimentos negros e para todos os brasileiros e brasileiras.

Como Parlamentar, como mulher, como cidadã, portanto, e como titular da Procuradoria Especial da Mulher no Senado Federal, cuja missão é não só zelar, fiscalizar, controlar, mas incentivar e lutar pelos direitos das mulheres, eu não poderia deixar de vir a esta tribuna, comemorando esta data tão importante, em um momento de reconhecimento para tanta gente que tem, na sua história, tantas lutas acumuladas. A melhor e maior de todas as heranças que vocês podem deixar para aqueles que os sucederão é a história da dignidade, a história da luta e a história das conquistas.

Neste momento, eu quero falar um pouco sobre a situação da mulher, destacar sobretudo a situação da mulher negra. Sei que estou falando aqui para quem mais entende do assunto, não do ponto de vista da teoria, mas do ponto de vista da vivência do dia a dia. Além da desigualdade de gênero, pesam sobre as mulheres negras os preconceitos e opressões que são peculiares à sua cor, tornando duplamente árdua a sua luta e difíceis de transpor os obstáculos para seu empoderamento e para sua plena inserção nos espaços sociais.

Na semana passada, nós tivemos uma das mais belas atividades, e eu tive a alegria de poder falar em um caminhão de som. Nos últimos anos em que eu estive em Brasília, esta foi uma das mais belas e emocionantes atividades de que eu participei: a Marcha das Mulheres Negras. (*Palmas.*)

Eram milhares. Emocionante por quê? Porque eu me dirigi à Marcha, Senadora Lúcia Vânia, depois do que aconteceu. Nós estávamos em sessão do Congresso Nacional – Senadores e Senadoras, Deputados e Deputadas –, no plenário da Câmara, quando a Deputada Benedita chegou e relatou o que havia acontecido com as mulheres na Marcha. Elas haviam sido ameaçadas, Senador Cristovam, agredidas, por uma meia dúzia de pessoas que não sabem sobre – porque não respeitam – a democracia do Brasil. Imagino que não respeitam, porque não sabem o que significa a democracia, o quão importante ela é para a convivência das diferenças em nossa sociedade.

Aquele pronunciamento da Deputada Benedita comoveu todos. Todos foram apoiar e exigir a intervenção e a fiscalização, que foi feita prontamente, tanto que aqueles, aspas, “ativistas” não do bem, mas do mal, foram retirados do gramado, logo em seguida à agressão que fizeram às mulheres negras em marcha, vindas do Brasil inteiro.

Logo depois desse episódio, eu fui à Marcha, Senador Paim, e lá, já na rua, com o caminhão andando na Esplanada, elas disseram: “Senadora, fale aqui.” Eu não queria nem falar, porque bastava estar lá. Depois de tudo aquilo, daquele sofrimento, daquela agressão, as mulheres cantavam; as mulheres dançavam; as mulheres reivindicavam! Eu falei: Isto é um exemplo para o Brasil, para o mundo inteiro, de como se enfrenta a adversidade com alegria, com unidade!

Esse é o exemplo que vocês dão, no dia a dia, a todos nós! Esse é o exemplo que as mulheres dão também, Senador Paim! (*Palmas.*)

Porque nós mulheres somos discriminadas só pelo fato de ser mulher. E a mulher negra sofre duplamente essa discriminação. Estão aí todos dados estatísticos a comprovar o que eu aqui falo.

Como bem lembrou a representante aqui do Escritório da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman, uma grande parceira, nós temos, em nosso País, instituições oficiais de combate às desigualdades, como o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, e políticas públicas como o Bolsa Família, o Minha Casa Minha Vida, o Pronatec ou o Brasil sem Miséria, que têm sido muito importantes para mudar a situação das mulheres, sobretudo das mulheres negras, e para contribuir para sua inserção igualitária na sociedade.

Porém, a caminhada ainda é extensa. No Brasil, deparamos com o fenômeno do feminicídio, os assassinatos de mulheres, geralmente praticados por parentes ou por parceiros, cônjuges, namorados. Os números são assustadores: de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pelo mapa da violência divulgado recentemente, entre 2001 e 2011, estima-se que tenha havido pelo menos 50 mil assassinatos de mulheres no Brasil decorrentes do conflito de gênero, cuja causa é apenas uma: a mulher ser mulher – única causa.

Não por acaso, nós aprovamos um projeto de lei do Senado que foi transformado em lei, a Lei nº 13.104/15, a qual altera o Código Penal para prever o feminicídio como um tipo de homicídio qualificado e incluí-lo no rol dos crimes hediondos. A medida se impunha para que o Brasil abandonasse a 7ª posição – e, segundo o Mapa da Violência, a 5ª posição – infame no *ranking* mundial de assassinato de mulheres.

Pois bem, Sr^{as} Senadoras, Srs. Senadores, companheiras e companheiros, 61% desses óbitos foram de mulheres negras. As razões radicam na discriminação que sofrem, em sua posição de fragilidade social e econômica, e no fato de serem, também, as maiores vítimas de todas as facetas da violência de gênero.

Além da violência de gênero a que está exposta, expressa em sua maior intensidade pelo feminicídio, a mulher negra tem menor acesso à educação, à saúde e à renda. Uma situação deveras preocupante e para a qual temos de destinar nossa energia e nossa vigilância.

Sr. Presidente, Senador Paim, eu gostaria ainda, neste pouco tempo de que disponho, de me congratular com as companheiras que participaram da exitosa marcha. E digo que aprendi muito, Senadora Ana Amélia, porque me comoveu ver, depois de um episódio de agressão, diante de tanto descaso, de tanta discriminação, de tanta falta de reconhecimento, as mulheres unidas, de forma alegre, lutando contra isso tudo. Então, devemos lutar contra as adversidades, contra a discriminação, sendo cada vez pessoas mais generosas, pessoas mais solidárias. É isso que nós precisamos fazer.

E por fim, Senador Paim, quero dizer que essa Comenda muito importante entre nós, a Comenda Abdias Nascimento – esse que foi um verdadeiro herói na luta dos negros –, é sem dúvida nenhuma uma demonstração de como nós já avançamos na sociedade. Se hoje está ruim, podemos concluir que o passado ainda era pior. Então, está um pouco melhor. Hoje está um pouco melhor do que ontem.

Mas nós temos que continuar lutando, unidos, homens e nós, mulheres, que, apesar de sermos a maioria da população e termos um grau de escolaridade superior, só ocupamos dez por cento dessas cadeiras. Dez por cento das cadeiras, no Parlamento do País! Ganhamos 30% a menos. Não somos reconhecidas. Nós, mulheres,

que somos punidas nessa sociedade capitalista por exercermos a função mais nobre da humanidade, que é a da geração, a da reprodução. Pois bem! A sociedade nos pune por sermos mães, porque muitas vezes, no trabalho, nós não ascendemos à posição de direção porque vamos dar à luz, porque vamos ter que tirar licença-maternidade, porque vamos cuidar dos nossos filhos.

Então, a luta pelo direito dos negros, a luta contra a desigualdade, contra a discriminação de qualquer forma – de gênero, de opção sexual, seja do que for – é uma luta que tem que ser permanente, porque talvez seja, de todas, a primeira e a mais nobre.

Então parabéns, Senador Paim; parabéns a todos e a todas, por esse grande reconhecimento feito pelo Senado Federal.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem, Senadora Vanessa Grazziotin, pela sua fala.

É com satisfação que eu vou chamar o último Senador inscrito para falar. Em seguida nós vamos para as homenagens, entregar as homenagens.

É com orgulho que eu quero convidar o Senador Cristovam Buarque, que é o autor deste livro: *Dez Dias de Maio em 1888*. É um livro belíssimo do Senador Cristovam, que está nas mesas, do qual eu tive a alegria de ser convidado para fazer a apresentação. E também o livro *Abdias Nascimento: Grandes Vultos que Honraram o Senado*, escrito pela grande Elisa Larkin Nascimento. Uma salva de palmas para ela, que escreveu esse livro. (*Palmas.*)

Eu tive, a convite de ambos, a alegria de escrever, na contracapa, uma homenagem a ambos. Então, os livros – eu faço questão de que lembrem – encontram-se nas mesas.

Senador Cristovam, com a palavra.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco Apoio Governo/PDT - DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Bom dia a cada uma e a cada um de vocês.

Permita-me, Senador Paim, cumprimentar, na ordem de importância desta Mesa, Alceu Collares, em primeiro lugar, pela história de luta – pela idade não, porque estamos muito próximos – pela presença sempre na história deste Brasil. O senhor nos orgulha em estar aqui conosco nesta tarde já começando. (*Palmas.*)

Eu quero também cumprimentar, de maneira muito especial, o José Vicente, figura por quem eu tenho a maior admiração. Já disse a ele e a muitos que ele é um dos poucos brasileiros que, para mim, é candidato a Prêmio Nobel da Paz, pelo que fez na Universidade Zumbi dos Palmares, que me fez ter uma sensação que me emocionou muito, no dia em que eu fui lá, numa das vezes. (*Palmas.*)

De repente, eu me senti no estrangeiro. Eu senti que não estava no Brasil e não entendia por quê. Era por que havia negros demais naquela universidade, e isso nós não vemos no Brasil.

Contei a ele e me lembrei, Senador Paim, de que eu, Reitor da Universidade de Brasília, caminhando pela universidade, naquela época, com uma jovem norte-americana, hoje uma senhora, que traduziu alguns livros meus, eu disse, com orgulho, dando a entender, Senadora Ana Amélia, que as nossas universidades são até comparáveis com as americanas – as escolas de base não, mas as universidades são, os prédios: o que você vê de diferente aqui?” Ela olhou assim e disse: “eu não vejo negros”. Norte-americana, e havia mais negros lá do que aqui. As cotas estão ajudando bastante a mudar essa realidade. (*Palmas.*)

Mas o que vai mudar mesmo é quando a educação de base for igual para todos. Aí, nós vamos ver que a população universitária refletirá a demografia brasileira ou, talvez, até haja mais negros ainda, como nós conseguimos com o futebol. No futebol, os grandes craques são negros por quê? Porque a bola é redonda para todos, mas chegam ali os melhores e não os que podem comprar o ingresso para jogar futebol.

Lamentavelmente, as escolas são quadradas e redondas no Brasil. Se paga, entra na redonda; se não paga, fica numa quadrada, salvo raras exceções.

Quero cumprimentar o Frei David, que tem sido um parceiro. Aliás, eu é que tenho sido parceiro dele nas lutas que ele faz para aumentar o número de universitários negros nas universidades brasileiras.

José Vicente faz isso por um caminho, querendo uma universidade para negros com cota para brancos, desde o começo. Frei Davi o faz, colocando negros em todas as universidades.

Quero cumprimentar o Linduarte pela história, pela vida, pelo que teve aqui.

Quero cumprimentar a Mari Baiocchi, a Fundação Cultural Palmares, mas, sobretudo, o Abdias Nascimento, essa figura fundamental, que nos honra em dar seu nome a esse prêmio. (*Palmas.*)

Para fechar tudo isso, quero dizer de uma maneira muito simples que o Brasil tem um desafio que, para mim, é fundamental: fazer uma mente diferente da mente do Brasil de hoje. Lembro-me de um livro que me impactou muito quando o li, que era *A Mente da África do Sul*. A África do Sul tinha uma mente, que era a mente do *apartheid*. Os povos têm mentes, como as pessoas as têm também. O Brasil tem uma mente, e temos de

mudar a nossa mente. A nossa mente tem de ter mais sentimento nacional. Estamos muito divididos em corporações isoladas, cada uma querendo sua parte. Deve haver uma perspectiva de longo prazo. Nossa mente é muito imediatista, consumista.

Temos de valorizar a educação, a nossa mente brasileira. Nós brasileiros não valorizamos a educação – vejo aqui o Rafael –, como Cuba a valoriza. Nós não a valorizamos, como a Europa a valoriza. Não é questão de socialismo, mas de capitalismo também. Os orientais a valorizam, e nós não a valorizamos. Aqui, quando alguém paga um dinheirão para ter uma boa escola para o filho, não está querendo uma boa educação, está querendo é que, depois, o filho ganhe um bom salário com aquela educação. Por isso, todo mundo quer um bom professor para o filho, mas ninguém quer o filho sendo um bom professor para o filho dos outros.

Precisamos valorizar a educação, precisamos ter uma mente solidária, precisamos ter uma mente que respeita a diversidade. Mas há um ponto além desse: precisamos ter, meu caro Alceu, uma mente que faça com que nos orgulhemos da nossa negritude. Não basta fazermos o que não fizemos ao longo de séculos, que é respeitar os negros.

Não basta isso. É preciso que eu me sinta negro também. É preciso que cada brasileiro tenha orgulho de ser também negro, não na raça, pois nossos pais não deixaram. É preciso sentir a negritude na maneira como vê o mundo e na maneira como gosta de certas músicas, e não de outras; como gosta de algumas danças, e não de outras; como pinta de uma forma, e não de outra. O orgulho da negritude tem de ser algo que perpassa todos os brasileiros. Os que são brasileiros e negros, com mais razão ainda, plenamente, têm de ter orgulho da própria raça. Eu não posso ter esse orgulho, mas posso, como brasileiro, ter orgulho da minha cultura e reconhecer que minha cultura tem traços, obviamente, da branquitude ocidental, que tem muitas qualidades também. A minha cultura carrega em si influência negra, mas não basta eu reconhecer isso, tenho de me orgulhar disso.

Um prêmio como este ajuda a dizer ao Brasil inteiro: nós, todos os brasileiros, somos negros e nos orgulhamos disso também. Lamentamos até, alguns de nós, que não tenhamos a cor da pele negra. Outros podem não se preocupar com isso, mas, na cultura, na maneira de ser, na maneira de pensar, nossa mente não apenas é também negra, mas precisa se orgulhar disso. Ela ainda não se deu conta dessa realidade e, ao não se dar conta disso, Senador Paim, não se orgulha disso.

Eu vim aqui para dizer que minha participação, como membro do Conselho deste prêmio, deu-se, sobretudo, para poder ajudar o Brasil a formar essa nova mente com tudo aquilo que eu disse e também a formar uma mente em que haja orgulho da negritude da própria mente dos brasileiros.

É isso, Senador Paim.

Muito obrigado por me ter aqui. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Neste momento, vamos entregar aos homenageados a sua placa. Em seguida, os homenageados terão direito à palavra.

Digo a melhor forma que, combinado com a Mesa, encontrei de fazer esta homenagem: como há três Senadores no plenário, eu convidaria os três Senadores a subirem aqui na frente – eu estarei junto –, para nós quatro entregarmos a todos as placas, já que todos já falaram da tribuna e fizeram suas referências.

Então, neste momento, convido os três Senadores para virem aqui na frente.

Peço ao Senador Cristovam que retorne agora ao plenário. E, aqui da frente, vou também me deslocar.

Os quatro Senadores estão aqui.

Então, neste momento, convido Alceu Collares a vir aqui, na frente – eles vão tirar uma foto –, para receber a placa.

Você vai receber a placa dos quatro Senadores.

Convido a Senadora Ana Amélia para ser a portadora da placa, em nome dos três Senadores gaúchos e de todo o Senado.

Senadora Ana Amélia, por favor! *(Palmas.)*

Muito bem! Agora, Alceu Collares retorna para seu lugar de origem.

Convido o Frei David.

Frei David, permita-me entregar-lhe a placa, porque sei que o Senador Cristovam faz questão de entregá-la ao José Vicente. *(Palmas.)*

(Procede-se à entrega da Comenda Abdias Nascimento.)

Convido o José Vicente.

Senador Cristovam, por favor, pode pegar a placa. *(Palmas.)*

(Procede-se à entrega da Comenda Abdias Nascimento.)

Convido, agora, a Mari Baiocchi.

Convido a Senadora Lúcia Vânia, que foi quem a indicou. (*Palmas.*)

(Procede-se à entrega da Comenda Abdias Nascimento.)

Representa aqui o Sr. Carlos da Silva Santos, em memória, a filha do homenageado, Sr^a Neiva Maria Santos da Silva.

Convido a Senadora Ana Amélia para ficar aqui do lado. Foi em nome dos três Senadores gaúchos que fizemos essa proposta. (*Palmas.*)

(Procede-se à entrega da Comenda Abdias Nascimento.)

Representa aqui o Sr. Linduarte Noronha, em memória, o filho do homenageado, Sr. Leonardo Henrique Ponce Leon Noronha de Oliveira.

Senadora Lídice da Mata, por favor! (*Palmas.*)

(Procede-se à entrega da Comenda Abdias Nascimento.)

Agora, convido a representante da Fundação Cultural Palmares, a sua Presidenta, a companheira Cida, presente na Mesa neste momento.

Como todos os Senadores já entregaram as placas, ninguém vai ficar com ciúme se eu convidar o Senador Collares, numa deferência especial, para fazer essa entrega. (*Palmas.*)

(Procede-se à entrega da Comenda Abdias Nascimento.)

Peço aos Senadores que retornem aos seus lugares, porque agora concederemos a palavra aos convidados. (*Pausa.*)

Neste momento, passamos a palavra, como forma, inclusive, de homenageá-la, à Diretora Presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, viúva do Senador Abdias Nascimento, Sr^a Elisa Larkin Nascimento. Ela falará em primeiro lugar, em nome da Mesa.

A SR^a ELISA LARKIN NASCIMENTO – Senador Paulo Paim, é uma grande honra estar aqui mais uma vez, como tive a honra de aqui estar no ano passado, na primeira outorga desta Comenda, que tanto nos emociona, não apenas como viúva de Abdias Nascimento, mas como uma ativista, uma pessoa mais do que convicta e que viveu, junto a ele e junto aos negros brasileiros, no meu País, a luta de combate ao racismo.

Eu gostaria de cumprimentar cada um dos que estão na Mesa, cada um dos agraciados. De cada um deles eu poderia dizer uma história de convivência, mas isso levaria muito tempo.

Eu gostaria de lembrar aqui dois momentos. Primeiro, em 1981 e em 1982, recém-chegados do afastamento de Abdias do País em razão da ditadura militar, nós estávamos, junto com o então Deputado Alceu Collares, construindo o PTB, que, depois, quando perdemos a legenda, teve de assumir a legenda do PDT, muito honrosamente.

Ao mesmo tempo, o Abdias vinha do exterior, de uma série de lutas. Uma delas foram os três Congressos de Cultura Negra das Américas. O primeiro foi, em 1977, em Cali, na Colômbia; e o segundo, em 1980, no Panamá. Foram os primeiros grandes eventos que reuniram os negros nas Américas – Caribe, América Central, América do Sul e também América do Norte – para cuidar das suas questões e da cultura.

No segundo congresso, no Panamá, Abdias lançou, em um trabalho apresentado, a sua tese do quilombismo, que hoje é discutida e é uma referência para todos. O próprio Governador Alceu Collares acabou de se lembrar do título *O Quilombismo*. E a Fundação Palmares publicou, em 2002, a segunda edição desse livro *O Quilombismo*, de Abdias Nascimento.

Ele foi eleito Vice-Presidente, no segundo congresso, no Panamá, para organizar o 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, que teria lugar aqui, no Brasil. Só que o financiamento desses dois congressos havia sido da OEA (Organização dos Estados Americanos) e também da Unesco. Naquele tempo, para você conseguir algum apoio desses dois organismos internacionais, era necessário encaminhar a documentação do projeto através do governo do país. E o governo brasileiro, naquele momento, recusava-se a encaminhar para a Unesco e para a OEA os papéis do projeto para a realização desse 3º Congresso de Cultura Negra das Américas no Brasil.

O Deputado Alceu Collares levou essa causa à tribuna, fez tudo o que pôde, junto com outro Deputado do PDT, o José Frejat. Eu me lembro do belo pronunciamento. Nós temos, na nossa revista *Afrodiáspora*, do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, que saiu em seis números, o texto desse pronunciamento. Então, esse é só um momento que eu queria lembrar.

Mais tarde um pouquinho, há exatos 30 anos, em 1985, Senador Paulo Paim, foi um momento em que o Abdias, ainda Deputado – ele foi Deputado na legislatura anterior à Constituinte –, levou à Câmara dos Depu-

tados a proposta de que o dia 20 de novembro fosse o Dia Nacional da Consciência Negra e feriado nacional. Esse foi um dos seus projetos que conseguiu passar por todas as comissões e depois ser aprovado pela Câmara dos Deputados e seguir para o Senado.

Em 1985, o dia 20 de novembro foi o dia em que Abdias junto com o Ministro da Cultura Aluísio Pimenta e outras autoridades, inclusive com o Prefeito de União dos Palmares e o então Governador de Alagoas, subiram a Serra da Barriga e ali foi feita a assinatura da homologação do tombamento da Serra da Barriga.

Esse foi um momento extremamente importante para todo o movimento negro simbolicamente e, de forma muito concreta, mostrou como o movimento negro conseguia repercussão da sua causa no plano nacional, no Brasil. Mas, naquele mesmo momento, aqui, no Senado Federal, onde o projeto também havia passado por todas as comissões e havia sido aprovado – e havia um acordo de Lideranças para que fosse aprovado –, levantou-se um Senador, cujo nome nem merece ser lembrado, que foi contra e conseguiu derrubar a aprovação daquele projeto naquele momento.

Nós estamos, exatamente neste momento, no Ipeafro, fazendo o tratamento técnico da documentação referente ao trabalho dele na Câmara dos Deputados. Eu li o discurso dele desse dia 20 de novembro. Como o Abdias fazia um discurso comovente! Não sei se o nosso Deputado, Governador, Senador Alceu Collares concorda comigo, mas até a leitura do texto foi bastante emocionante, sobretudo neste momento.

Ele continuou junto com os colegas, junto com os companheiros do movimento negro e conquistaram, daí a um ano, em 1986, a criação da Fundação Palmares, criada basicamente como continuação de uma assessoria de cultura afro-brasileira, que nasceu também da comissão que foi criada para a comemoração do Centenário da Abolição da Escravatura, em 1988, que coincide exatamente com a Assembleia Nacional Constituinte.

Eu trago essas duas lembranças de fatos históricos aqui para nos lembrar do quanto José Vicente, Frei David, Cida Abreu, Alceu Collares, Mari Baiocchi – eu fico muito contente de poder estar na Mesa contigo – e os dois agraciados *in memoriam*... O Carlos Santos Silva está num texto que eu escrevi sobre o negro no Parlamento Federal. Lembro-me muito bem dele.

Quero dizer que o fato de podermos homenagear vocês com o nome de Abdias Nascimento certamente é o coroamento de algo que sempre caracterizou a expressão dele, que foi a referência aos outros. O Abdias era uma pessoa que sempre trazia, nas falas dele, a referência às figuras históricas que o precederam e aos companheiros que lutaram junto com ele.

Então, muito obrigada por este momento, Senador Paulo Paim. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Nós que agradecemos à Diretora Presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros e viúva do Senador Abdias Nascimento.

Passamos a palavra, neste momento, ao Frei David. Não precisamos ler novamente o seu currículo aqui.

Só lembro, permita-me, Sr^a Elisa Larkin Nascimento e também Cida Abreu, Presidente da Fundação Palmares, que o Carlos Moura foi fundamental na época. Eu daria uma salva de palmas para o Carlos Moura no momento da criação da Fundação Palmares. (*Palmas.*)

O SR. FREI DAVID – Senador Paim, demais Senadores e demais assistentes, eu partilho com vocês uma dor: de ontem até hoje não consegui dormir. A crise foi grande e por várias vezes pensei: não vou receber esta Comenda, não vou receber.

Acho que, enquanto o Congresso Nacional não levar a sério o povo, fazendo uma reforma política justa e honesta, não dá para nós botarmos azeitona em pastel dos outros. Depois pensei: não, há muita gente boa no Senado e eles não merecem isso, como o Senador Paim e outros mais. E pensei mais: não conheço nenhum país que saiu da ditadura e foi para a democracia sem primeiro enfrentar, com coragem, a corrupção! Não conheço!

Com muita dor, ao mesmo tempo, transformo a dor em alegria. Esse choro agora é de alegria por saber que o Brasil, tendo coragem de enfrentar a corrupção, e o STF, tendo coragem de prender aquele que parecia ser o homem mais honesto entre os Senadores, estão provando que o Brasil está entrando na linha. Por isso, recebo esta Comenda em homenagem a todos os bons brasileiros que compõem esta Casa, mas eu peço a esses bons brasileiros que contagiem os demais. É impossível esta Casa permitir que esse péssimo trabalho feito por alguns manipuladores da Câmara passe aqui, que é essa coisa chamada de arremedo de reforma partidária. Aquilo não é coisa séria, não é coisa séria!

Faço um apelo aos bons Senadores, faço um apelo a esta Casa para ver a possibilidade de ainda fazer uma convocação de uma Constituinte exclusiva para a reforma político-partidária. Por amor a Deus, por amor ao Brasil, não permitamos uma reforma meia-boca! Queremos uma reforma verdadeira e profunda!

Não podemos dizer e negar que a OAB, a CNBB, a Educafro e dezenas de entidades elaboraram uma minuta de reforma que infelizmente a Câmara Deputados, através do Presidente – que não tem sensibilidade popular com os que lutam por um Brasil melhor –, não permitiu que prosperasse no debate, nem a aceitou para

debater. Então, eu faço um apelo ao Senado para que acolha a proposta feita, com muita dor, no Brasil inteiro, pela OAB, pela CNBB e por muitas outras entidades.

Falo de coração: recebi a Comenda com crise, mas, ao mesmo tempo, com um compromisso de falar para o meu povo negro, de falar para o meu povo brasileiro que, se não houver mudança, eu vou devolver a Comenda. Se não houver mudança, eu vou devolver a Comenda.

Primeira mudança fundamental: haver reforma política séria e honesta. Segunda mudança: não aceitar que a nossa Casa querida, o Senado, meus irmãos Senadores queridos e firmes, vote a favor da maioria penal. Queremos que vocês votem contra esse absurdo!

Nenhum país que reduziu a maioria penal resolveu o problema. Pelo contrário, dois deles voltaram atrás. E todos os países em que o menor só é punido após os 18 anos têm tempo integral de escola. A única maneira de resolver o problema do menor é dar a ele a dignidade do tempo integral, com educação de qualidade.

Eu prometo não devolver a Comenda se meus irmãos Senadores revirem e não permitirem essa vergonha inaceitável que é a mulher negra brasileira ganhar menos que a metade da mulher branca. Isso se repete ano a ano. E nada foi feito para combater esse racismo institucionalizado.

Não devolverei a Comenda se o nosso querido Senado for contra a bancada da bala e não deixar que o auto de resistência fique engavetado. Queremos que essas leis estaduais maldosas que a Constituição não recepcionou, chamadas auto de resistência, que é o direito de o policial matar jovens negros e brancos pobres, sejam revogadas no Brasil inteiro, em todos os Estados.

Que o Senado vote a favor das terras indígenas e quilombolas. É inaceitável que este Senado permita esse absurdo que a Câmara está bolando e querendo aprovar lá, que é maltratar os indígenas e os negros, roubando suas terras para o agronegócio e para a especulação.

Concluindo, Senador Paim, eu peço desculpas por ter desabafado. Concluindo, eu peço que esta Casa chamada Senado, por favor, honre esse povo negro. Somos 53,7% do Brasil. No entanto, o Congresso teve a coragem, bonita, linda, de aprovar cota para mulheres, mas nem admitiu botar em pauta a cota para negro ser Deputado e ser Senador. Isso é uma afronta a nós negros. Isso é uma afronta a 53,7% do povo brasileiro.

Senadores e demais convidados, rezei muito ao longo dessa vinda para cá e cheguei atrasado inclusive aqui, porque a minha intenção era não receber a Comenda. No entanto, vendo toda a conjuntura, avalio isto: recebo na condição de devolver se essas pautas fundamentais do povo negro, se a pauta fundamental do Brasil, que é reforma política honesta, justa, reforma política que realmente suspenda... Todos os partidos políticos devem convocar uma Constituinte para fazer isso, pois não podem ser esses Senadores nem esses Deputados para fazer reforma política – vigiar o próprio ninho de ovos, não tem condições. Então, pelo amor de Deus, façamos isso. A Comenda está recebida. Vou guardar com carinho e amor. E, em homenagem e pela memória do Abdias Nascimento, esse grande homem, se o Senado continuar permitindo passar aqui absurdos, vou devolver a Comenda, em data a ser marcada.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Esse foi o Frei David. Muito bem, Frei David. Agora, passamos a palavra ao ex-Governador Alceu Collares.

O SR. ALCEU COLLARES – Presidente Paim, eu quero saudar a Senadora Ana Amélia, o Senador Lasier Martins e V. Ex^a, Paulo Paim, por terem feito a indicação do meu nome para que eu aqui comparecesse para receber esta homenagem do Abdias.

Abdias foi meu companheiro de Partido. Ele era trabalhista, brizolista, socialista e teve, sem dúvida alguma, uma influência muito grande não apenas como militante do PDT, mas como Deputado Federal e também, depois, como Senador.

Dos livros do nosso companheiro Abdias, todos com muito conteúdo, com muita substância, com muitas ideias, com muitos projetos, o mais avançado deles é o livro sobre o quilombismo. *O quilombismo* é uma forma de governo em que se verificam o socialismo democrático e a propriedade da terra coletiva, alterando profundamente isso que é estrutura capitalista do mundo.

Eu vou declamar um poema meu e pedir aos companheiros, através das suas entidades, se assim resolverem, que tentem fazer a chegar a cada negro, a cada negra no Brasil um instrumento que possa despertar na consciência de todos que cada um de nós tem uma responsabilidade, que cada um de nós tem que participar.

Se somos perseguidos, se somos vítimas da escravidão, como fomos ao longo do tempo, o que ainda perdura em muitas partes do próprio País, também temos que ter consciência política – e é exatamente isso o que está se discutindo – no sentido de que nós podemos. Nós os negros e as negras podemos. Se nós os negros e as negras podemos, está faltando é realizar, é fazer, é avançar, é participar, é conscientizar, é ter, sem dúvida alguma, no dia a dia, a vontade de transformação. Não nos basta uma tribuna. Não nos basta um discurso. O que nós temos que fazer é transformar o dia a dia em instrumento de luta. E não há segmento que

tenha mais razões ou razões mais profundas para um grande movimento, transformando-o em uma revolução, do que o negro e a negra, porque o nosso sangue é cravado de injustiças, de maldades. É por isso que nós temos condições não só pelo Brasil, mas também pelo nosso povo, que está enterrado nos confins da injustiça social que sofremos.

Eu vou declamar um poema que eu fiz há um longo tempo, mas eu vou pedir aos companheiros, principalmente da Fundação, que, se acharem que tem conteúdo, que tem mensagem, que é possível chegar à consciência do negro, para que não se satisfaçam apenas com o discurso, mas também com a participação. Os partidos estão aí, quase todos eles fragilizados, mas não há democracia sem partidos políticos. Todos nós os negros, tendo consciência do nosso poder e da nossa força, vamos escolher um deles e vamos começar a fazer uma revolta lá dentro dos partidos, com a presença nossa, no cotidiano de cada atividade.

[Negro]

Mandam no teu destino.
Mas ele é teu, meu irmão.
Ergue teus braços finos
E acaba com a exploração
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma
Põe teu voto na mão.

[Negro]

Tua casa está caindo;
Pouca comida tem no fogão;
Tua mulher está mal vestida;
Teu filho de pé no chão.
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão;
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.

Cristianismo, judaísmo, [islamismo];
Todos querem a tua salvação.
Tu rezas noite e dia,
Ninguém ouve a tua oração.
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.

Cristianismo, judaísmo, [islamismo];
Todos querem a tua salvação.
Tu rezas noite e dia,
Ninguém ouve a tua oração.
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma;

Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.

[Negro]
Construíste, com teu trabalho.
Toda riqueza desta nação;
Por justiça, tens o direito;
Vai pegar o teu quinhão.
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.

A liberdade é o pão do espírito;
Do corpo, a liberdade é o pão.
Desperta pra luta, amigo;
Faz tua revolução.
O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.

O voto e tua única arma.
Põe o teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão

O processo que nós vamos fazer tem que ser trabalhado na consciência de cada um. Há aí uma mensagem, para nós acreditarmos na nossa condição de cidadão. Só nós negros e negras temos um poder revolucionário muito grande, porque ele é construído em cima da injustiça social que nós sofremos! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Sempre Deputado Federal e sempre Governador, Governador Alceu Collares! Falou pouco até, meu Governador!

O SR. ALCEU COLLARES (*Fora do microfone.*) – Vamos fazer a revolução! (*Risos.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Esse foi o nosso querido ex-Governador, sempre Deputado Federal, Alceu Collares.

Agora, chamamos para usar a palavra, a Presidenta da Fundação Cultural Palmares, Sr^a Cida Abreu, com a presença aqui dos Carlos Moura, o primeiro Presidente da Fundação Cultural Palmares. (*Palmas.*)

A SR^a CIDA ABREU – Eu quero, em primeiro lugar, Paim, Senador e Presidente desta sessão solene, dizer que estou muito feliz de falar depois do nosso Governador Alceu, porque eu sou produto dessa luta, Senador. Governador, eu fui empossada pelo movimento negro por quem está aqui e que foi o primeiro Presidente da Fundação Cultural Palmares e hoje divide comigo o pensamento, o Dr. Carlos Moura. (*Palmas.*)

Presidindo hoje a Fundação Cultural Palmares, com um quadro formado por essas pessoas que acreditaram na filiação de um partido e entenderam que a revolução estava a partir da nossa participação política, eu fico extremamente honrada de estar hoje aqui representando essa organização institucional de governo.

Eu quero também pedir aqui licença para cumprimentar os servidores em nome da D^a Edir, que queria que ficasse de pé. É uma funcionária de 27 anos da Palmares. (*Palmas.*)

Em nome da D^a Edir, em nome dos servidores da Fundação Cultural Palmares, eu quero dizer que eu tenho a honra de receber a mais alta Comenda representada por um negro na Casa do Congresso Nacional, no Senado Federal.

Eu entendo que a Fundação Cultural Palmares reúne todas as representações que estão não só na mesa, mas também na nossa plateia. É uma instituição que nasce, como rememorou e revisitou a Elisa, de uma luta de negros e negras para ter no espaço público um órgão que tratasse do tema das relações étnico-raciais. E a Fundação Cultural Palmares nasce do tombamento do maior e do mais importante espaço na América Latina

de resistência negra, que é a Serra da Barriga, o Quilombo Zumbi dos Palmares. A Fundação não nasce de uma vontade alheia, ela nasce de uma resistência. Então, é importante entender que, em 1986, quando se tomba a Serra, se cria uma assessoria para que cuidasse da serra. E posteriormente, em 1988, ela se torna uma autarquia do Governo Federal que, até hoje, representa com muita propriedade e respeito os territórios quilombolas, os territórios de matriz africana, os territórios indígenas e a cultura urbana não só da metrópole, mas principalmente da periferia, que é onde está a cultura contemporânea que fala da realidade de uma sociedade.

Eu acho que o primeiro cumprimento que eu quero dar é à memória de Zumbi, aos ancestrais. Eu quero também aqui cumprimentar a memória de Abdias, cujas cinzas descansam na Serra da Barriga. Suas cinzas descansam num patrimônio cultural ancestral de cem anos de resistência contra a escravidão e que deu origem a essa instituição, hoje aqui homenageada com o seu nome. Então, isso é para entender um pouco a história de como se constrói também a legitimidade da representação negra e das manifestações culturais no Brasil.

Quero cumprimentar a todos os Senadores e Senadoras que estão aqui presentes.

Quero cumprimentar também o Zulu Araújo, que esteve aqui. Não sei se todo mundo viu, mas ele esteve e me fez um cumprimento, de abraço, de longe. Foi também um Presidente da Fundação Cultural Palmares, um baiano que muito fez pela cultura afro-brasileira.

Eu acho que a nossa proposta, hoje, de receber a Comenda, a principal homenagem aqui no Senado Federal, só reafirma o papel estratégico e fundamental dos órgãos que cuidam das relações raciais no Governo.

Sabemos que, mesmo sendo 51%, 52%, 57% da população brasileira, a população negra é a maioria. É por isso que eu quero de novo me remeter à fala do nosso Governador Alceu, sobre a maioria que tem que se apropriar do seu voto, que tem de se apropriar da mudança – é o que ele disse aqui – e que tem que se apropriar do seu patrimônio, que é o território brasileiro, porque, enquanto nós não fizermos essa revolução da mudança de conceito, de pensamento e de representação, essa propriedade vai estar em risco.

É por isso que esses espaços do Senado e da Câmara Federal são importantes, para reafirmar e para que a gente, na tribuna – que é o único lugar que por enquanto nós temos para falar –, possa dizer, como representante da Fundação Cultural Palmares, que nós estamos vivos, que a cultura afro-brasileira está viva e ela está nos territórios contemporâneos e tradicionais para dizer que a população negra brasileira e a população negra escravizada africana no Brasil deram origem a esse cenário de visibilidade que o nosso País tem. Então, essa consciência e essa deferência têm que se dar à população negra.

Nesta Casa, que, comemorando o mês da consciência negra, de tantas lutas, vem reafirmar, a partir dessas sessões, a partir de várias atividades, nós queremos aqui afirmar também que nós estaremos firmes na trincheira até que a revolução da mudança possa ser feita.

Eu quero terminar dizendo a vocês que a Fundação Cultural Palmares, após o 20 de novembro, que foi o primeiro 20 de novembro que eu dirigi, estando à frente da Fundação Cultural Palmares, vai indicar ao IPHAN a cidade de União dos Palmares para ser patrimônio nacional e vai indicar à Unesco a Serra da Barriga para ser patrimônio da humanidade. (*Palmas.*)

Dessa forma, nós poderemos garantir, na história e nos espaços institucionais, não só no Brasil, mas fora dele, o respeito, a conservação à memória, à oralidade, ao simbólico e à matriz africana, que é o que faz, que é o que justifica e que é o que sustenta a Fundação Cultural Palmares.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem.

Essa foi a Presidenta da Fundação Cultural Palmares, Cida Abreu, que rendeu homenagens também ao nosso querido Moura, primeiro Presidente da fundação, velho companheiro de guerra, articulador da criação da fundação, ainda na época do ex-Presidente Sarney. Eu estive junto com você lá.

Agora, eu queria passar a palavra ao Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares, o nosso querido amigo José Vicente.

(*Soa a campanha.*)

O SR. JOSÉ VICENTE – Ex^{mo} Senador da República Paulo Paim, na pessoa de V. Ex^a, eu quero transmitir os mais efusivos cumprimentos de amizade, estima e consideração de cada um dos membros da comunidade acadêmica da Universidade Zumbi dos Palmares, de cada um dos membros da Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural (Afrobras).

Peço licença a V. Ex^a para estender os cumprimentos também aos Ex^{mos} Senadores e Senadoras que fizeram uso da palavra, que compõem essa comissão especial e que também fizeram a indicação minha e dos colegas, na pessoa da Senadora Lídice da Mata, na pessoa da Senadora Ana Amélia, da Senadora Lúcia Vânia, da Senadora Vanessa Grazziotin e do Senador e amigo de sempre Cristovam Buarque, a quem coube a honra de ser indicado para competir a essa Comenda importantíssima.

Peço também a licença a V. Ex^a para transmitir um abraço de amizade, de afeto, à minha querida amiga Elisa Larkim, viúva do Senador Abdias Nascimento, com a qual, ao longo dessa trajetória, trabalhamos e realizamos discussões importantes dentro desse tema e cuja grandeza e dedicação ao nosso tema, Sr. Senador e Presidente, permitiram que tivéssemos, há aproximadamente 15 dias, um dos grandes acontecimentos dentro desse tema, na cidade São Paulo, no Estado de São Paulo, que foi viabilizar a presença do Prêmio Nobel de Literatura, Wole Soyinka, que esteve conosco ao longo desses três dias. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Você o trouxe, inclusive, à Comissão de Direitos Humanos. Foi importantíssimo.

O SR. JOSÉ VICENTE – Também.

Wole Soyinka, um prêmio Nobel negro, nigeriano, que veio ao Brasil, em São Paulo, para nos estimular e para mostrar que não existe obstáculo quando existe trabalho e crença na capacidade de superar.

Quero pedir também licença a V. Ex^a para fazer uma saudação muitíssimo especial a esse que, seguramente, é a referência de todos nós, que é o nosso queridíssimo Governador Alceu Collares. *(Palmas.)*

Dentre as possibilidades que a vida me ofertou, Senador, uma foi poder fazer uma pequena celebração em homenagem a grandes personalidades que abriram o caminho e que permitiram que pudéssemos chegar, inclusive, a essa tribuna hoje. E uma delas, satisfatoriamente, foi ao nosso Alceu Collares, o primeiro a receber o Troféu Raça Negra, na cidade de São Paulo.

Quero também dizer que essa Comenda, esse reconhecimento, essa premiação, compartilho com cada um dos negros paulistas.

É bom frisar que Abdias Nascimento era um paulista, de Franca. É bom frisar que a luta de Abdias começou em São Paulo. E é bom frisar que foi por ali que ele estimulou a todos para que pudessem um dia ter coragem de lutar a luta que precisasse ser lutada.

Nós, em algum momento, compreendemos que tínhamos uma obrigação e um dever de fazer mais por nós, pelas nossas futuras gerações, pela nossa cidade, pelo nosso Estado, e mesmo pelo nosso País.

E, nesse dia, nós, os negros paulistas – e podemos dizer os negros de todas as cores paulistas, porque, no nosso grupo e no nosso trabalho, negros e brancos juntam-se na mesma direção – imaginamos que pudéssemos contribuir com o nosso tema se criássemos uma instituição de ensino superior onde todos pudessem participar do processo civilizatório e libertador da mente; onde todos pudessem construir um novo caminho para os corações, e onde todos, irmanados, pudessem construir um novo cidadão, um novo indivíduo, em que o valor da diferença não fosse obstáculo, em que o caráter e o sentido de defesa à dignidade da pessoa humana pudessem ser o norte e pudessem fazer com que isso se constituísse o combustível da sua luta e do seu trabalho.

Para isso, criamos uma instituição de ensino, e essa instituição de ensino nós nomeamos com a nomenclatura daquele que nos antecede e daquele que construiu o caminho, que foi Zumbi dos Palmares.

Hoje, quando completamos 15 anos; hoje, quando nós já colocamos mais de três mil jovens negros formados, nós queremos, com esta premiação, dizer muito obrigado aos Senadores da República, que permitiram que este trabalho se concretizasse, que este trabalho cumprisse seus objetivos e que, nesta tarde, este trabalho fosse reconhecido, de modo que, em nome de toda a nossa comunidade acadêmica, na pessoa de V. Ex^a, quero dizer muitíssimo obrigado a todos os Senadores da República e quero também cumprimentar cada um dos meus colegas, que, como eu, recebem esta Comenda nesta oportunidade.

Em nome dos jovens negros paulistas, em especial, queremos dizer que estamos felizes e honrados por esta distinção.

Muitíssimo obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem.

Este foi o Reitor José Vicente, da Universidade Zumbi dos Palmares.

Agora, passamos a palavra à Prof^a Mari Baiocchi, que vai falar aqui da Mesa. O microfone já está ligado.

A SR^a MARI BAIOCCHI – Serei breve. Quanto à oportunidade, agradeço nesta sessão ainda, a esta Casa a outorga da Comenda Abdias Nascimento.

Destaco para meus agradecimentos a ilustríssima Senadora Lúcia Vânia; o Ex^{mo} Presidente da Mesa, Paulo Paim, que foi o Presidente da comissão e que está presidindo esta Mesa; todos que possibilitaram que o trabalho fosse feito, que as pesquisas fossem realizadas e que eu pudesse repassar às comunidades alguma coisa de útil e de conquistas sociais que elas mereciam.

Agora, quero referendar duas coincidências que me comoveram muito nessa Comenda Abdias Nascimento.

Eu conheci Abdias no Teatro Experimental do Negro, nos anos 1950, no Rio de Janeiro, que, juntamente com Maíte, uma sua colega, montava uma peça. Ensaíavam na UNE (União Nacional dos Estudantes).

Mais tarde, precisando de apoio para os kalungas, dirige-me a Brasília. A quem? A Abdias Nascimento. Então, por dois momentos Abdias entrou na minha história de vida.

Então, onde você esteja Abdias, meu agradecimento a você também.

E outra coincidência do prêmio é que o Senador aqui presente chama-se Paulo Paim. Aí me lembrei de que a primeira comunidade em que trabalhei, que pesquisei, em que tivemos algumas conquistas importantes, como a questão fundiária, foi Cedro, no sul de Goiás, no sudoeste goiano.

Quando, nos anos 1980, lancei o livro *Negros de Cedro*, contando a história da comunidade, quem escreveu o artigo, discutindo o livro? Isaías Paim.

Então, dois Paim estão na minha história de vida hoje.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Quer dizer, um Paim incomoda muita gente, dois Paim incomodam muito mais.

Mas incomoda, não me estou elogiando.

A SRª MARI BAIOCCHI – À ilustríssima e querida Lúcia Vânia, Senadora pelo nosso Estado, o meu profundo agradecimento pelas suas palavras. Estou muito comovida.

Como o tempo urge, não vou estender-me mais.

Muito obrigada a todos, aos colegas de Comenda, a todos aqui presentes, e a Carlos Moura.

(*Soa a campainha.*)

A SRª MARI BAIOCCHI – Eu não me esqueci, Carlos Moura, de quando batalhávamos pela Fundação Palmares, pela sua criação, em 1984, 1985, 1986. Eu estive na criação da fundação e lembro-me de você.

Agradeço também aos meus filhos e aos meus netos que me acompanharam.

É só o que tenho a dizer. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem, Profª Mari Baiocchi.

Meus cumprimentos pela sua fala, que lembrou um pedaço da história de todo o nosso povo, inclusive a vida e a relação do Abdias.

Agora, representando o Sr. Carlos da Silva Santos, *in memoriam*, a filha do homenageado, Srª Neiva Maria Santos da Silva.

A SRª NEIVA MARIA SANTOS DA SILVA – Boa tarde a todos.

Cumprimento o Ex^{mo} Sr. Senador Paulo Paim, Presidente do Conselho da Comenda Senador Abdias Nascimento; a Ex^{ma} Srª Senadora Ana Amélia Lemos; o Ex^{mo} Sr. Senador Lasier Martins; as autoridades e os demais presentes.

Agradeço aos Senadores gaúchos pela indicação da homenagem prestada em memória ao meu pai, Carlos da Silva Santos.

O que poder-se-ia dizer sobre ele? Que foi exemplo de homem público, sem nunca deixar macular sua imagem durante todo o período em que exerceu, com dignidade, a vida pública, como representante do povo, dos desprovidos de uma condição financeira melhor, das crianças com necessidades especiais, dos idosos, etc.

Só temos a agradecer eu, minha irmã e demais familiares pela lembrança ao receber a Comenda Senador Abdias Nascimento, depois de muitos anos de falecimento de nosso pai, que foi exemplo para todos nós, deixando um legado de dignidade, fé, crença e respeito mútuo ao próximo.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Muito bem!

Srª Neiva Maria Santos da Silva – que aqui falou em nome do inesquecível Deputado Carlos da Silva Santos (*in memoriam*) –, meus cumprimentos pela fala, objetiva e muito bonita.

Agora, passo a palavra ao representante do Sr. Linduarte Noronha (*in memoriam*), o filho do homenageado, Sr. Leonardo Henrique Ponce Leon Noronha de Oliveira.

Depois, no encerramento – não me esqueci de V. Exª –, a última palavra será de um Senador, o Senador Hélio José.

O SR. LEONARDO HENRIQUE PONCE LEON NORONHA DE OLIVEIRA – Boa tarde a todos.

É com muita honra que venho receber, em nome do meu pai, esta Comenda, que é tão importante e por uma causa tão nobre. Eu queria agradecer, em nome da família, esta honrosa homenagem.

Em particular, meu muito obrigado também ao Senador Cássio Cunha Lima, que foi quem indicou o nome do meu pai a receber esta Comenda.

“Aruanda”, que foi o documentário realizado por meu pai na década de 60, que conta a história de um povoado quilombola, na Serra do Talhado, na Paraíba, soa como um manifesto; o manifesto de um homem que sempre ressaltou, em seus trabalhos, as suas preocupações sociais e antropológicas. E essas preocupações sociais e antropológicas incluem a formação da sociedade brasileira, na qual o negro tem papel mais que fundamental.

Não vou me prolongar muito.

Eu gostaria de encerrar este agradecimento com uma parte de um discurso que meu pai fez no lançamento de “Aruanda”, ainda na década de 60, em João Pessoa, no qual ele falou: “O documentário não é um meio para publicidade gratuita de seus realizadores, mas elemento provocador de debates ao homem que não vive alheio aos problemas e finalidades da espécie.”

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Esse foi o representante do Sr. Linduarte Noronha, homenageado *in memoriam*, filho do homenageado, o Sr. Leonardo Henrique Ponce Leon Noronha de Oliveira, que, percebendo que já são quase duas da tarde, fez de forma bem objetiva também o seu pronunciamento.

Assim, passo a palavra ao Senador Hélio José, que, tenho certeza, será também muito firme, muito claro e bem objetivo na sua fala.

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF. Sem revisão do orador.) – Boa tarde a todos.

Eu queria cumprimentar o nosso Presidente, S. Ex^a, o Senador Paulo Paim, e cumprimentar o Sr. Governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares. Cumprimento toda a Mesa, também cumprimentando a nossa querida Elisa Larkin Nascimento, viúva do nosso querido colega Senador Abdias Nascimento.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, em atenção ao Requerimento nº 688, de 2015, protocolado pelo Senador Paulo Paim e outros subscritores do Senado Federal, o Senado Federal promoveu, na semana passada, uma sessão especial em homenagem ao Dia Nacional da Consciência Negra – acabou sendo nesta semana, na verdade – e à Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver. Na ocasião, também se deu a segunda edição da outorga da Comenda Abdias Nascimento, que hoje estamos fazendo.

Com efeito, o dia 20 de novembro tornou-se especialmente importante e simbólico para a comunidade negra no Brasil, pois assinala o dia da morte do herói Zumbi dos Palmares, representante da força e da tenacidade do povo negro, líder de um quilombo que resistiu, por mais de 100 anos, a pressões diversas, entre elas as investidas das tropas militares portuguesas e holandesas.

São tantas as lutas da comunidade negra, tão discriminada por tantos!

Devido ao avançar da hora, vou considerar meu discurso lido, do qual lerei só o último parágrafo.

Quero dizer que é com muita alegria, Senador, que eu venho aqui prestar essa homenagem. Acho que os nossos irmãos negros – tenho um avô negro também – merecem todo o carinho, todo o apoio. Nós temos de ser contra qualquer tipo de discriminação, qualquer tipo de situação em que se trate as pessoas de forma diferenciada.

Ontem, tivemos muita dor aqui em ter de reconhecer a posição do STF, que nós reconhecemos – eu, o Paulo Paim e a Senadora Lúcia Vânia –, mas com o coração partido, porque é um amigo de todos nós, uma pessoa que tem o carinho desta Casa, e foi envolvido numa trama. Nós avalizamos a posição do STF, na esperança de que a justiça prevaleça e as coisas sejam esclarecidas o mais breve possível.

Contra todos os nossos irmãos negros, jamais poderia aceitar qualquer tipo de discriminação. Essa Comenda Senador Abdias Nascimento é muito importante. Acho que ela coroa um momento muito importante na vida de todos que a receberam, e também de nós todos que estamos aqui, concedendo-o.

Muito obrigado, Senador Paulo Paim.

Um grande abraço a todos.

Peço que considere lido o meu discurso.

SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR HÉLIO JOSÉ.

O SR. HÉLIO JOSÉ (Bloco Parlamentar Democracia Progressista/PSD - DF. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} Senadoras e Srs. Senadores, em atenção ao Requerimento nº 688/2015, protocolado pelo Senador Paulo Paim e outros subscritores, o Senado Federal promoveu, na semana passada, uma Sessão Especial em homenagem ao “Dia Nacional da Consciência Negra” e à “Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver”. Na ocasião, também se deu a segunda edição da outorga da “Comenda Abdias do Nascimento”.

Com efeito, o dia 20 de novembro tornou-se especialmente importante e simbólico para as comunidades negras do Brasil, pois assinala o dia da morte do herói Zumbi dos Palmares, representante da força e da tenacidade do povo negro, líder de um quilombo que resistiu por mais de 100 anos a pressões diversas, entre elas as investidas de tropas militares portuguesas e holandesas.

Vários aspectos relacionados à vida dos negros foram destacados pelos oradores. Discutiram-se as dificuldades de plena inserção social, as iniquidades ainda hoje observadas quanto às oportunidades educacionais, de emprego e renda, tudo sob a sombra de um mal velado racismo, que subsiste perme-

ando as relações sociais, a despeito dos esforços dos movimentos negros e de todos os cidadãos que reconhecem e combatem a chaga do preconceito e da discriminação.

De fato, Srs e Srs. Senadores, os números são eloquentes. Não se discute que na última década houve avanços significativos na luta dos negros por equidade e justiça social, mas, apesar dos avanços ocorridos, algumas chagas históricas ainda reclamam os remédios jurídicos e as políticas públicas adequadas.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) divulgou recentemente, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, um estudo sobre o mercado de trabalho para os negros nas principais capitais do País. Os resultados mostram que persistem as desigualdades raciais no mercado de trabalho, e que estas condicionam as oportunidades de vida de determinados grupos populacionais na sociedade brasileira.

De acordo com o Dieese, abro aspas, “o rendimento médio por hora dos negros cresceu na maioria das regiões, mas ainda experimenta diferencial expressivo e bastante inferior em todas elas. Em Salvador, onde há maior presença de negros na estrutura produtiva, o rendimento médio por hora recebido por eles correspondia a 62,7% do dos não-negros. Em Fortaleza, onde a situação era menos desigual, a proporção era de 77,5%”.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística dispõe de números semelhantes. Apesar de a diferença salarial entre brancos e negros ter decrescido nos dez anos compreendidos entre 2003 e 2014, devido, sobretudo, à política de valorização do salário mínimo, a desigualdade continua. A média de rendimento de trabalhadores negros e pardos é de R\$ 1.507,35, enquanto brancos recebem, em média, R\$ 2.596,86, uma diferença de 41,9%.

Tais disparidades se repetem em todas as categorias profissionais pesquisadas pelo IBGE. Obviamente, a diferença salarial revela uma faceta da discriminação sofrida. Além disso, os negros estão mais presentes em ocupações precárias, nas quais não há proteção social ou carteira assinada, além de sofrerem com o aumento do desemprego.

Srs e Srs. Senadores, um grupo populacional é particularmente penalizado, pois sobre ele converge uma dupla discriminação. Refiro-me, é claro, às mulheres negras, que sofrem as decorrências das iniquidades raciais e de gênero.

Sr. Presidente, o mencionado estudo do Dieese conclui que “a desigualdade no acesso ao mercado de trabalho e nas condições de trabalho que afeta os negros é ainda mais intensa quando se trata das mulheres negras. A dinâmica do mercado de trabalho expressa os padrões vigentes nas relações raciais e de gênero na sociedade brasileira”.

A discriminação em uma área vital como a de geração de renda é inadmissível. Mas o viés mais sinistro do rol de violências contra a mulher se verifica nos indicadores relacionados a mortes de mulheres. A sociedade brasileira depara-se com um fenômeno que vem sendo denominado “feminicídio”, como atesta o estudo publicado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, denominado Mapa da Violência 2015 - homicídios de mulheres.

Em 2013, 7,8 mulheres foram assassinadas todos os dias. Entre 2003 e 2013, a taxa de homicídios de mulheres cresceu 8,8% no Brasil, mas entre as mulheres negras o aumento foi de inacreditáveis 19,5%! Srs e Srs. Senadores, tais indicadores demonstram a necessidade premente de elaborar políticas que protejam os direitos das mulheres negras e contrabalançam as iniquidades a que estão sujeitas.

Ontem a Comissão de Educação, aprovou em caráter terminativo o PLS 515, de 2015, de autoria da nobre e aguerrida senadora Fátima Bezerra, que Institui o Ano de 2016 como o Ano do Empoderamento da Mulher na Política e no Esporte. Tive a honra de relatar favoravelmente esse Projeto, mas o protagonismo e toda glória cabe à autora, a senadora Fátima Bezerra, e a todas as senadoras que têm lutado incansavelmente para fazer frente à dominância masculina na política. Para mudar, precisaremos de uma participação significativa da mulher na política, senão equilibrada com a composição da população. O mesmo vale para a população negra.

A composição de nossas instituições políticas e econômicas tem que mudar. O Brasil só branco e só masculino está fadado a desaparecer.

Era o que eu tinha a dizer!

Muito obrigado, Sr. Presidente!

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Cumprimento o Senador Hélio José, brilhante como sempre. Resumiu em poucas palavras esse momento tão importante da vida de todos nós.

Nós vamos encerrar esta sessão de homenagem – alguém já me disse aqui atrás que é sessão de homenagem e não audiência pública. É que eu fiz hoje a 120ª audiência pública este ano. Batemos todos os recordes nós mesmos. Eu já havia feito 80 num ano, mas não 120, e aí fica a mania de falar audiência pública, que é um evento importante, onde debatemos com a sociedade as questões de interesse de toda a nossa gente.

Já fiz o discurso na abertura, e quero encerrar agradecendo a presença de todos aqui, principalmente a todos os convidados presentes, ao plenário que heroicamente ficou aqui ouvindo, desde às 11h até este momento. Mas é um momento importantíssimo, meus amigos, essa reflexão que aqui foi feita.

O Governador Collares me provocava aqui, e eu a chamo de Cida pela liberdade e amizade, ela vai muito ao Rio Grande. Ele dizia, Paim, pega essa bandeira desse poema e sai por este País dizendo: “O voto é tua única arma, põe teu voto na mão, faz a tua revolução.”

Para que tenhamos mais negros e negras nas câmaras de vereadores, nas prefeituras, nas assembleias legislativas, aqui no Senado, na Câmara Federal, como governador e, por que não dizer, um dia termos neste País um presidente negro e uma presidenta negra.

Quero encerrar com o meu querido Governador Collares. Nós vamos nos levantar e você vai chamar este seu poema, que vai ficar marcado. Depois do poema, dou por encerrada a sessão.

Vamos lá, pessoal! Vamos lá, Governador!

O SR. ALCEU COLLARES – O Voto e o Pão.

Mandam no teu destino.
Mas ele é teu, meu irmão.
Ergue teus braços finos
E acaba com a exploração
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma
Põe teu voto na mão.
Põe teu voto na mão.

Tua casa está caindo;
Pouca comida tem no fogão;
Tua mulher está mal vestida;
Teu filho de pé no chão.
Faz tua revolução!

O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma
Põe teu voto na mão.
Põe teu voto na mão.
[...]

Muito cumprido, lá no fim diz assim:

A liberdade é o pão do espírito;
Do corpo, a liberdade é o pão.
Desperta pra luta amigo;
Faz tua revolução.

O voto é tua única arma;
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.
Põe teu voto na mão.
O voto é tua única arma.

Põe teu voto na mão.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Paim. Bloco Apoio Governo/PT - RS) – Obrigado a todos.

Está encerrada a nossa sessão de homenagem no mês da Consciência Negra.

Eu convido os Senadores presentes para que subam aqui – por favor, Senadora Ana Amélia, Senador Hélio José, Carlos Moura e todos aqueles que puderem subir aqui – para tirarmos a foto aqui com todos os homenageados.

Convido também a nossa querida Neuza Collares, para que suba aqui também.

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 39 minutos.)

Fale com o Senado
0800 61 2211

